J. de Castilho

O cemiterio

O ERMITERIO

COLLECÇÃO DE VERSOS

DE

JULIO DE CASTILHO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1876

O ERMITERIO

COLLECÇÃO DE VERSOS

DE

JULIO DE CASTILHO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1875

Chacun songe en veillant ; il n'est rien de plus doux.

LAFONTAINE.

... Tibi, namque tu solebas
Meas esse aliquid putare nugas.

AO MEU PRESADO TIO

O SENHOR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO DE NORONHA

LEMBRANÇA AFFECTUOSA E AGRADECIDA.

Abril de 1875.

J. de C.

AO PUBLICO

Perante os leitores de Portugal outra vez se apresenta, com um livro de poesias fugitivas, o autor d'estas paginas.

Como os seus **PRIMEIROS VERSOS**, é a presente collecção a escolha dos variados canticos, que ao acaso lhe brotaram da lyra no decurso dos annos.

Não tem, não pode ter, este opusculo presumpções de reforma, nem de novidade, nem de valia; tem-n-as porém de sinceridade. Como obra sincera é que elle merece que o tomem os grandes juizos publicos.

Por ter sido na sua maior parte engenhado em apartados ermos, para onde o instincto levava o devaneador, ou composto de inspirações longinquas dos mesmos amenissimos logares, se poz ao livro o nome de **ERMITERIO**.

Eis a razão do titulo, e da feição campestre d'esses quadrinhos quasi todos. Explicado isso, a obra litteraria que se justifique a si propria, se podér.

Se o não conseguir, afunde-se no olvido que mereceu.

I

O ERMITERIO DO VALLE

Hic gelidi fontes; hic mollia prata Lycori:
Hic nemus; hic ipso tecum consumerer ævo.
VIRGILIO — Ecl. x.

Ó meu doce ermiterio, eis-me em teus pobres lares,
pedindo á tua sombra a paz da solidão.
Fugi do povoado os riscos e os pesares;
busco em teu seio o ar livre; encontro a inspiração.

¡Salve, ó meu ermiterio, hospitaleiro abrigo!
acolheste-me a rir; abriste-me o teu lar;
o teu freixo avistou-me, e disse: —«O nosso amigo
«lá vem, lá vem; é elle o que nos sabe amar.»—

O cannavial fremente á margem do ribeiro
flauteou tambem não sei que silvestre canção;
a horta era um palmito; entrava um sol festeiro
pela escarpa ao redor. ¡Solemne saudação!

Lá no fim da azinhaga as tuas janellinhas
espreitavam-me a rir; e dizias tambem:
—«¡Lá vem o sonhador!»— E as pombas convisinhas
no musgoso telhado arrulharam: —«¡Lá vem!»—

E do manso olivedo o placido murmurio
siciava: —«¡É elle!»— E disse a nora em seu carpir:
—«¡Lá chega!»— E sentinella á porta do tugurio
troou: —«¡Bemvindo!»— o cão no franco seu latir.

No pateo a creação pipila pelo feno.
Brilha a vacca ociosa entre o floreo matiz.
Eu, feliz como um Rei, no meu Queluz pequeno
entro sorrindo e ufano; ignoto, mas feliz.

E disse: —«Eis-me, sou teu, ó valle, ó ermiterio.»—
E na rama de um olmo a lyra pendurei.
A aragem suspirava; e logo um canto aereo,
qual frémito de rôla, attonito escutei.

Harpa eólia a gemer etherea melodia,
silvo de briza estiva á lua entre um choupal,
voz celeste de Archanjo a annunciar Maria,
flauta de sylpho errante em lago de cristal,

disséreis ser a voz que saíu d'entre os olmos;
divina emanação de um ser superior.
Olhei, nada avistei mais que o olmeiro e os colmos;
nada ouvi, mais que a abelha; e logo: —«¡Amor! ¡amor!—

clamou d'entre o seu tronco a Fada do arvoredo—
«Poeta, aquella lyra é minha; o meu condão
«avassallou-m'a; és meu, por magico segredo;
«minha a tua poesia, e teu meu coração.

«¡Canta! ¡canta, poeta! aqui são os teus ares;
«este ermo fundo e alpestre é só teu, rouxinol;
«fadei-o eu para ti, mas são meus teus cantares;
«canta; e banhe tua fronte a luz do grande sol.»—

—«Sim— atalhei —«é tua é tua a minha lyra;
«bafeja-m'a; e verás a inspiração subtíl
«¡como entra na minh'alma! O teu olhar me inspira;
«renasço como a terra ao despontar de Abril.

«¿Oiço a tua voz? figuro estar-me a ouvir por longe
«philoméla a cantar. ¿Encontro o teu olhar?
«sinto o arroubo que sente em fundo claustro o monge,
«se implora a Virgem Mãe, e ajoelha ao seu altar.

«Ouvir-te é como ouvir a doce voz de um sino
«que chama á oração. Ver-te feliz é ter
«um reino de ambições; teu mando é meu destino;
«sou lua, e tu és sol, que a fazes resplender.

«¡Ver-te feliz! ¡banir do teu ceo toda a sombra!
«¡atirar a teus pés flores a plenas mãos!
«¡sob as plantas subtís suavisar-te a alfombra!
«¡ouvir a voz do ceo, que nos ligou de irmãos!...»—

E ella —«Eu sou feliz n'esta vida singela,
«só de ver-te gosar; floresces, floresci.»—
—«¡Ai! ¡repete-o!»— disse eu. —«¿Duvídas?—tornou ella—
«¿não tens meu coração a palpitar por ti?

«¡Canta! desfralda a voz, que o ecco d'esta serra
«sabe entender teu canto; e a serra é que não tem,
«como lá na cidade, o turbilhão que aterra,
«nem da vorage immensa o frivolo vai-vem.

«Não; aqui tudo é quedo, amante, rude, austero;
«como a aurora é bemvinda, a noite é sem pavor;
«os sonhos, sem negrura; o vigilar, sincero;
«o valle é todo verde; o ceo é todo amor.»—

—«Cantarei— respondi —«vir-te-hei trazer poesia
«n'hora em que entre o silvedo acordou rouxinol,
«quando fuma o casal, e tange a Ave-Maria,
«quando desponta a lua, e se esvanece o sol.

«Ess'hora é toda nossa; é a hora do mysterio;
«iremos surprendel-a além no laranjal,
«vendo a sombra da serra envolver o ermiterio,
«e a noite abrir o manto a resguardar o val.

«Doce e candido amor, um Deus, que ouviu meu rogo,
«não te perde de vista um momento sequer;
«tornou frescura e viço a ess'alma toda fogo,
«e deixou despontar o Archanjo na mulher.

«Cantarei; cantarei; ser-me-has esforçadora;
«teu sopro acordou já meu lasso bandolim;
«e, como a natureza é tua inspiradora,
«o amor que ella te influe o inspirarás a mim.

«Cantarei; cantarei. Aqui sim, tenho n'alma
«a esp'rança a reflorir, o estro acceso em cachão.
«Sinto em meu coração sêde que nada acalma
«de admirar o Creador na sua creação.

«Mais perto do Senhor, e melhor que antes era,
«sinto a luz celestial illuminar meu ceo.
«Eu era a solidão; tu foste a primavera;
«¡graças, graças, meu Deus! ¡rasgou-se o ultimo veo!

«¡Vejo a felicidade! e o perenne sorriso
«da bemaventurança é a suave luz
«que allumia os humbraes d'este alvo paraizo,
«onde a mão de um Archanjo os passos me conduz.

«Já nada mais desejo; um tugurio na vida,
«e depois... n'este valle uma loisa, e dormir;
«e sonhar ceos e Deus n'esta sombra querida,
«e ouvir do sino ao longe o suave carpir.» —

Setembro de 1867.

II

A CRUZ DO ERMO

> O sol quasi no termo
> com um brando reflexo
> cingia a cruz do ermo
> em amoroso amplexo.
>
> BULHÃO PATO.

I

Um pensamento a Deus. Chamou-me aquella cruz
além da beira do caminho.
Eu costeava os pinhaes extatico e sosinho;
ella fallou-me de Jesus.

Pregada ao tronco da oliveira
assemelhava um livro aberto.
O seu fallar enchia inteira
a solidão do meu deserto.

Dizia: — «Eu sou a mãe das alegrias;
«orae, que eu fallo ao berço e ao mausoleo;
«oremos; vão tanger Ave-Marias.
«Ouvi-me é orae, que eu fallo a voz do ceo.» —

N'aquella hora tão saudosa
do vago adeus de um bello dia,
¡oh! ¡ quê mortal melancolia
não respirava aquella cruz!

Era, entre a brenha penhascosa
do ermo pinhal quasi perdida,
como entre os páramos da vida
a voz suave de Jesus.

II

¿Impios?! nem sei se os ha; mas se existem, não ouso
medir co'o pensamento o abismo tenebroso
onde enfermam sem luz;

sem sentir dentro n'alma a poesia immensa
da tradição christã, ¡ d'esta benigna crença
no divino Jesus!

Pois que venham (se os ha) que venham ajoelhar
esses taes uma vez ante este humilde altar,
que em meio do arvoredo
algum pobre pastor, cheio de sã piedade,
ergueu, sereno e obscuro, á eterna Magestade,
e hão-de ver que em segredo

se lhes accende n'alma, e subita, a oração,
lampadario piedoso; e um vívido clarão
lá do celeste oriente
os doira de um sorriso incognito e jocundo;
¡ e entra-lhes n'alma, aberta ás vozes de alem-mundo,
um Deus omnipotente!

III

¿ Por que é fugir da Igreja, irmãos? não, não fujais.
Quando ella vos chamar, transponde-lhe os humbraes;
entrae na augusta nave hospedeira e sombria;
no presbyterio aldeão, que chora Ave-Maria;

na ermidinha serrana, oäsis do deserto;
buscae a cruz d'este ermo em vosso errar incerto,
se não quereis de todo, á porfia, e sem dor,
cerrar essa alma inerte a um Deus que é todo amor.

IV

Um pensamento pois ao nosso Deus clemente.
¡Suavissima a oração, que assim brota innocente
aos pés d'aquella cruz!
¡Quanto ella arraiga n'alma a poesia immensa
das tradições christãs! ¡a doce, a eterna crença
no divino Jesus!

Estrada dos Vargos ao Payalvo
Setembro, 12, de 1867.

III

A UM PAIZAGISTA

I

És artista. Essa fronte macilenta
resplandece de luz; teus olhos cavos
vêem, antevêem; na abobada infinita,
e na terra; no olvido, e no futuro.

Vi-te inda agora; penetrei a furto
no teu inspirativo sanctuario.

¡Que doce paz! sosinho, attento á obra,
pintavas silencioso; entre as mãos trémulas
a palheta, os pinceis; na mente, o fogo.
Poisaste a mão no cavallete, e olhavas
no esboço, informe e mal regido, um mundo.

A tela era um poema; uma bucolica.
Ao fundo ~~purpureavam horisontes;~~ o amphitheatro das montanhas;
recolhia um rebanho; povoas ermas
alvejavam por longe; o dorso escuro
do pinheiral cerrava os horisontes.
Arvores, um regato, uma campina;
nada mais. Ceo grisalho. A melancolica
simpleza da tardinha entre os oiteiros
enchia a tela a trasbordar. Sentia-se
ali Virgilio vivo, ali presente.
A magestade augusta do poeta
baixára do teu estro ao quadro attonito.
Tu, de pé, contemplavas, mudo, absorto.

II

¡Oh! ¡se eu podesse áquella hora, em quanto
no silencio do estudo porfiavas
na lide singular do pensamento,
trazer ao limiar d'aquella porta
Virgilio, o teu divino primogenito!

¡Se eu podesse, co'o dedo sobre os labios,
apontar-lhe o painel, e segredar-lhe:
— «¿Não a vês, mestre? a quérula palheta
«das eglogas de Mantua, eil-a, e inda brota
«caudaes de sobrehumana poesia.
«Parthénope, o teu Mincio, os teus Menalcas,
«tudo existe n'ess'alma de poeta;
«os balídos, as vozes da montanha,
«os segredos das rusticas moradas,
«vivem, mestre, n'ess'alma pensativa.» —

¡Oh! ¡se eu alí, subtil, pasmado á porta,
e sem que nada a ti nos revelasse,
me podesse inspirar do espanto d'elle!
Calados, e de pé, solemnes ambos
como quem pára ao limiar de um templo,
ver-te-hiamos pintar; carpir na tela
aquelle terno, vago sentimento
cujo segredo é d'elle e teu. Veriamos,
á meia luz da estancia, os teus bosquejos
pendentes na parede, accumulados
na espontanea desordem pittoresca:
além um torso antigo; além, caída
junto de uma cadeira seiscentista,
uma armadura velha; além um bronze;
e, no meio do cahos, tu, sereno,

co'a singela expressão contemplativa
que te annuvia o rosto, como a sombra
da tarde ao declinar de um bello dia.

III

Quando, mudo e sosinho, te afadigas
no concluir de um quadro, e vês já perto
a hora do certame, o grande dia,
em que entre o applauso publico, e os applausos
dos vencidos rivaes, teu pincel magico
fôr no vasto salão provar que és grande,
provar que ainda existe o sacro fogo
na tela portugueza, e que algum' ~~dia~~ hora
havemos de justar co'a Europa e o mundo;
quando a um quadro, teu filho, e companheiro
de tantos longos dias, vais tremendo
pôr a mão derradeira.... ¡esses instantes
que solemnes não são!

Assim (bem sabes)
treme o poeta ao ver caír no báratro
do publico oceano estas barquinhas
¡de tanta poesia! ¡os seus amores
de tantas longas noites mal dormidas!
¡os seus livros! As nevoas do horisonte

revelam-lhe parceis, tormenta, morte;
os pios de aves negras amedrontam-n-o;
recua; antes que ao vento enfune as azas,
¡oh! ¡que acerba agonia! Por um Gama
que monta o cabo, e reapparece ovante,
á flor d'agua, ao bom sol, ¡quantos afunda
o vasto olvido eterno!

A minha barca
velleja terra a terra; a tua aprôe
a mares nunca d'antes navegados;
abalança-te e volve, ousado lenho,
dominador do perfido elemento.
Vae, poeta, não cances na batalha;
lida sempre; a porfia é necessaria,
hoje que a arte esmoreceu.

IV

Caíram,
não sei d'onde, á região das artes bellas,
como invasão de barbaros famintos,
uns getas engoiados e bastardos,
Attilas pequeninos, cuja horda
á poesia, á musica, á pintura,

afundiu. Bem os vês: estes damninhos,
praga fatal de artisticas searas,
roem tudo, conspurcam, apeçonham;
é mister resistir ao truz da onda,
e emergir. ¡Não descances! cada aurora
te allumie indefesso no trabalho;
cumpre a missão, que a tens. Ensina o trilho
do mais puro ideal, com a palavra,
com o exemplo. A invasão do gosto falso
affoga as officinas. ¡Eia! ¡avante!
ergue-te, vingador! e a cada insulto
com que o huno deshonre as bellas artes,
responde co'os teus quadros cheios de alma,
onde o teu genio esplende como lua,
e onde sentimos palpitar no vago
de um Deus occulto o verbo omnipotente.

Lisboa, Outubro de 1863.

IV

FLAUTA NOCTURNA

I

Esta flauta é os meus amores;
¡ai! ¡ que triste é seu cantar!
toda a tarde e toda a noite
tem levado a suspirar.

. . . .

Entre os rumores confusos
da noitinha e da cidade,

¡oh! ¡que profunda saudade
tem esta flauta d'além !

¡que terna melancolia!
¡que lacrimosa harmonia!
¡que immensa dor que ella tem!

¡Ai! ¡longas notas perdidas,
que desferís tão sentidas
por toda a aerea amplidão,
como pombas attraídas
aos suspiros do verão!

¡Ai! ¡ternissimo instrumento!
¡feriste-me o sentimento
nas fibras do coração!

II

Um'hora gemes suavissimo.
Dir-se-hia occulto pastor,
reclinado em verde alfombra,
na avena, da faia á sombra,
devaneando um vago amor.

Então figura-se á mente
ouvir rugir o folhedo,
e tintinar brandamente
vago rebanho indolente
aos pés de annoso arvoredo.

Vê-se alastrada a planicie
de alcatifas verdi-claras;
vêem-se os choupos boleando,
e o ribeiro serpeando
nas amplissimas seáras.

Ouve-se ao longe a aravía
dos sininhos da aldeóla,
e algum maltez que divaga
pelos longes da azinhaga
ao compasso da viola.

Tudo a flauta nos figura;
tudo vemos, co'a magia
de estranhissimo condão,
debuxal-o a melodia,
da alma á funda escuridão.

Canta, flauta gemedora;
¡mas que triste é teu cantar!
¡toda a noite é um desatino!
¡toda a noite a bom chorar!

III

Outra vez a flauta errante
silva uns ais como de melro,
que entre as mortas ramarias
de outomniço castanhal,
na hora fusca do sol posto,
ao tanger de Ave-Marias,
vendo a borrasca imminente,
vendo a saraiva já perto,
vai refugiar-se entre folhas,
vai fugindo ao temporal.

Cresce a nuvem pardacenta;
uiva o buzio da tormenta;
chega a chuva; desce a noite.
E a nossa alma confrangida,
como a pobre ave perdida,
busca em balde uma guarida,
nem atina onde se acoite.

E as notas longas da flauta
são sinistras como o ceo
da invernia no alto mar,
quando baloiçado o nauta
dos oceanos no escarceo
vê a esp'rança a sossobrar.
Flauta, flauta meus amores,
¡ oh ! ¡ que triste é teu cantar !
canta, canta, és a poetisa
d'estas noites de luar.

IV

Outras vezes... são arrancos;
são as lagrimas da dor;
são os jubilos e as lagrimas;
é o amor, o muito amor.
¡ Cada arranco é uma elegia
de mestissima harmonia !
¡ tudo em volta são visões !
¡ vem Beatriz, e vem o Dante !
¡ vem Heloiza, e a Laura amante !
¡ e a Leonor do Tasso errante !
¡ e a Natercia de Camões !

E eil-as surgem, desgrenhadas,
evocadas pelo pranto
que em seu canto a flauta envia
aos longinquos mausoléos

Braços nus; na mão cipreste;
branca veste ao vento sôlta;
fronte envôlta em rosas brancas,
longo o olhar buscando os ceos.

Todas mestas e inda amantes,
ululantes, em chorêa,
melopêa tão sombria,
melodía de além-mundo
vão alternas a entoar;
e no canto estranho e lugubre
seus amores recordando,
namorando os ceos e o mar.

¡Oh! ¡quem sabe se esta flauta
é tambem alma fugida,
divagando erma e perdida
pelo vasto mundo além!
¡Oh! ¡quem sabe o amor que a punge!
¡pobre flauta! ¡a amar tambem!

¿Não n-a ouviste? aquelles gritos
os delirios são do amar.
¡Pobre flauta roladora!
¡como é triste o seu cantar!
¡Toda a noite, toda a noite
a ulular, a ulular!...

V

Recomeça; ¿ouviste? ao longe,
lá do fundo d'essas ruas,
¡d'entre a basta casaria!

Flauta, á fé que o não parece;
chora e canta; alma penada
deveu ser, que enamorada
por esses ares fugia,
e seu fadario cumpria.

¡E que triste é o teu fadario!
¡Quem te dera o breviario
do nosso padre Prior!
que esse traz remedio a tudo,
esse a todos traz amor.

¡Ai! ¡pobre alma roladora!
como rôla espavorida
vais carpindo-te a deshoras,
sem ter lar, sem ter guarida.

¿Onde vais? ¿qual é teu mal?
¿que sopro de Deus te envia?
¿que estrella de Deus te guia?
d'entre a nebrina eternal,
na tua profunda noite,
noite de tanta agonia,
¿onde luz o teu fanal?

Tudo é noite aos olhos teus;
trevas tudo ante os teus passos;
¡nem avistas nos espaços
a face eterna de Deus!

Nem inda acertas co'o fim
do teu lidado caminho,
nem encontras seraphim,
que a ti, cançada viajeira,
de esmola empreste o seu ninho.

Nem inda avistas no ceo
a estrella do ceo senhora,

a celeste imperadora
que tem seu throno no altar,
a suave intercessora
que ora por nós sem cessar,
a estrella, dos ceos esp'rança,
a amiga luz de bonança,
doce mãe que ensina a amar,
doce amor que é nosso guia,
a Virgem Santa Maria,
a clara estrella do mar.

¿Nada encontras, pobresinha,
no teu pesado fadario! ?
Por isso choras e choras
n'esses ais de puro dó.
¡Pobre alma penada errante
a boiar nos intermundios,
pelo ermo escuro tão só!

¡Chora, chora, alma penada!
¿não n-a ouvis? ¿não n-a escutais?
Ouvi que afflicto lamento
sólta ás lufadas do vento,
como uns uivos funeraes.

¡ Pobre flauta carpideira !
esta flauta é os meus amores;
¡ e que triste é o seu cantar !
¡ toda a santissima noite
tem levado a bom chorar !

VI

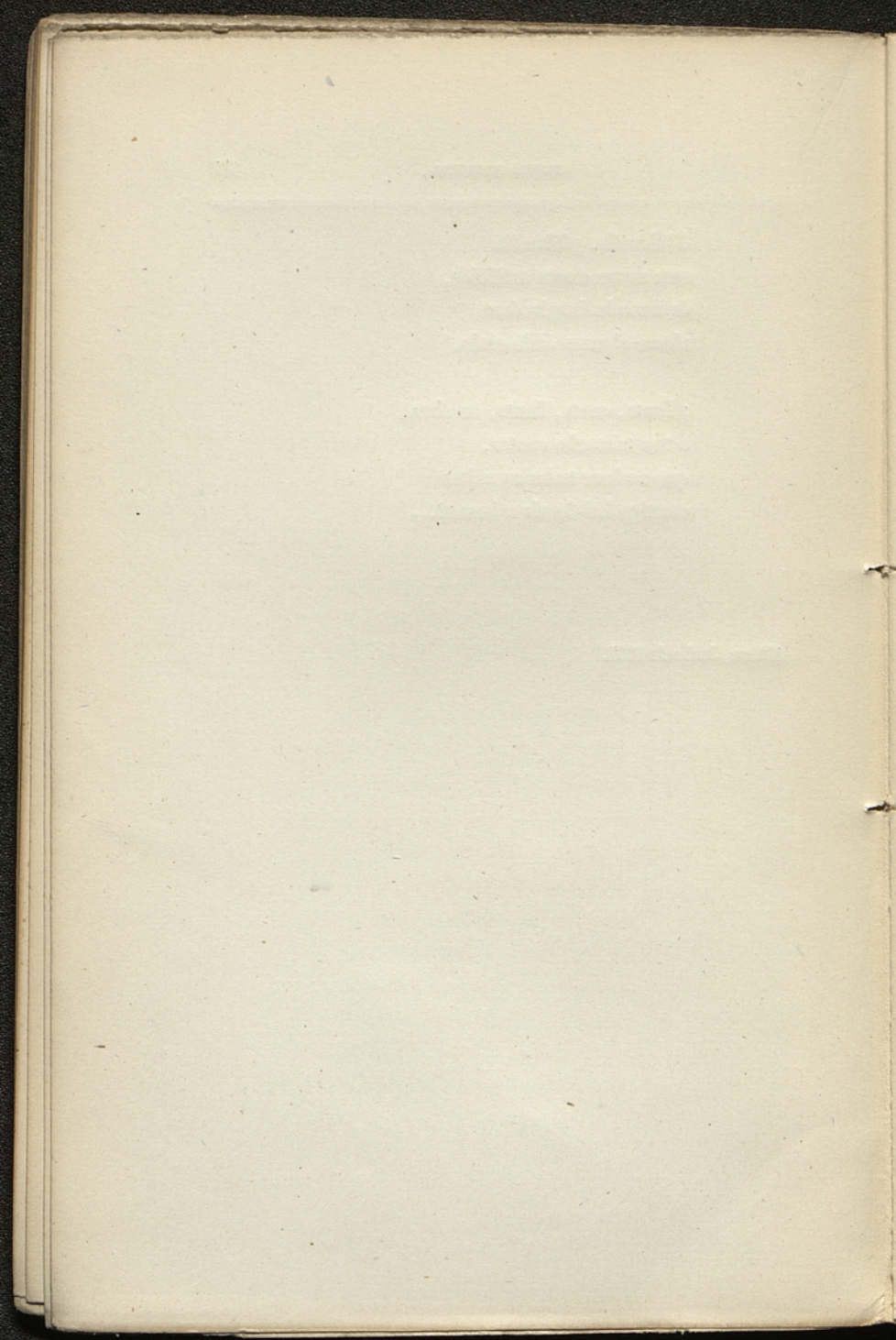
Pois, flauta amiga, eu t'o imploro;
bemvinda és tu cada dia;
vem, que és minha companhia
n'estas noites de luar.

Vir-te-hei sempre eu escutar,
alma errante, ou flauta amiga,
quando do teu escondrijo,
co'as tuas volatas magicas
me vieres conversar.

És qual philoméla occulta,
sumida, quasi sepulta
entre as franças de um cypreste,
cantando ás bemditas auras,
menos terrea que celeste,
respirando olvido e paz.

Philoméla, philoméla
sem nome e sem artificios,
és a minha inspiradora
n'esse algures onde estás.

¡ Canta, canta, flauta, ou alma,
o teu tristonho cantar,
que ao luar todas as noites
comtigo hei-de vir scismar!...

Alfama, Junho de 1867.

V

MELANCOLIA

I

¡Oh! ¡como é triste o deslizar dos annos
nos infecundos areaes da vida!
¡ver desmaiar o sol na despedida!
¡ver desfolhar tão cedo os desenganos!

Se implorâmos o ceo, responde arcanos;
se invocâmos a terra, é fementida.
O passado é já sombra esvanecida;
o porvir, insondaveis oceanos.

Como se escôa um fugitivo outomno,
tal se nos some a pallida existencia;
e eis-nos immersos no funereo somno.

¡Ai! ¡que fôra sem norte a consciencia!?
¡Que fôra, se do lucido seu throno
não velasse no escuro a PROVIDENCIA!!...

II

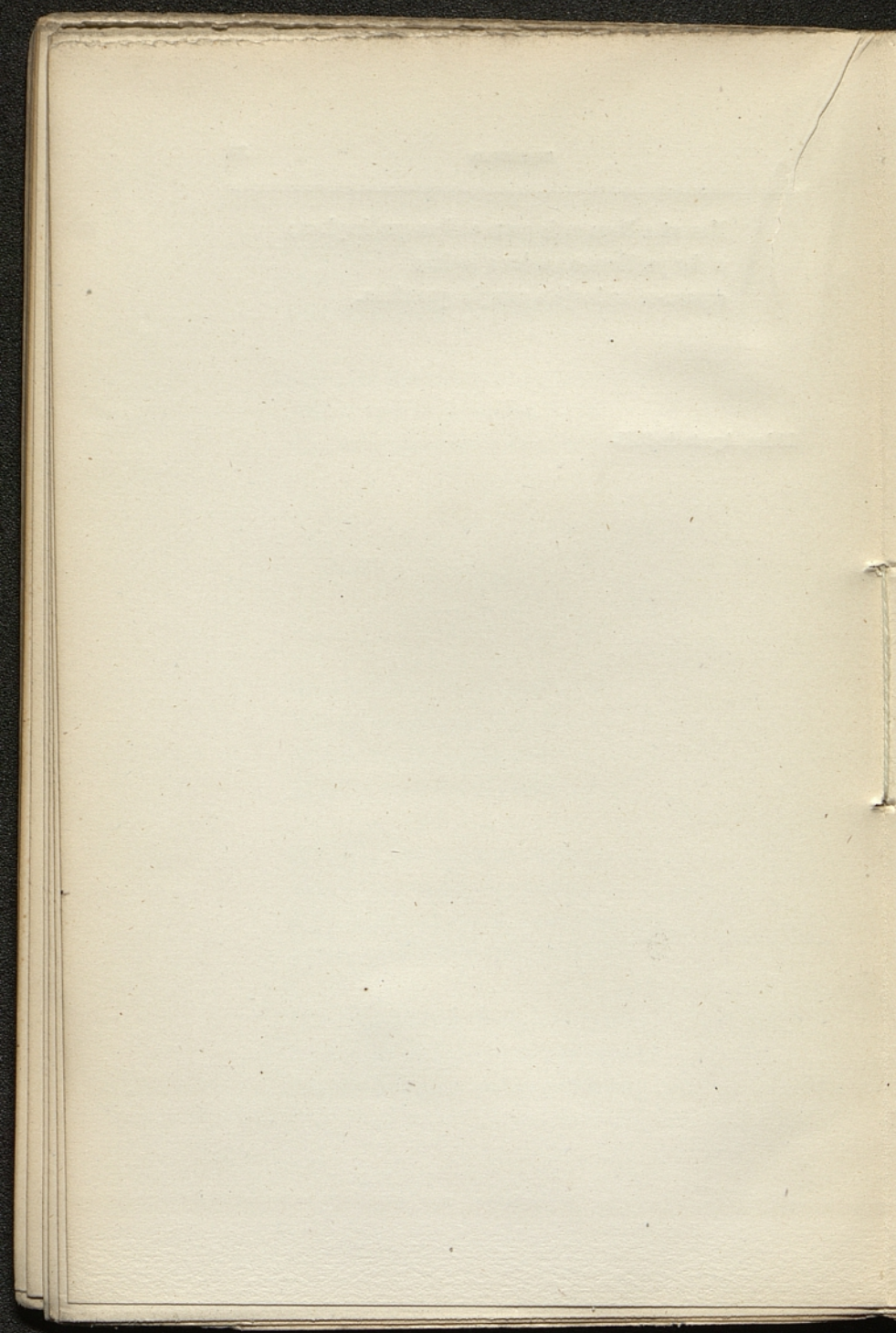
Não jazemos na mão de ignoto Fado.
Vela por nós materna Providencia.
Na rôta sideral magnificencia
entrevejo o seu throno constellado.

Em vagos sons no páramo azulado
oiço as lyras da angelica innocencia.
A grandeza de Deus, de Deus a essencia
enche, exalta o meu estro arrebatado.

Sim; no esplendor da abobada infinita
fulge a face de Deus; suprema aurora!
revelam soes o Ser que os ceos habita.

Mas vê a Deus mais perto a alma que implora;
a dor purificou-a; a dor a incita;
ergueu-se archanjo o coração que chora.

Lisboa, Agosto de 1873.

VI

OS PASSARINHOS DO AZINHAL

¡Matar o que é fraco e foge,
ou geme ferido ou preso!
¡triste vivente indefeso
que tem seus filhos e amores!

THOMAZ RIBEIRO.

¿Porque é fugir, passarinhos?
¿quem vos faz mal? não sou eu.
O azinhal, o ceo, os ninhos,
sombra, verdura, escaninhos,
tudo é vosso, e nada é meu.

Aqui sou eu vagabundo,
e forasteiro, ¡inda mal!
vós sois donos do azinhal;
este, é este o vosso mundo;

n'este bosque ermo e profundo
heis um eden terreal.

Comvosco se entendem bem,
aves do ceo, minhas dores;
vós cantais vossos amores;
de amor suspiro tambem.
Não deixeis pois o estrangeiro,
que ás vossas soidões pedia
abrigo, paz, alegria,
um remanso onde dormir.

Vosso chilrar menineiro
de fresquissima harmonia
diz co'o suave pungir
da minha melancolia.

¿Porque é fugir-me? ¿sou eu
acaso algum malfeitor?
¿Que damno temeis de mim?
olhae, não sou caçador.

Trago este livro, e não al;
venho-o ler na sombra vossa,
sumido n'alguma choça
que ahi me engendre o azinhal.

Não vos quero fazer mal,
nem mal fazer-vos ~~podia,~~
~~porque este livro se chama~~
~~AMOR E MELANCOLIA.~~

Quem o vem ler, quem o traz
ao seio d'este arvoredo,
ouve-o logo, que em segredo
lhe diz ao ouvido:
— «¡Paz!
«Paz ao bando voador
«dos ingenuos passarinhos;
«saiâmos, se és caçador;
«não furtes os paes aos ninhos;
«não roubes ao ninho o amor.
«Isto são uns bem-casados;
«a mão de Deus é que os guarda.
«Caçador, n'estes silvados
«¡quantos ninhos orphanados
«não deixa a tua espingarda!
«¡Detem-te, homem sem accordo!
«não roubes o filho aos paes,
«não roubes a mãe ao filho.
«¡Quantas dores, quantos ais,
«ahi por todo o arvoredo

«não pendem do teu gatilho!
«¡Que orphandades! ¡que viuvezes
«no cano d'esse trovão!
«¿Cuidarás que os pequeninos
«não têm tambem coração?»—

Tudo isto pensa este livro,
se o não disse; ¡e muito mais!
¿Porque é pois fugir, se eu entro?
passarinhos, não fujais.

Bem vêdes que n'estas sombras
quem vos faz mal não sou eu;
o livro tambem vos ama,
e innocente é o fallar seu.
Vinde pois, podeis brincar
sem medo á roda de mim;
chilrae vossas flautas de oiro,
que eu tanjo o meu bandolim.

¡Alegrinhas creaturas!
alada infancia innocente,
que o terno Deus das alturas

esparziu com mão clemente
para encantar as soidões;
¿quem vos ensina essa lingua
de palreira travessura,
que fallais aos corações?

Mas... ¿porque me esfórço e clamo?
fugis-me; em balde vos quiz.
Na espessura vos sumís,
a rir, a rir do reclamo.
¡Adeus pois!...

Quando eu perdia
o suave Abril dos annos,
quando a esp'rança se esvaía,
quando fugia a innocencia,
quando via os desenganos
a cerrarem-se, quaes sombras,
posto o sol da adolescencia,
em balde tambem clamava;
tambem de balde pedia
á cançada consciencia
minhas mortas ambições.

¡Mas á voz com que eu carpia,
o silencio respondia
no meio das cerrações!

¡Adeus! ¡adeus, passarinhos!
¡sois as minhas illusões!...
....

Vargos, Setembro de 1867.

VII

NA SIBERIA

DESABAFO SEMI-SATYRICO

Esto el moro Tarfe escribe
con tal colera y tal rabia,
que donde pone la pluma
el delgado papel rasga.
—*Romances del Moro Zaide*—
CANCIONERO ESPAÑOL

Reina a prosa. Algum bruxo malfazejo
tolheu-me, agrilhoou-me,
na sala official, medonho carcere,
que em verso nem tem nome.

Ri lá por fóra a esplendida Lisboa,
que inunda o meio dia.
Aqui mal chega um som fugaz, perdido,
da diurna harmonia.

O salão, que uns *estóres* anoitecem,
calado, vão, sem vida,
prostra a alma co'o somno e co'a impotencia
de lontra adormecida.

Ás mezas cabisbaixos companheiros,
graves e circumspectos,
vagam, mudos e absortos, lá por mundos
de officios e decretos.

Eu tambem scismo; mas n'um ceo nubloso
desliza a imagem tua,
como em noite outomniça atraz das nuvens
passa o clarão da lua.

Tambem medito; mas a mente adeja-me
etherea e livre ao longe;
tal, no extase do claustro, aos pés da Virgem
sonha embebido o monge.

¿Busco algum livro, por furtar-me ao lugubre
de negros pensamentos?
só vejo pela estante em fila inhospita
¡leis e regulamentos!

¿Chego-me a algum dos pallidos collegas?
mas, curvado ao registro,
¡vejo-o attento, escrevendo em lettras gordas:
Sua Excellencia o Ministro!

¿Volto-me a outro? ¡encontro-o ruminando
um artigo da lei!
¡Outro, apurando a paciencia e a lettra,
rabisca: *Manda El-Rei!*

Se abro a furto uma nesga da janella,
vejo passar vadios,
erguendo para nós, como de inveja,
os seus olhares frios.

Carranqueia o sinistro arruamento;
a turba, sem socego,
gira de um lado e de outro, ao som de carros,
e aos uivos do gallego.

Cerro a janella. Abro outra; e nem com esta,
meu Deus, me satisfaço.
Vejo a face prosaica, chata, e nulla,
do Terreiro do Paço:

as arcadas, o centro, que dá vizos
dos vastos Saharahs,
o cavallo, o arco eterno, e algum Ministro
co'o seu correio atraz.

Deixo a sacada, e digo: — «Oh! do outro lado
«ha quem me entenda a mim;
«vamos alem, beber o olor balsamico
«do folhudo jardim.» —

Jardim sumido entre horridas muralhas,
onde a sorrir se esconde;
tem acacias, loireiros, nespereiras,
tem um docel de fronde.

Mas ¡ah! ¡ triste jardim, cujos effluvios
são drogas e tabaco!
¡ jardim que sulcam silvos e carretas
dos mariolas de saco!

As aves que chilreiam n'essas ramas
bem sabem onde estão.
Não nos engana já teu rir metallico,
meu jardim de saguão.

As sombras d'este elysio aduaneiro
têm calculos profundos;
cada flor sabe o dia dos paquetes,
e a alta e baixa aos fundos.

Fecho a vidraça vil, como de carcere
gradeada e somnolenta,
e torno resoluto do *Deus guarde*
á gira fastienta.

¿Que fazer pois? os teus grilhões aceito,
Bastilha burocratica,
e aprendo (¿que remedio?) as leis, as formulas,
e... o antojo á grammatica.

A penna apostatou: devora atonita
só tinta glacial,
e corre no papel leguas por dia
de estilo official.

E quando o devaneio mais se exalta,
mais referve em poesia,
¡dou co'as azas na grade inexoravel
de uma... SECRETARÍA!

No antigo edificio do Ministerio do Reino,
junto á Alfandega — Agosto de 1860

VIII

O TROVADOR DA ALDEIA

> Não ha taes memorias, de tanto deleite,
> por onde a vontade melhor se espreguice,
> como as que rescendem aos beijos e leite
> da nossa apartada feliz meninice.
>
> Castilho — *Chácara da Nazareth.*

Uma tarde o pastor que habita na palhoça,
entre o olivedo, alem, saiu da sua choça,
e veio ter comigo ao pé do laranjal.
Encontrou-me a scismar, folheando por signal
o amavel Jocelyn do grande Lamartine;
livro triste, que move, e que se não define.

O pastor viu-me a ler. Coitado! e não pensou
que me ia interromper, pois sabe como eu sou,
que me enlévo a escutar na voz d'estes troveiros
as chronicas do povo, os soláos cavalleiros,
villancíco aldeão e lenda senhoril;
cancioneiro onde o povo, em magico arrabil,
sólta, a cada canção cheia de patria e crença,
queixumes¡ de um pungir, de uma saudade immensa!

Nem o pastor sabia o que era interromper;
trazia-me a guitarra, e veio-m'a tanger
encruzado e sombrio aqui junto ao meu lado.
Avisto-o, fecho o livro, e digo-lhe: — «Obrigado.
«Vieste em boa hora, amigo; canta lá
«um rimance dos teus. O sol descaiu já;
«est'hora é triste e meiga, e diz co'a poesia
«que tu sabes.» —

Do ralo a eterna symphonia
ao longe acompanhava o declinar do sol;
aqui a rude voz do aldeão rouxinol
preludiava um motivo, uma chácara ignota,
em que o amor vibrava, arfava a cada nota.

Tinha um gorro o pastor; de lã preta; na mão
a banza portugueza; em volta um cobrejão.
Um trajo pittoresco e largo, que elle usava
com brio e com desgarro, e certa expressão brava
no rosto requeimado e viril, certa côr
de cavalleiro errante, ou brigão trovador.

Começou a cantar; voz clara, e sem fadiga;
coloria com alma a poesia antiga;
punha realce e amor (mas nem sabia tal)
no tristonho carpir do solão nacional;
dava um tom de tristeza, um fundo todo pranto,
á chácara sombria, ao lamentoso canto.

Era gosto escutar-lhe as guerreiras canções,
que ouviu talvez Ourique aos Ricos e Infanções;
ouvir-lhe a bella Infanta em seu jardim sentada,
a mirar do alto eirado ao longe a nobre armada;
ouvir-lhe a lenda obscura, a lenda do solar,
ou queixumes de amor; todo o velho trovar,
com que o Orpheu Dom Diniz, co'a lyra irmã do sceptro
civilisava um povo, e assim tornava um plectro
do seu regio diadema irmão gemeo, e rival.

Toda essa nobre voz do extincto Portugal
é hoje o nosso enlevo, é hoje a nossa gloria.
Esses versos senís os mumifica a historia,
o critico os disseca, o estrangeiro os traduz.
Mas só o povo os põe na sua propria luz;
só o povo os entende, e só os vive o povo.

¡Que muito! são o povo, o antigo sempre novo,
são todo elle, a sua crença, o seu rosto, a sua voz;
alma e sangue do filho, alma e sangue de avós;
berço, e valla; officina, e lar, e templo, e rua;
nas guerras, elmo e arnez; na lida, eira e charrua;
ninho paterno; aldeia a aquecer-se ao bom lar;
mãe enferma e caduca a erguer-se no espaldar,
para abraçar o filho apoz tornada longa;
campanario aldeão, cuja sombra se allonga
saudosa ao pôr do sol; tanger dominical
de sino; cão fagueiro a latir festival;
gato amigo e caseiro; errabundo mendigo;
tudo emfim; a minucia; o nada; o tempo antigo,
o presente, o porvir. Essas pobres canções
dizem ao povo tudo. A gente dos salões
não as entende, e mofa.

O pastor do meu ermo
cantou muito essa noite; eu não lhe punha termo
á melodia agreste, e ouvia-o sem cançar.
Dir-se-hia que Mnasylo e Chromis, por brincar,
tinham preso e algemado este cantor Sileno,
e aberto a catadupa ao seu trovar sereno.
Como o virgiliano, o vate camponez
sabe tudo, mas tudo a sabor portuguez;
lembrou-me Bernardim, Miranda, Gil Vicente;
com elles remontei tres seculos na mente.

Disse-me a farça velha; a mystica d'então,
bem outra do que é hoje; o rimance aldeão
repassado de pranto, e sabendo a moirisma;
as furnas da montanha, onde a mente se abisma
em busca de alva moira encantada, a chorar,
que lá mora e inda espera a mão que a vá soltar;
as bruxas a cavallo em tétricas vassoiras,
correndo, a zombetear cruz, christãos, moiros, moiras.

Cantou mais Santa Iria, a monja virginal,
que obteve mausoleo na veia de cristal,
pois logrou, no furtar-se á tentação malina,
manter illeza a honra á casa nabantina.

Contou-me o cavalleiro, o monteador de Mós,
que o demonio enliçou no agro correr veloz,
um dia, em que, perdida a trilha aos mais monteiros,
sosinho ia a apupar por entre os nevoeiros,
levado atraz de um gamo, em furia, em turbilhão;
¡té que se afunda o gamo! e elle, perdido o chão,
sente o mar sob os pés do indomito cavallo;
subito rompe o sol; ¡e uma voz a chamal-o!
elle a clamar: ¡Maria! ella a bradar-lhe: ¡Sus!
¡elle a cair-lhe aos pés inundado de luz!

Cantou-me o Conde Andeiro, e o seu amor devasso,
jazendo fulminado ao truz de um forte braço.

Cantou Dom Pedro, o Infante, e a mallograda Ignez;
a infamada vingança, a orphandade, a viuvez;
tudo cantos viris, de rustica pujança,
onde a furto vislumbra odio ás aguias de França,
ao leão de Castella, astuto usurpador.

Por fim, ao terminar, perguntou-me:
— «Senhor,
«¿porque amais isto tanto?» —

Eu respondi:

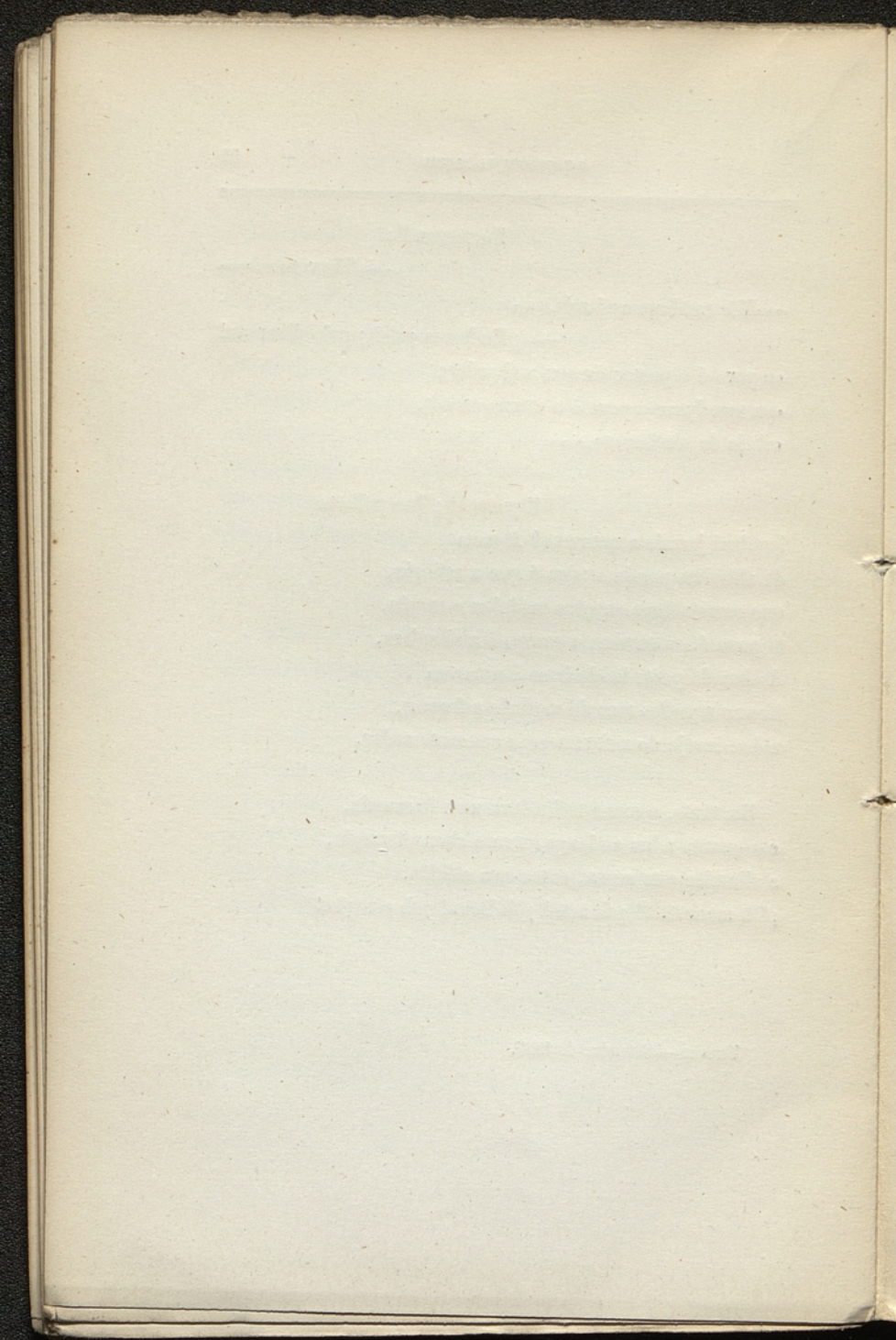
—«São versos.»—

—«Vós tambem os fazeis.»—

—«¿Eu? mas ¡ah! ¡quão diversos!
«o povo é o poeta; eu sou o rimador;
«eu toco lyra; o povo é o eterno cantor,
«cheio de sentimento.»—

E pensei: ¿Que palheta
igualará jamais a natureza? A meta
da altissima poesia o povo é que a attingiu,
que essas nobres canções modulou e carpiu.
O povo é a natureza; o campo é a simpleza.
A obra do poeta ha-de ir-se á natureza
buscar aquelles tons de verdade e frescor,
nobre inveja do artista accezo em santo ardor.

Em tanto, o menestrel rolava uma harmonia,
em quanto a lua ao longe entre o choupal surgia,
a allumiar esta scena, entre esta solidão.
¡Oh menestrel! ¡oh arte! ¡oh Deus! ¡oh coração!

Urmeira — Setembro de 1867.

IX

FÉ E RAZÃO

Hæc recolens in corde meo, ideo sperabo.
Jerem., *Lament.*, cap. iii, 21.

I

Esta crença, esta fé, que a mão da piedade
me poz no coração (¡graças, meu Deus!), a idade
m'a foi robustecendo; e hoje conservo-a inteira.

Cresceu, qual tenra faia ao rez de uma ribeira:
co'a raiz pelo escuro, e a copa farta á luz.
Canta-me n'alma a voz do divino Jesus.

II

Co'o barbaro podão quando o hortelão lá vem,
a faia treme toda. Assim tremo eu tambem,
quando a altiva *razão*, cutelo cego e surdo,
vem cortar-me na fé, co'o tredo gume absurdo.

Mas ¡oh prodigio! a troncha, em vez de fera e estulta,
concentra a seiva, augmenta a força interna occulta,
desata-a em folhedo, em sombra, em florescencia,
mal que os risos de Abril nos manda a Providencia.

Assim eu. Quando acabo a leitura, alta noite,
de um Voltaire, um Renan, que á fé são duro açoite,
em quanto oiço lá fóra uivar a tempestade,
menos fera, inda assim, que as furias da impiedade,
se olho além para a porta, entrevejo, a espreitar,
um Anjo todo amor, de pé no limiar,
co'o dedo sobre o labio, a apontar-me no escuro
um caminho de luz a incognito futuro...

....

Lisboa, Dezembro de 1867.

X

A ESCOLA ALDEÃ

........Vos hæc facietis maxima Gallo;
Gallo, cujus amor tantum mihi crescit in horas,
Quantum vere novo viridis se subjicit alnus.

Virg., *Buc.*, Ecl. x.

I

....

Lá no fim do logar aquella casinhola
musgosa, negra e triste, olha, amigo, é a escola;
mas a escola inda antiga, inda não restaurada.

O viandante que passa á beira d'essa estrada
ouve zumbir lá dentro a infancia, alegre Abril

da nossa vida; e vê todo o rancho infantil
curvado no trabalho, o improbo trabalho
do primeiro aprender, estrada sem atalho,
soalheira, tortuosa, onde se exhaure e cança,
sem arvores, sem fonte, a imprópida creança.
Tarde lá chegarás, redempção.

II

Quando eu ia
passando ali por perto, a ingenua vozeria
da turba juvenil sempre attraíu meus passos.
Hontem, vinha de longe; a calma, os membros lassos
trouxeram-me até lá. Dava a hora da entrada.
Sentei-me, para os ver, sob a verde latada,
que sombreia os humbraes do pequenino templo,
que deve á infancia pobre o pão, o ensino, o exemplo.

III

Vinham vindo á formiga. Aquelles, demorados,
furtando ao muro velho a amora dos silvados;
os outros, co'o boné correndo os passaritos,
e atirando ao besoiro o sacco dos livritos;

est'outro, a assobiar. Áquelles dois ou tres,
demonicos do ceo, nada escapa; o maltez,
por traz da cortininha, á vidraça da escola
saboreava o sol, namorando a gaiola,
que no torcido prego ao pé da trepadeira
pendurára ao ar livre a moça da trapeira.
Pois ao proprio maltez travêssa mão rechaça
repicando, ao passar, tamboril na vidraça.

IV

Iam entrando, entrei. No limiar, compõe
cada qual seu aspecto; entra solemne; põe
no cabide o barrete, e vai, submisso e mudo,
já sem nada de infancia, acantoar-se ao estudo;
saudado, já se sabe, o mestre, que suave
doira em vago sorriso a fronte oppressa e grave.

O mestre é um banido; um triste; um operario
da seara de Deus; um martyr sem sudario;
uma victima incauta apesinhada; um homem,
que a humildade e a pobreza aviltam e consomem.

Vede-me aquella fronte; a calva prematura
deu-lh'a o pensar, que não os annos; a estatura
verga a um pezo ignoto; o olhar amortecido
bem mostra que lá dentro ha só tenue brazido,
onde era d'antes fogo; a vida solitaria
fez-lhe um modo acre e frio. O coração do pária
foi bom; hoje é egoista e não crê. Não foi pae.
Já não ama; vegeta. Ignora onde assim vai
acossado do mundo; e, das cidades longe,
cumpre, amarrado ao poste, agra missão de monge.
É o monge, sem a cruz.

O baloiçoso açoite
do torvo mar da vida arrojou-o uma noite
para esta praia muda, ilha feroz, deserta.
E ali vive sosinho; e a alma se lhe aperta
quando contempla o mar.

Não commenta os destinos;
come pão negro, e ensina os pobres e os meninos.
Não os repulsa, não; tambem não os attrai.
Não é velho, e tem cãs; tem filhos, sem ser pae.

V

Tal é o mestre. ¿E a escola?

A escola é uma choça;
menos choça que as mais, porque é triste. É palhoça
o telhado. Galgou-lhe acima a trepadeira
mais util do quintal, a cheirosa hervilheira,
como a dizer, do throno a que subiu:
—«O futil
«não adorne a choupana onde se alberga o util.» —

Por dentro a escola é sempre escola: glacial.
Nua a parede; ao fundo um Christo sepulchral;
ardosia, bancos, meza austera, tecto escuro.

Que ninho a bafejar os germens do futuro!

VI

¿E a creançada?

¡Oh! essa alegre e toda vida,
lá fóra; aqui, oppressa, inutil, aborrida.

Lá fóra, oiço-os chilrar; aqui, zumbir.

Lá fóra,
na luz de toda a crença inda os inunda a aurora;
e nem sonham, em quanto a face afogueada
lhes escorre o suor da festival jornada
de casa até á escola, e a brisa lhes besoira
na harpa eolia subtil da farta grenha loira,
nem sonham que armadilha e visco traiçoeiro
lhes prepara o porvir, cruel passarinheiro.

Aqui, vejo-os sem luz, curvados a uma leira
¡onde não ha rabisco em paga da canceira!
¡Não sabem o que faz um mestre, quasi um Argus,
em lhes dar o saber a sorvos tão amargos!
¡não entendem porque ha-de a mão que dá o ensino
arvorar sceptro assim, tão cru e tão ferino!
nem que o homem imponha a sciencia a ignorantinhos,
quando Deus tudo ensina ao sol, e entre carinhos;
nem porque ha-de o silvedo estar-se a rir, e as hortas
co'as noras a cantar; e a cá d'aquellas portas
hão-de elles, na galé da estólida lição
remar o dia inteiro, ¡e sempre, e sempre em vão!

Lá fóra, Deus sorri.

Aqui, este homem torvo
grunhe. A carteira, a hora, o livro, é tudo estorvo.

Lá fóra ha luz, ha sol, ha passaros, ha vida;
tem peixes o ribeiro, e campanario a ermida.

Aqui, a pedra negra; a lugubre mobilia;
livros sem distracções, e casa sem familia.

Lá fóra nos trigaes loirejam as espigas;
vão bailar no terreiro á tarde as raparigas.

Aqui da lida ingrata os funebres aprestes;
inexoraveis leis; reprehensões agrestes.

¡Nas lareiras da aldeia ha contos tão festeiros!
ri-se, ouvem-se cantar á viola os cantadeiros.

N'este salão tristonho é crime o conversar;
o interrogar é crime, e outro crime o ignorar.

O mestre opprime o alumno; esgota-lhe a memoria;
calca-lhe a intelligencia, e brande a palmatoria.

¡O banco é rude, a meza é crua, é bruto o ensino!
¡oh! ¡que ninho tão fero aos membros de um menino!

¡o livro é triste, o Christo é surdo, o ensino é duro!
¡oh! ¡que barbaro ninho ás pombas do futuro!

Nas almas infantis dos alumnos
~~N'aquelles corações, pela manhã~~ cantava
um anjo, em quanto a mãe os vestia, os lavava,
lhes dava leite e pão, e os enviava ao mestre.

Agora, que elle os vê, co'o seu olhar alpestre,
que a lição machinal começou, que os perigos
crescem, como em tormenta, e os barbaros castigos
troam, ri no seu antro algum demonio algoz.

....

VII

É tempo de acabar a escola assim. ¿Quem poz
a carranca minaz na piscina das aguas?
¿quem misturou co'o riso o soluçar das máguas?
¿quem foi sentar o algoz na cáthedra do ensino?

....

VIII

Quando saí d'ali, fui triste. Ao longe o sino
badalava solemne o santo meio dia,

hora do descançar; co'a alegre vozeria
lá saíram tambem. Vi-os longe. A gaiola
torce emfim os varões, e as victimas da escola
lá vão beber cantando a liberdade e o ar,
no campo, e á sombra farta onde os espera o lar.

Passava então por mim o alumno pobre, o neto
da viuva da ponte; o seu fatinho preto
dil-o orphão; vem a passo, a ladear o combro,
co'um quarto de pão negro, e uma sacola ao hombro.

IX

E eu murmurei, ao ver sumir-se o alumno triste:

—«¡Fatal obcecação! a alegre escola existe;
«é nossa; é portugueza. Ahi se educam almas;
«criam-se homens ahi. Bate a alegria palmas,
«canta o jubilo, aprende a tenra intelligencia,
«exulta o coração, amando a Providencia.

«¡E porque é portugueza a punem co'o martyrio!
«¡vilissimo não ver! ¡tristissimo delirio!

«¡E ha-de sempre uma ideia, assim como a semente,
«que á terra se dispõe, por que a terra a avivente,
«germinar só na terra! ¡e a triste da utopia,
«para um dia viçar e frutear um dia,
«precisa... (¡oh! ¡Providencia! ¡oh! ¡lugubre misterio!)
«¡o silencio da campa! ¡a sombra! ¡o cemiterio!!...»—
....

Agosto de 1868.

XI

Á SERRA

(IMPROVISO)

Sellem cavallos e ¡vamos!
¡presto aos pincaros subamos,
ver os largos horisontes
que nos abre a serra além!

Todo o valle a orlar os montes;
prados, combro que os recorta,
e os ribeirinhos da horta,
e as nuvens que vão e vêm.

Vamos, vamos, doce amigo,
traze as tintas, e comigo
vem beber a fina aragem
que é das aguias e é dos ceos;

ver como a vasta paizagem
tem sentir, lingua, eloquencia,
e diz muda: ¡Oh! ¡Providencia!
¡e nos mostra a mão de Deus!

Setembro de 1867.

XII

A MISSA NO VALLE

> Io amai sempre, ed amo forte ancora,
> E son per amar più di giorno in giorno
> Quel dolce loco!...
>
> PETRARCA.— Son. LXV.

¿Não te lembras, não, querida,
n'aquelle saudoso val,
da saudosa branca ermida,
co'a festa dominical
tão risonha, tão florída?

Das herdades do arredor
¡como a turba ali corria!
e entre as palmas do altar-mór
¡que formosa que sorria
a Mãe do celeste amor!

Quando era á missa do dia,
os camponezes devotos
alastravam á porfia
flores, promessas, e votos,
aos pés da Virgem Maria.

O bom padre abençoava;
e co'a benção do pastor
no arredor tudo medrava;
era um palmito, um primor,
o campo onde elle chegava.

A innocencia é que ali mora;
o ministro do Evangelho
dir-se-hia um monge d'outr'ora;
todo carinho e conselho;
paz por dentro, amor por fóra.

¡Quem outra vez me lá dera,
n'aquella santa guarida,
toda sombreada de hera!
hei-de ir vel-a, a minha ermida,
quando volte a primavera.

Sepulchros no hervoso chão;
¡e uma cruz no meio do adro!
¡oh! ¡dulcissima a oração
que brotava ante esse quadro
de serena inspiração!

Tinha assumpto feiticeiro
quem pintasse a capellinha
no throno do seu oiteiro,
co'a selva sua visinha,
e o seu trajo domingueiro.

¡Que painel! ao fundo, a sombra
do pinhal descendo o monte;
aos pés, a relvosa alfombra;
do templosinho na fronte
a latada que o ensombra.

¡Ai! a missa, a missa além,
¡que doçura que não tinha!
¡que misterio que não tem!
¡ai! ¡a rustica ermidinha
que bem que ali está! ¡que bem!

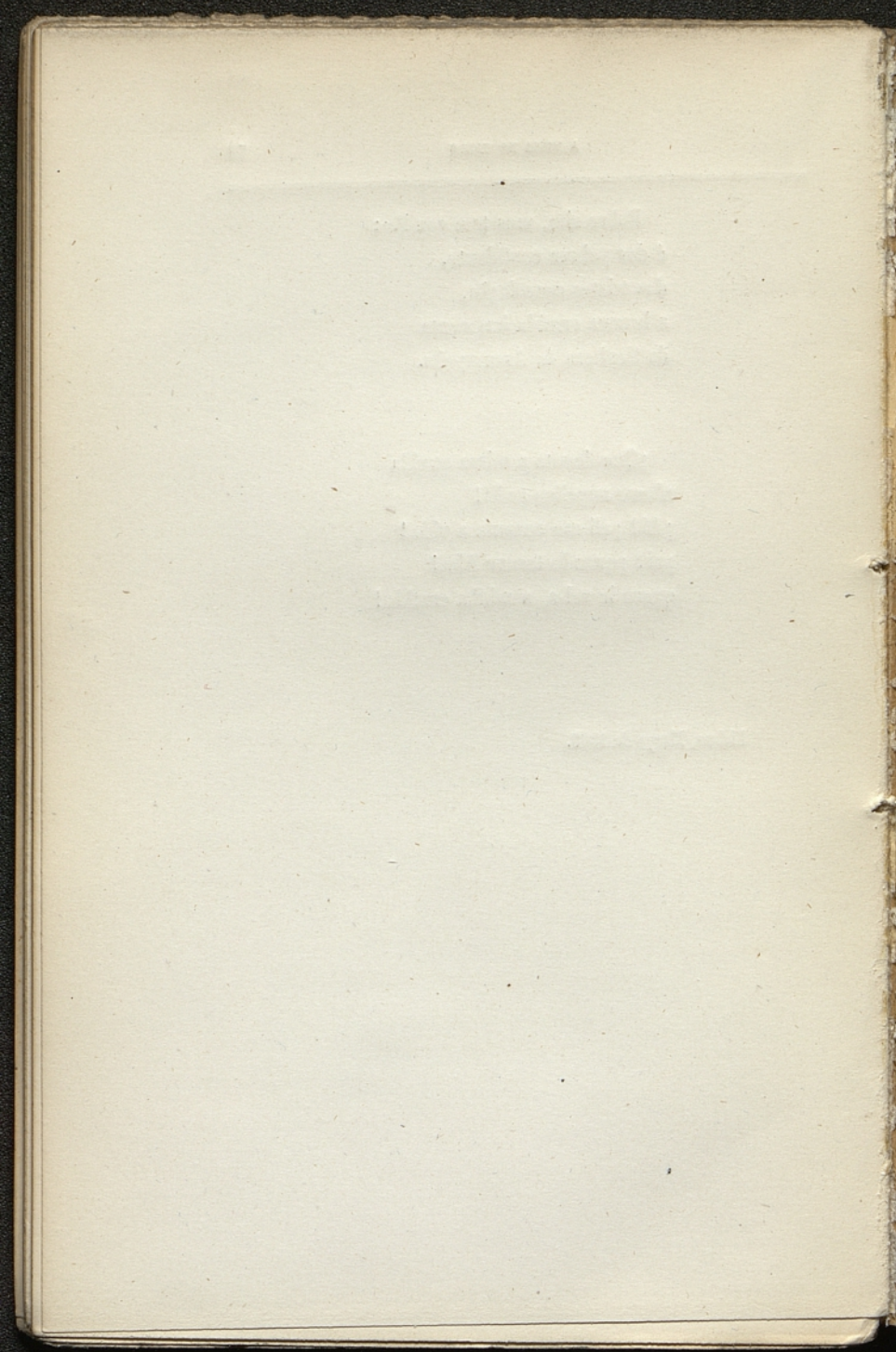
Não tem seda, oiro, riqueza;
não tem quadros opulentos;
tem a ingenua singeleza
dos seus pobres paramentos;
mas ¡que bemdita pobreza!

A sineta está rachada;
a madeira toda é pinho;
a Senhora foi achada
n'um covão junto ao moinho;
o calix, prata doirada.

É tudo humilde e serrano.
Mas ¿que importa? eu amo-a assim
tão festeira ¡ha tanto anno!
Mais me encanta a pobre a mim,
que o mais rico Vaticano.

Pobre sim, mas tem condão:
é dos pobres confidente,
dos tristes consolação,
a branca ermida innocente
da Senhora da Assumpção.

¡Que devota a missa ouvida
n'esse angelico redil!
¡Ai! ¡ali me encanta a vida!
¡ai! ¡quando tornar Abril
quero ir vel-a, a minha ermida!

Lisboa, Março de 1868.

XIII

GIL VICENTE

(DEPOIS DE UMA LEITURA DO SEU AUTO «EXORTAÇÃO Á GUERRA»)

Lustrosa armada esquipa, e ousado a leva
com denodado arrojo á Lybia ardente,
Jayme, Duque immortal, que mais eleva
da Brigantina estirpe a gloria ingente.

VIALE, *Bosquejo metrico.*

D'esses mimos indianos
hei grã medo a Portugal,
que nos recresçam taes damnos
como os de Cápua a Annibál.

SÁ DE MIRANDA.

I

Meu velho Gil Vicente, ó dos meus verdes annos
suave inspirador, teus intimos arcanos
são o meu doce enigma. A tua obra, hoje escura,
é como uma Pompeia, onde a alma em vão procura
reconhecer os seus na cidade perdida,
destrinçar um caminho, achar um rasto á vida.

6

No nosso mundo de hoje o teu livrinho, ó mestre,
são ruinas e sombra. A hera, o cardo alpestre
já foram pendurar nas tuas arcarias
os vetustos festões, por onde as elegias
das lugubres soidões vai sussurrar o vento,
mesclando ao teu silencio o seu feral lamento.

II

A conversar comtigo ¡oh! ¡quanta vez passeio
por esse campo fóra! apraz-me o devaneio,
quando entrego ao teu estro a minha phantasia.
Oiço do teu laude a vibrante harmonia,
menestrel singular. Por ti surge na mente
o Portugal d'então redivivo e presente.
O povo aventureiro, a cidade, os monarchas,
tudo em teu panorama engrandeces e abarcas,
genio sincero, immenso, eterno adivinhão.
Inda hoje a tua voz eccôa na amplidão.

Tudo em roda de ti caíu, murchas as galas
dos povos e dos Reis. Tu porém vives, fallas;
sobreviveste illeso ao baquear das ruinas.
Por ti surgem da historia as eras manuelinas;
por ti da velha côrte as salas opulentas

descerram os portaes; tu só inda aviventas
da gothica cidade as viellas profundas,
lhe emprestas o teu ser, do teu luar inundas,
o alcáçar mauritano.

E o rio em tanto espelha
a romana moirisca, a cidadinha velha,
que, por todos os caes, ao longo da bacia
vastissima do Tejo, aspira a marezia
que lá vem do seu mar, do mar que em seus horrores
esconde os galeões dos seus navegadores,
e só de longe em longe alveja, e do profundo
faz surdir uma vella, e atraz da vella um mundo.

III

Meu bom, meu velho Gil, ¡que vezes, sob a folha
onde acabei de ler, que vezes se me antolha,
a crescer, a crescer, o teu perfil tão puro!
Cresces; ¡eis-te a meu lado! o teu pellote escuro,
a estatura serena, a scismadora fronte,
o longo, o immenso olhar vagueando no horisonte,
caída a debil mão sustendo a grande lyra,
o coração que pulsa, o peito que suspira...
¡adivinhei-te! és tu, leve, subtil como ave,

embalando minh'alma ao teu tanger suave;
és tu, meu immortal, cuja rude harmonia
é ind'hoje caudaes de estranha poesia;
és tu, nobre histrião, que ao povo e á magestade
ousaste (¡ e quanta vez!) gritar alto a verdade;
e, deixando a ficção dos theatraes personagens
rebuçar o preceito em scenicas roupagens,
¡quanta vez verberaste o látego do insulto,
co'a força tão leal do teu dizer inculto,
contra o fausto, o esperdicio, a incuria soberana,
que vias afundar a gloria lusitana!

¡Como havia de eccoar nas salas rumorosas
do paço festival, entre os laureis e as rosas,
entre o brocado e o oiro, entre o carpir suave
das tiorbas do amor, o teu dizer tão grave,
tão bom e tão sincero!

IV

Um dia, menestrel,
sacudiste indignado o feliz Dom Manuel,
acordaste-o do sonho em que o embalava a esp'rança,
e bradaste-lhe: ¡Sus!

*

V

A estirpe de Bragança
enviava a Azamor o Duque Jayme. Ardia
guerra lá na moirama, e o Duque armas vestia.

No paço é a despedida; a turba em vivas galas
moveu-se á voz do chefe.

É noite. As vastas salas
do novo Palatino ás praias da Ribeira
congregaram a flor da expedição guerreira.
Brilham mottos de amor nos telizes e charpas;
Amor suspíra.

Em tanto os bandolins e as harpas
casam-se co'a poesia á voz de Gil Vicente
no Auto da Exortação. El-Rei sorrí contente;
a côrte applaude e ri. Um monge nigromante,
co'o trajo de primor, e a labia saltitante,
em meio aos cortesãos, em frente ao throno augusto
declama o seu papel; alegre rir sem custo
acolhe o palavrorio abstruzo e cabalistico,
eas artes diabrís do negro bruxo mystico.

Deixemol-o fallar, e olhemos.

Das donzellas,
umas vejo-as no vão das gothicas janellas,
onde em ricos festões já se contorce e enlaça
o gothico florído, e onde ora na vidraça
bate a lua; outras vejo em volta em espaldares,
mas co'a mente bem longe a precorrer os mares;
outras de pé no estrado. E cada uma scisma
n'algum gentil guerreiro; e tem odio á moirisma;
e pensa nos saráos e festas da tornada,
co'o proximo volver da vencedora armada.

E assim prosegue o auto, em que um estro immortal,
o teu, famoso Gil, em versos sem igual
a Achilles e Scipião mescla Zebrão, Danor,
Policena a Annibál, Penthesilêa a Heitor;
e unindo-os na caldeira ardente da harmonia,
de tudo extrai cantando assombros de magia.

VI

De repente, ao rumor, aos risos e ao folgar
succede o ermo silencio, o oppresso meditar;
e os guerreiros, ha pouco altivos e farfantes,
coram do oiro que luz na cruz dos seus montantes.

Foi a tua voz, vidente, a tua nobre voz,
que bradou: —«¡Guerra! ¡guerra! ¡ás armas! ¡tento em vós!»—

VII

Folgavam; nem pensava a incauta mocidade,
que tamanho esplendor, tanta felicidade,
tanto laurel viçoso... ¡occaso os sumiria!

—«¿E que monta o porvir? ¿não temos á porfia
«as minas do Oriente? ¿o sorriso das bellas?
«¿as palmas da ventura? ¿os olhos das estrellas?
«é colher e gosar; ¿que importa o mais? ¿que importa?»—

VIII

E cantavam. Do reino emtanto á vasta porta
se encostára a espreitar uma figura estranha,
mascarada, sinistra, e muda.

¡Oh! era a Hespanha;
era o leão traidor, o leão tigre e abutre,
que do reino prostrado e morto já se nutre,

e aguarda, entre a nebrina em que a envolve o porvir,
a aurora sepulchral que ha-de allumiar Kibir.

E olhava de soslaio a pallida figura.
Ninguem por ella deu. Só a ti se afigura,
como a um bardo sagrado acceso em prophecias,
ver, no escuro do tempo, em não remotos dias,
a ruina da patria.

Oh! n'essa hora triste,
co'os olhos no porvir ¡quem vira o que tu viste!
¡que scenas, que visões, que sombras em cardume
passaram de tropel n'esse estro todo lume!

Domina ao perto e ao longe a vasta monarchia;
páreas de grandes Reis lhe offerta cada dia.
¿Quem pensa no porvir? Lisboa é vasto emporio
ao commercio do mundo. O cabo Tormentorio
abriu a porta de oiro ao fúlgido oriente.
¿Quem pensa no porvir? gozemos do presente.

Mas tu, só tu, propheta, encaravas no escuro
co'a lugubre phantasma envolta no futuro;
e em tua lingua atrevida, e em teu rimar sem lei,
bradavas duramente ao reino todo e ao Rei.

IX

—«Lembre-vos que o favor, com que nos hoje enfuna
«as azas dos baixeis tão prospera fortuna,
«finda. Tambem se afunda o astro aos grandes Reis.
«¡Tento! não sumais no ocio, em fatuos oiropeis,
«em brocados, em fumo, em pedras nunca vistas,
«o oiro que os galeões carreiam das conquistas,
«o oiro que é sangue vosso, o oiro que a mão de Deus
«cumulou para vós, dilectos filhos seus,
«nas furnas orientaes, nas longes plagas onde
«sem trevas e sem Deus gentio cão se esconde.
«O oiro que Deus vos deu ¡sumil-o em futeis brilhos!
«¡o oiro que é da mãe patria, o oiro que vossos filhos
«mal hão-de crer que houvesse, e aos vossos mausoleos
«hão-de ir pedir clamando em altos escarceos!
«Quando a miseria entrar, na cola aos desbarates,
«carpireis sem remedio, impróvidos magnates,
«mendigos, alborcando o oiro dos ricos trajos,
«e arrastando veludo em lugubres andrajos.
«Já tarde. E a patria então quiçá se ajoelhe escrava.»—

X

Depois, accezo no estro, o teu furor bradava:
—«Vós, damas, tambem vós; á guerra preparae-os;
«dae-lhes esforço e brio; elles serão os raios.
«Largae-me esse laver de futeis pequenezas,
«e lavrae-me os pendões das inclytas emprezas.
«E ¡avante! nos guiões que hão-de esforçar na briga
«os nossos campeões, o vosso amor lhes diga,
«bem vezes e bem alto: a terra lusitana
«é sacrario onde a Fé se guarda, e d'onde mana
«em continuos caudaes para as regiões do Oriente.
«É força acrescentar o mando omnipotente
«do sceptro portuguez, que ao orbe inteiro aterra;
«e sem tregua nem fim é força ¡guerra! ¡guerra!»—

E atonito, e encarando o oiro aos montões, e as galas,
trovejavas, correndo em torno as regias salas:

—«¿Que monta esse estrellar de pedrarias vãs?
«¿essas perlas sem preço, e gemmas cortesãs?
«Vendei esses firmaes; esse oiro, ide vendel-o.
«Ó vós, que tanto ardeis da Fé no santo zelo,
«vendei-o para a guerra. Os vossos lidadores
«hão mister d'elle. Andae, largae-me esses primores

«ás rascôas; e vós as donas, vós as nobres,
«¡que nobres que heis-de ser, quando assim fordes pobres!
«Esse oiro, ide entregal-o ás mãos dos vossos bravos.
«N'elle augmentais a Fé, remis com elle escravos,
«cottas comprais com elle, escudos, espingardas,
«espadas e corceis, cimeiras e alabardas.
«Deixae de edificar as camaras dobradas,
«colgadas do melhor, pintadas e doiradas;
«morram no luxo embora os futeis genovezes;
«vós, guerreiros da cruz, timbrae de portuguezes;
«e co'a pobre nudez dos vossos pobres lares,
«e co'a rude altivez dos singelos solares,
«¡que heroes que não sereis!...»—

XI

Nenhuma voz se erguia
em quanto ali trôou liberrima a poesia.

E ao teu brado feroz, na sala, que apinhava
dos aureos cortezãos a turba altiva e escrava;
os guerreiros da India em suas altas cottas;
o audaz descobridor, que á esteira de suas frotas
levava o teu destino, ó Portugal; os pagens,
arautos, histriões; as nobres equipagens

do brigantino Duque; os Bispos fastuosos;
todos correndo em volta olhos quasi medrosos
aos orientaes tropheos, que em torno amontoára
de esforçados barões a intrepidez preclara;
tudo, até no seu throno e sob o seu docel
a figura serena e franca, o Dom Manuel
cujo é vassallo o mar, o Rei omnipotente,
o homem de maravilha, o sol do occidente,
elle em todo o esplendor da purpura real;
tudo e todos a um tempo á escuta do jogral
tremiam; e em silencio, á voz do seu poeta,
que inspirado cumpria a missão de propheta,
inclinavam a fronte.
E do seu bojo escuro
não sei que antevisões lhes mandava o futuro.

XII

....

Tudo isso foi; tudo isso eccoou, tudo viveu;
tudo em seu largo abysmo o tempo soverteu.

Hoje... só no silencio errabundo antiquario,
poeta, ou scismador, penetra ao sanctuario
da tua morta Herculano; e vai sentar-se ás portas,

onde enxameava outr'ora a grei das eras mortas;
e topa do archaismo os fustes mutilados;
e contempla o esplendor dos termos sotterrados;
e vê luzir no antro as imagens, e grava
co'o pesado alvião commentarios na lava.

Sobre o teu solo fundo o tempo e os seus volcões
lançaram cinza e lava, e as novas gerações
cumuláram tropheos. Co'os novos povoadores
a lingua ressurgiu; sobre a dos trovadores,
de gothica feição, floriu, fallou, cantou-se
a sonorosa lingua, a magestosa, a doce
linguagem portugueza, arroio cujo veio
de Roma triumphal á Lusitania veio
co'a doce influição das tradições do Lacio.
Fallou-a o bom Ferreira, o nosso douto Horacio;
Bernardes a floriu; cantou-a o grão Camões,
luso Homero melhor, assombro ás gerações.

Sim; mas ¿quem te esqueceu? ¿quem olvidára o chiste
nacional e immortal, com que a tu revestiste,
ora do neologismo audaz e aceito ao povo,
ora do hispanolismo, ora do cunho novo
do severo archaismo, e até da suavidade,
do ingenuo rescender da patavinidade!?
O povo comprehendeu-te; e á lareira, aos serões,

lia-te; e em seus saráos a turba dos salões
ouvia cachoar a tua poesia,
e por ti novo brio as almas lhe incendia.
Poesia doida, infrene, onde uma vez revelas
o estro shakspeariano, onde outras ás Castellas
vais furtar o carpir do seu soláo troveiro,
seu toante, o seu ar fidalgo e cavalleiro;
outras mergulhas fundo ao sentir da tua gente,
extrais oiro a tal mina, e amoldas de repente,
e firmas locuções, donaires e primores,
no gracioso fallar dos nossos bons maiores.

Vem, vem, meu doce amigo; aquella sombra além
convida a meditar no teu silencio. ¡Vem!

XIII

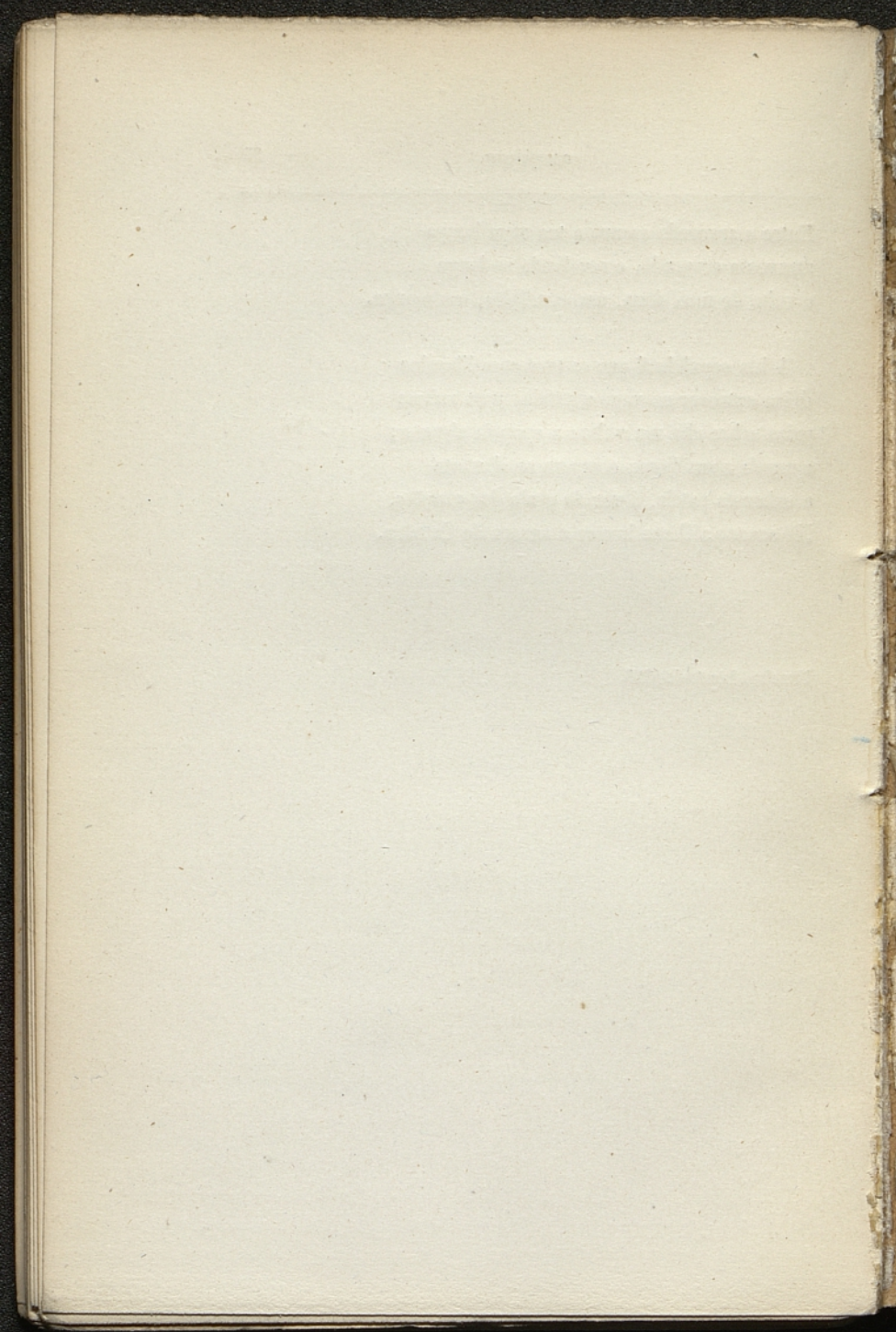
Sim; a tua poesia é hoje cemiterio.
N'elle as sombras de outr'ora o funebre misterio,
lençol de immenso horror, despem, e vêm surgindo,
por entre o ciprestal, mudas, chorando ou rindo,
semi-vivas á voz da nossa evocação.

Ao vel-as perpassar, sussurra o coração
não sei que melodia estranha de além-campa.

Entre o arvoredo escuro a tua vaga lampa
atravessa correndo, e revelando ao longe
o vulto de uma dona, um cavalleiro, um monge.

A lua sepulchral que os teus ceos illumina
deixa entrever no vago a patria: uma ruina;
paira sobre ella um vulto: a epopeia gigante;
aguarda a sua hora; e espera se alevante
a exhausta patria, á voz do genio das canções.
No occaso o Gama invoca a aurora de Camões.

Urmeira, Agosto de 1868.

XIV

A ARRIBANA DA HORTA

(A UM PINTOR DE ALLEGORIAS)

I

Uma horta. Entre vinha a nora; ao pé da nora
a barraca palhoça onde o quinteiro mora.
As orlas do pomar; aos pés o tanque enorme,
verdoengo estendal, que á sombra ocioso dorme.
Por sobre elle um salgueiro a sussurrar. Á entrada
da barraca sombria um toldo de latada,
palpitando-lhe ao vento a sombra buliçosa.
É manhã. Pelo chão, na alcatifa musgosa,
folhas soltas, que são tristeza e desamparo.

Do velho poço além junto ao largo anteparo
um mólho de caniço. Ali, o grupo aldeão
de uma loira creança abraçada ao seu cão.
Ao fundo, entre o silencio, entrevê-se a cabana
co'os dois serenos bois na afumada arribana.
Uma gallinha escarva á porta do palheiro.
Mais nada. Ahi tens um quadro, artista; um quadro inteiro.

Mãos á obra, pintor; ¿não tens assumpto? ahi vês
assumpto á farta. ¡Á obra!

Has-de dizer talvez
que é *vulgar*, sem *ideal*, sem *alto pensamento*.

¡Ai! ¡se o *vulgar* Marão te escuta em seu moimento!
¡Virgilio, o doce amor das almas melancolicas!
¡de Pales terno irmão! ¡scismador das bucolicas!
¡Virgilio!...

II

Mas ¡que assumpto era o seu! ¡que simpleza
na copia das feições da grande Natureza!
Tudo lhe dava um quadro: o fato das ovelhas
dispersas pela encosta; as nocturnas scentelhas
do ceo de Mantua; a flauta ao longe entre os oiteiros;

o colloquio aldeão dos timidos cabreiros;
nas rigueiras da horta o arroio que desliza;
as vozes da montanha; um fremito de briza;
a volta do trabalho; o sussurrar das aguas;
as pombas a arrulhar no olmeiro as suas maguas;
as ambarvaes no campo; o silvo das cigarras;
umas vaccas no prado; a sombra de-umas parras;
a estrella matutina; o escuro dos pinhaes;
o tardio fumar dos proximos casaes;
a aurora; o pôr do sol; os grandes bois da lavra;
tudo o encantava a elle; um traço, uma palavra,
pinta; e deixa na mente a minucia aldeana,
onde vivia attenta a Muza mantuana.

III

. . . .

Olha, pintor, da estrada ao longo, entre as herdades,
lá vêm dois a cantar versos, amor, saudades;
acompanha-os o Mincio, occulto em seu tugurio
de verde canavial, dos soutos ao murmurio.
Baixa o dia grisalho, envolto em nevoa o ceo.
Ao voltar o caminho, assoma o mausoleo
do bom rei Bianôr, em honra a cuja sombra
alastra ali o aldeão farta folhuda alfombra.

Param. O Mincio ahi se espalma quedo, ameno;
¿vês? nem bole uma folha; e o vento cai sereno.

¡Que scena! ¡que esplendor! ¡que alta verdade occulta!
n'esta vaga tristeza a alma do vate avulta.
É nada, mas é tudo. É Lycidas cantando,
Mœris a responder-lhe; o Mincio verde e brando
entre os canaviaes; um ceo pesado e duro,
e um tumulo solemne a recortar-se escuro.

IV

Anda cá, meu pintor, e dize-me (depois
de ver como este quadro encanta) se os meus bois,
a latada, a creança, o poço, o cão fiel,
não te esboçam na mente o esplendido painel.

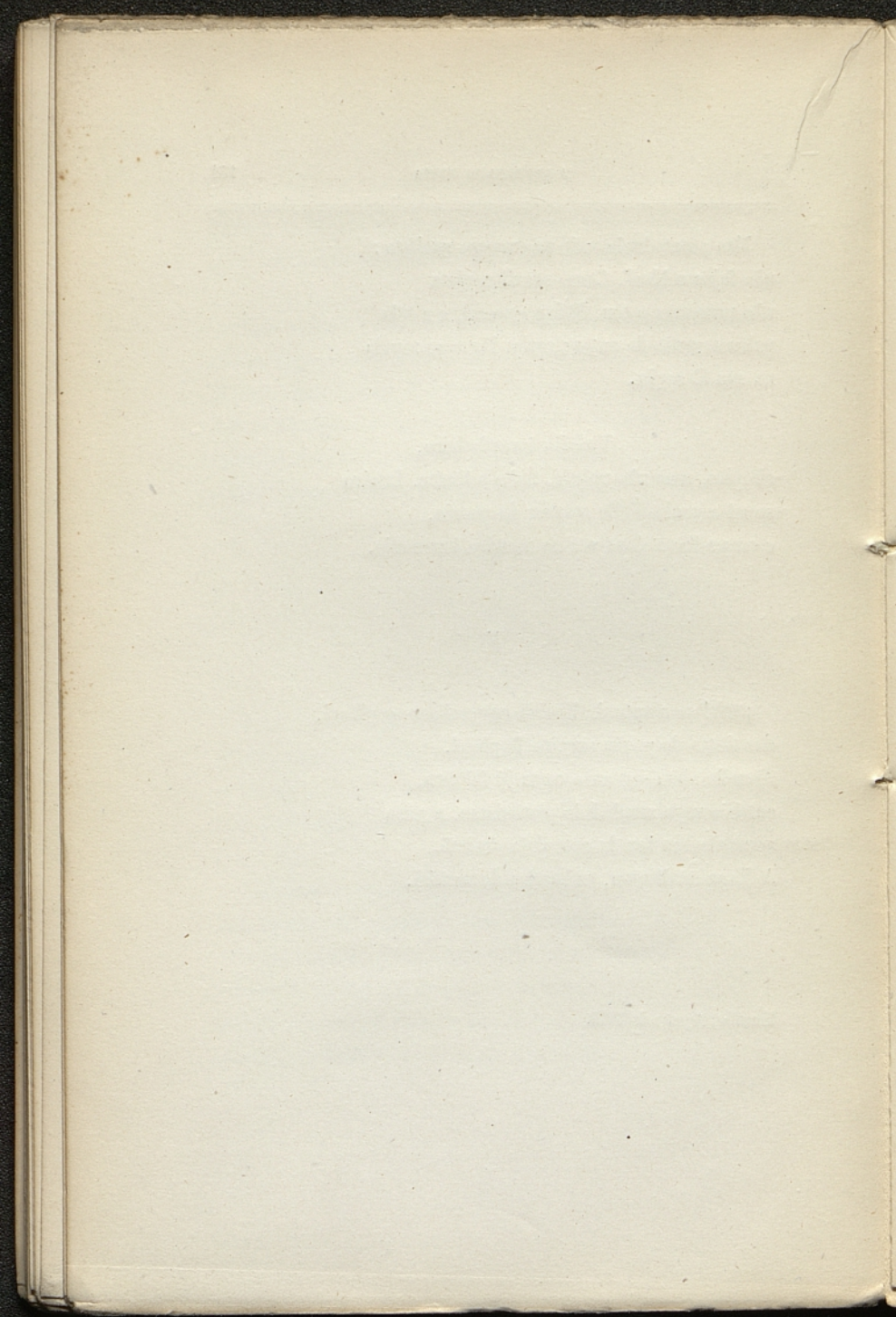
Deixa-te de buscar a vã mythologia;
não rebuces teu genio em veos de allegoria.
Dize a verdade; pinta o que vês; vai aos montes;
inspira-te na luz dos amplos horisontes;
caça a minucia, o nada, e não tenhas pudor
em fallar chão e claro ao mudo espectador.

Mas ¡ tento ! não caír no excesso *realista ;*
não fujas o ideal. Como servil copista
não renegues o teu. Deixa que sobre a tela
paire o genio do autor ; assim Deus se revela
na sua Creação.

Virgilio é verdadeiro,
simples, mas não vulgar. Sabe o limite. Inteiro
se vê o genio d'elle atravez da poesia,
e ouves-lhe a doce voz na metrica harmonia.

V

¡ Oh ! se o vate da Eneida empunhasse o pincel,
das tintas do pagão surgira Raphael.
Áquella alma serena e casta já fulgura,
entre o vago arrebol do platonismo, a pura
a suavissima luz da antevisão christã.
A Musa madrugou, calhandra da manhã.

Urmeira, Agosto de 1868.

XV

SOMBRA E LUZ

I

Quando o inverno envolve a terra,
quando ruge o furacão,
quando a trompa do tufão
uiva ao longe e o campo aterra;

quando o ceo chuvoso e agreste
despe o aureo azul celeste,
e em seus lutos se reveste,
orphanado do Senhor;

¡ai! ¡que morbida tristeza
cobre e obumbra a redondeza!
té á interna natureza
foge a luz do ethereo amor.

E então a alma angustiada
jaz sem Deus, e aniquilada.

II

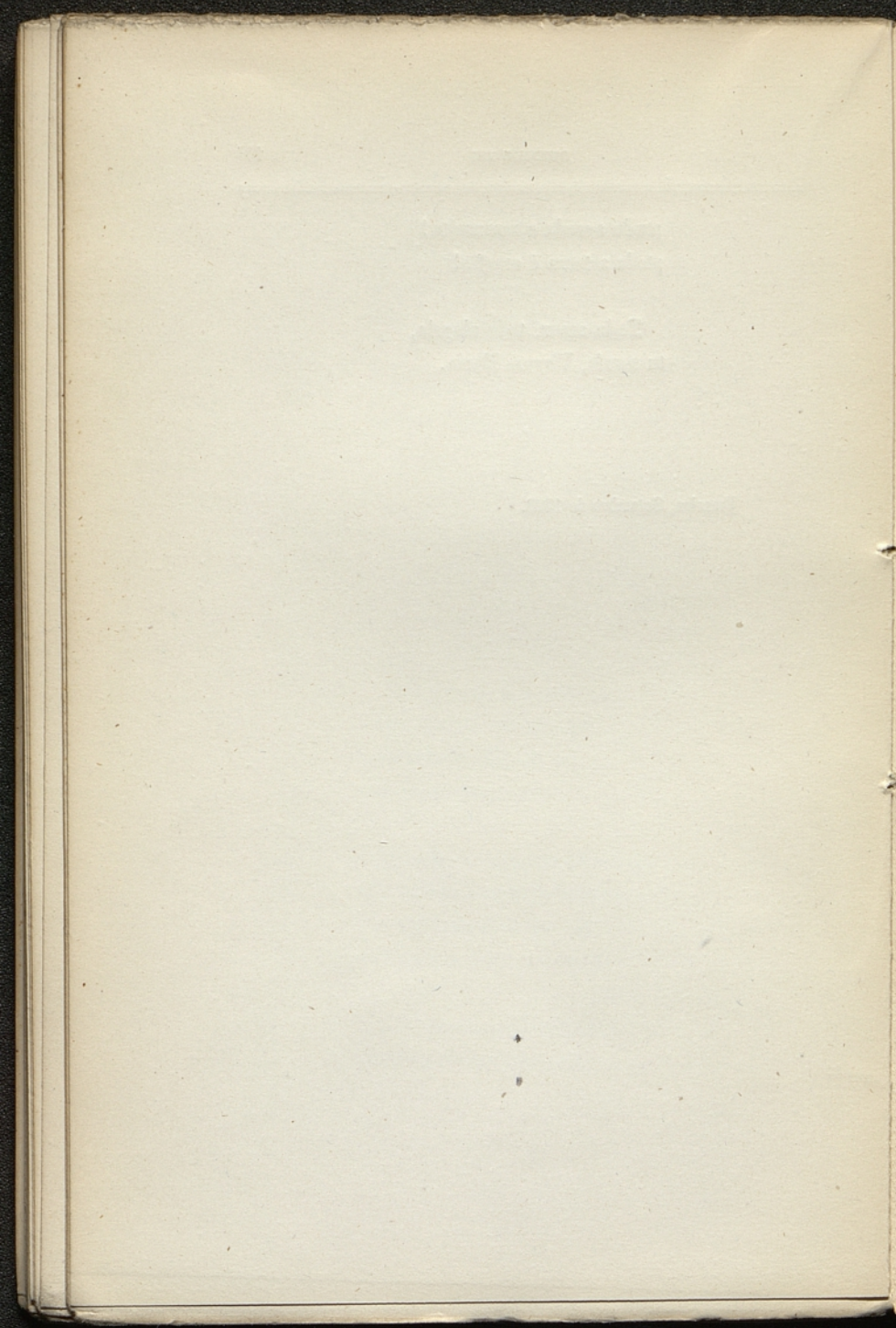
Mas se apoz a estação fera
despe a terra o seu lençol,
restituida á vida, ao sol,
pela maga primavera;

quando os zephyros brincando
sob um ceo ceruleo e brando,
vão mil versos modulando
na harpa occulta, o coração;

¡oh! ¡então tudo palpita!
¡canta a abobada infinita!

¡ tudo acorda e ressuscita !
¡ toda a terra é oração !

Toda amor, toda alegria,
tu sorrís, Virgem Maria.

Urmeira, Setembro de 1868.

XVI

EGLOGA CHRISTÃ

> ....Ditoso tu que lavras
> tua terra com teus bois!...
>
> ANTONIO FERREIRA.— *Odes.*

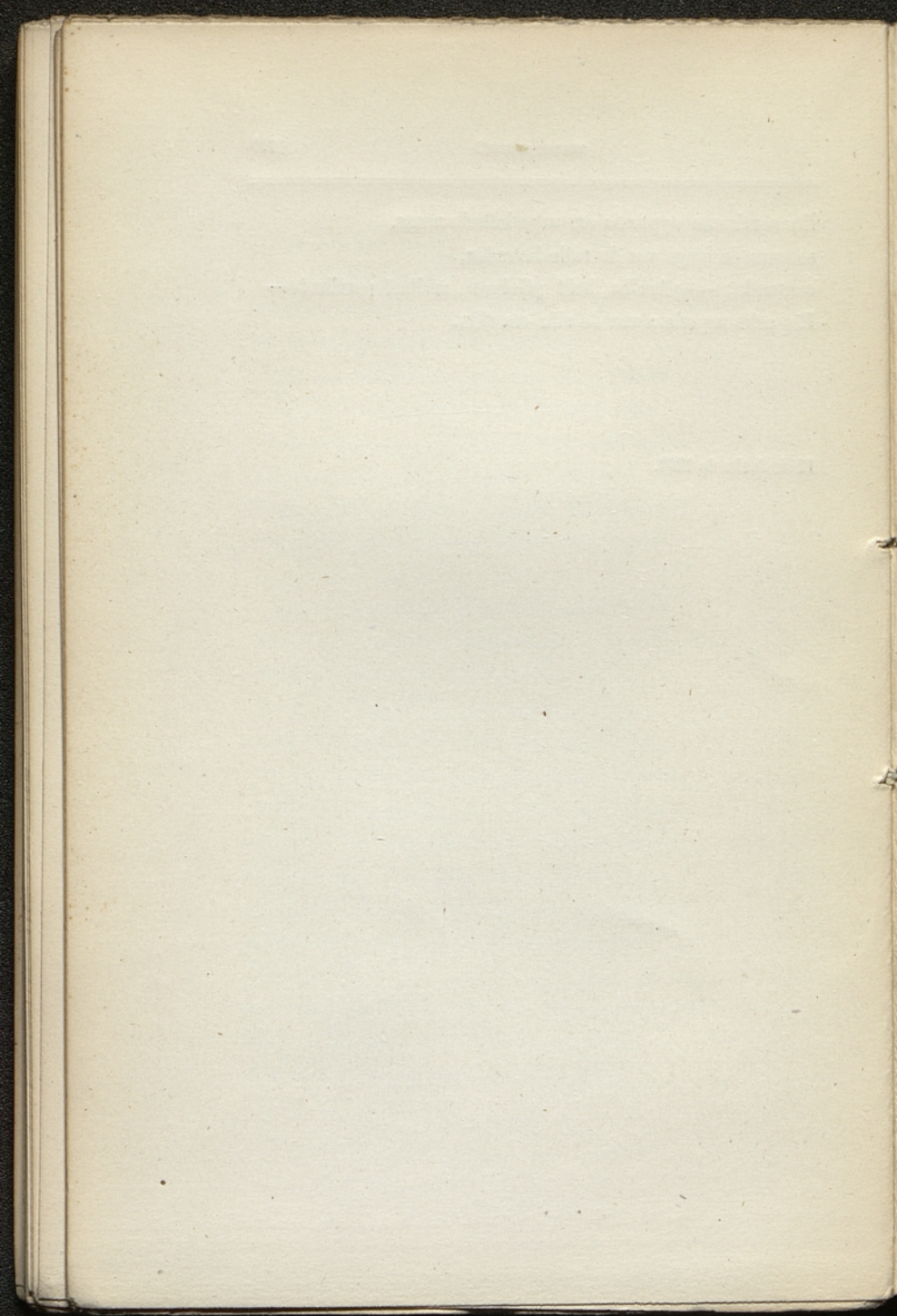
Era elle, os bois, e um cão; mais nada; mais ninguem.
Viuvo, e solitario. Aquella terra além
pertencia-lhe; a choça, a figueira, a arribana,
e o Galante e o Formoso. Ali toda a semana
levava o bom do Pedro a amanhar o torrão;
e ao domingo, almoçado, e feita a oração
na ermida, a meia legua, andava então sósinho,
cabisbaixo, a passear no seu dominiosinho.

Era um bom coração; respirava a innocencia
d'aquelle viver brando. A mão da Providencia,
quando o fez enviuvar, deixou-lhe os bois e o abrigo.
Na sua solidão restava-lhe um amigo:
o cão; um companheiro: o arado; um grande amor:
o trabalho; e um consolo: a ideia do Senhor:
a esp'rança de que um dia, ao abrir mão da relha,
ia abraçar nos ceos a sua pobre velha.
E essa ideia o sustinha, e andava, olhos no ceo,
sem largar nunca o luto, e o fumo no chapeo.

A tristeza melhora; é um seio amigo aberto.
Os tristes vêem a Deus mais tempo, e de mais perto.
Fazia-me bem vel-o; e nos saudosos mezes
da eira ou da lavoira, andava muitas vezes
cá de longe a espreital-o; ia me então depois
pôr mais a geito, ouvil-o a conversar co'os bois,
cantarolando a passo, e de aguilhão no hombro,
na terra á beira-rio. Eu por traz do alto combro
escutava, não visto, a agreste melodia.
No passo lento e grave em que elle os conduzia,
o Formoso e o Galante iam leirando o chão.

Aquelle quadro a mim bastava-me. ¡Oh! e então,
casta melancolia, ¡ai! ¡como eu te gosava!
o meu doce Virgilio em minh'alma habitava.

Eu sentia-me oppresso em vago infindo amor,
ao som da longa voz do rude lavrador,
cantando: —«¡Arriba, boi! ¡Galante, arriba! ¡arriba!»—
E o echo repetia a voz de riba em riba.

17 de Junho de 1869.

XVII

GIL VICENTE E A PINTURA

Penetrar no teu livro, aspirar a fragrancia
do teu estilo vago, alegre como a infancia,
amoravel como ella, é viver no passado.

Ler-te, esmiunçar no escuro o teu dizer gastado,
tornar co'a mente o brilho ás pallidas pinturas,
namorar-te em silencio as finas miniaturas,
é correr folha a folha uma Biblia velina,
das que na cella, á sombra, a arte bysantina
illustrava a pincel, com toda a crença viva,
que de um chilreado claustro aos corações deriva.

Nas Biblias a alma sente a minucia, o lavor
estirado e incessante, a fé sincera, o amor.
com que na média idade a illuminura entrava
de joelhos no livro onde o Senhor morava.
Nas vinhetas, porém, nas letras unciaes,
entrelaça-se a cruz com flores e animaes;
vem o absurdo, o infernal, commentar o misterio,
e (não raro) o burlesco emmoldurar o serio.

Em ti o mesmo affecto, o mesmo acceso empenho,
mas igual colorido, igual trajo e desenho.
O accessorio, brincado; o grave assumpto mistico,
mesclado das ficções do mundo cabalistico;
mas em tudo o nativo, o ameno, o gracioso
sentir peculiar do artista portentoso.

As Biblias vêm trajando á moderna. Moysés
tem cotta; Pharaó garnacha até aos pés.
Traz pellote Abrahão. Nos paços reina a ogiva.
Pilatos é um Conde. Os Reis e a comitiva
arrastam a Bethlem todo o esplendor flamengo,
e é do aureo Dom Manuel seu lustre realengo.

Em ti vibra o fallar de um tempo quasi alpestre.
Todo o lavor do quadro, a rude mão do mestre
o afinou pelo povo; e é o Belzebú do povo

o teu Belial praguento em seu tabardo novo.
O santo é um fanfarrão beato e cavalleiro;
e em quanto aos teus plebeus sorri Dom João Terceiro,
o Christo auriflammante atira o menoscabo,
e na regia capella emmaranha o diabo.

Sobre a arte bysantina ergueu a Renascença
o seu frontão romano. A cathedral immensa
viu subir a invasão do classico diluvio,
e ditar leis de pedra a regra de Vitruvio.

A ti, fecundo Gil, á complexa obra tua,
multicôr, pittoresca, onde brincava a lua
como nos curocheos dos tacitos mosteiros;
aos frades, mesteiraes, fidalgos, e escudeiros
do teu theatro ingenuo e ironico; a esse mundo,
que enchameia sem leis no livro teu profundo;
á tua cathedral, rumorosa, atrevida,
só filha do teu genio, e palpitando vida,
succedeu (era força; era mister;) o templo
filho da Italia, a escola onde dá lei o exemplo,
e onde o pulido Horacio, o mantuano collosso,
augem a perfeição perdendo o cunho nosso.
Baixa o sol portuguez; o sol romano assoma;
a aguia vence: e a sorrir nos reconquista Roma.

Sim; mas faz-me saudade a morta cathedral,
co'a sua luz recolhida, e a sua flecha ideal.
E fazes-me saudade, ó meu luminador,
ó do simples dizer, Gil, meu sincero amor,
tu que, na sombra e nevoa onde a alma assim te mira,
és, na opulencia e no estro, o Grão Vasco da lyra.

Urmeira, Agosto de 1868.

XVIII

SOLIDÃO NA SOLIDÃO

> Spento il diurno raggio in occidente,
> E queto il fumo delle ville, e queta
> De' cani era la voce e della gente.
>
> GIAC. LEOPARDI.—*Frammenti.* XXXVI.

Hontem era domingo. Havia cirio ahi
não sei em que logar do arredor. Por aqui
nenhum rumor se ouviu.

¡Que tristonho, que mudo
é o campo sem trabalho! a eira, a vinha, tudo
descança; e nem se escuta a voz do lavrador,
nem gado a tintinar, nem frauta de pastor.

Co'o fogo e as procissões o arraial, que era perto,
desafiara tudo; e o campo era um deserto.

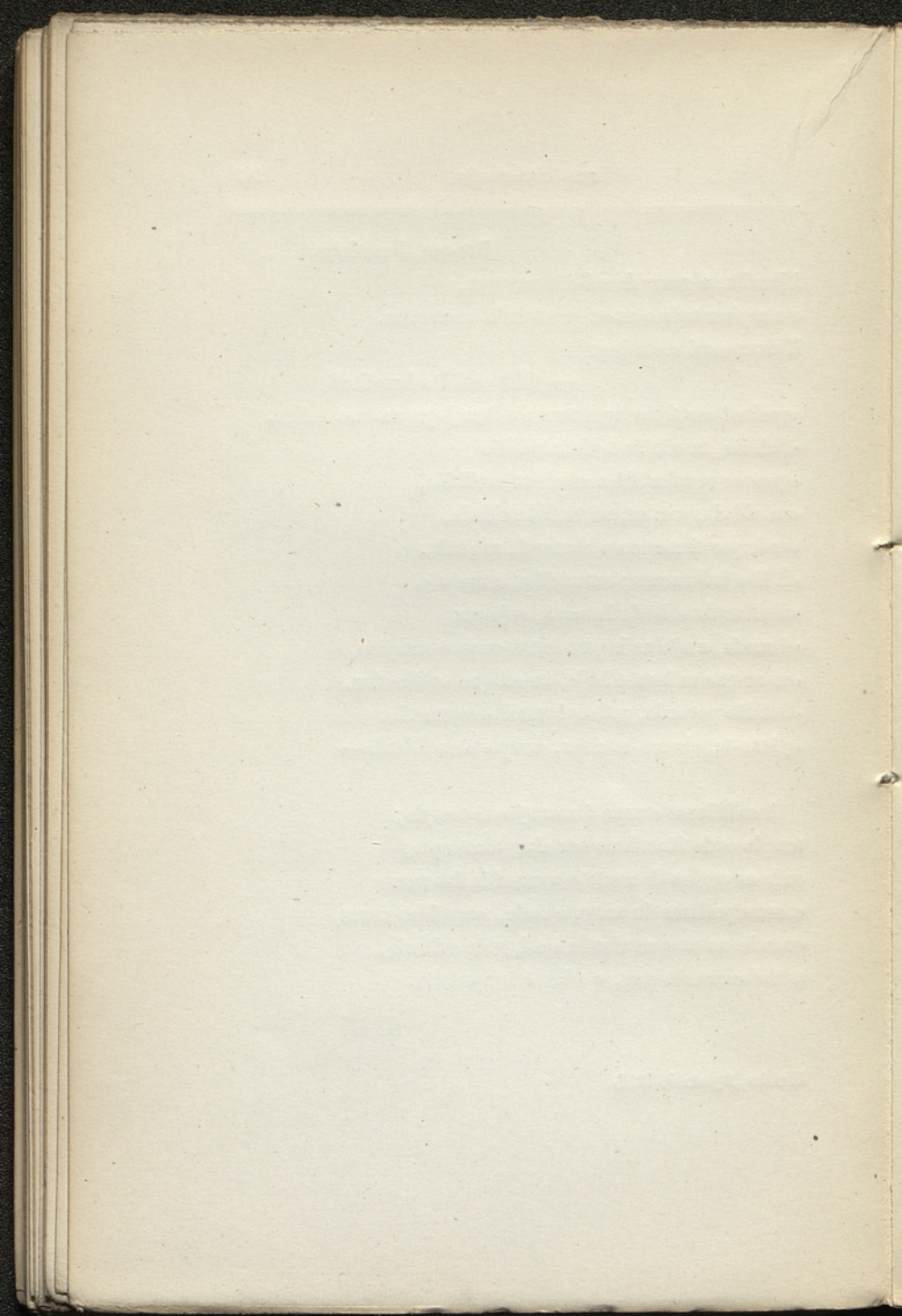
Em quanto no logar estruge a vozeria,
¡que silencio aqui tenho! ¡Oh! ¡Virgilio! ¡oh! ¡poesia
da agreste solidão! fechadas vejo as portas;
não fumam os casaes; não ha cultor nas hortas;
o sol não presidiu ás festas do trabalho;
viu tudo ausente; além, pelo escarpado atalho,
mal passa algum viajeiro atrazado; os oiteiros
não têm a seareira; os umbrosos ribeiros
lavadeiras não têm; e os sons da Ave-Maria
ninguem ouviu. ¿Que importa? a alegre romaria,
despovoando o arredor, furtando-lhe o seu povo,
poz feição nova ao campo, e deu-lhe encanto novo.

Sim; ¡a tarde da festa! ¡a quinta, muda! ¡a vaga
delicia d'este ermar! ¡a sombria azinhaga
serpenteando ahi sem ouvir gargalhadas,
sem que um passo lhe turbe as sombras tão chilradas!
¡a serra sem matteiro! ¡as eiras sem cantigas!
¡os tanques festivaes... sem ais, sem raparigas!...
tudo, tudo me apraz, me enleva. Inda não tinha
visto o meu campo assim. Gósto.

Puz-me, á noitinha,
á janella, a gosar da solidão monteza,
e a aspirar todo o amor que exhala a natureza.
E murmurei commigo:
—«¡Oh! ¡solidão bemdita!
«¡salve! em ti me apparece um Deus, que os ceos habita.
«Solidão, tu não és a vácua solidão
«que me repulsa além na vácua multidão,
«na cidade, sem ar, na turbida cidade,
«onde por ti me roe o abutre da saudade.
«É lá o isolamento; entre elles, entre vós,
«abelhas da colmeia humana, cuja voz
«é surda, e não se inspira entre cerro e campina,
«ao ar que os lava e beija, ao sol que os illumina.
«Solidão povoada, ¡adeus! attrais-me em vão.
«¡Amo-te, eis-me, sou teu, campestre solidão!»—

A solidão no campo é a oração no templo;
templo onde Jéovah no seu altar contemplo;
onde os orgãos do vento e os arrabís das aves
cantam psalmos de amor, e onde, por sob as naves,
quando no mar se afunda o sol, grão solitario,
as tocheiras são soes, e a lua é lampadario.

Urmeira, Agosto de 1868.

XIX

VISÕES DE PASTORES

La civilisation des peuples c'est leur foi.
LAMARTINE.—*Voyage en Orient.*

I

O pastor de Virgilio ouve, ao rez das ribeiras,
passar, co'a brisa, a voz das Nayades palreiras;
os Faunos gargalhar nos fundos salgueiraes;
e entrevê na espessura as Drias dos choupaes,
ou vaga Nympha occulta em cristallino banho.
E de absorto lhe esquece o redil e o rebanho.

II

O pastor já lustrado em aguas de baptismo,
viu nos covões do ermo os filhos do ascetismo;
medita; e em seu arroubo advêm-lhe á phantasia
as turbidas visões da sacra poesia;
e ás vezes vê nos ceos, co'as nevoas da tardinha,
voltear anjos de luz co'a angelical Rainha.

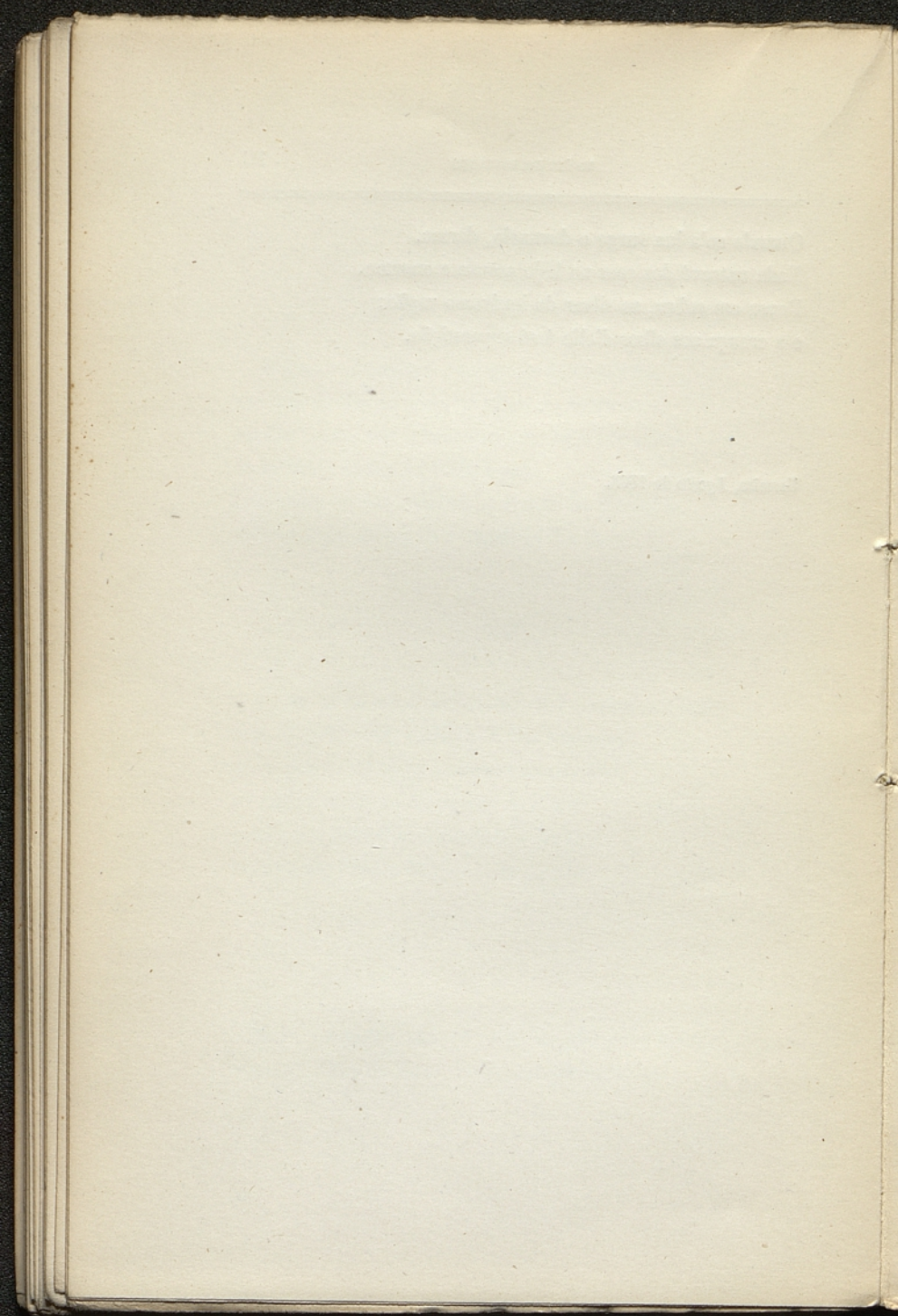
III

Pastor já de outro tempo, em que o arnez e a lança
pela fé, pela cruz, combate e não descança,
ouve chorar na fonte as moiras encantadas,
vê nos raios do sol lentejoilar as fadas,
e crê; e o bandolim do pallido troveiro
rapta-o nos ideaes do cyclo aventureiro.

IV

Hoje... o pastor não crê; não vê; não ouve absorto
nenhuns eccos de Deus. Sorri; jaz semi-morto.

Quando co'a lua surge o devaneio, dorme.
Nada entrevê dos ceos no bojo escuro e enorme.
Pensa em cobre, ao silvar do ignívomo vagão;
e a crença aos olhos d'elle é só superstição.

Urmeira, Agosto de 1868.

XX

VIRGILIO

...Le soir, au fond d'un coffre vermoulu,
Prenez ce vieux Virgile où tant de fois j'ai lu.
Cherchez l'ombre, et tandis que dans la galerie
Jase et rit au hasard la folle causerie,
Vous, éclairant votre ame aux antiques clartés,
Lisez mon doux Virgile, ô Jule, et méditez.

VICTOR HUGO.

¡Oh! ¡poeta divino! ¡oh! ¡semi-deus! Entraste
nas sombras da minh'alma, e subito inundaste
todo o meu ceo de luz. ¿Que azas assim me deste,
que voei para ti, Virgilio meu celeste?
¿Onde estou? ¡que doçura este vergel respira!
Falla; ¿onde é teu condão, mago da grande lyra?

¡Meu triste mantuano! o teu Parnaso dorme;
Roma, a tua *urbs*, caíu. No escuro cahos informe
ruiram de rondão a crença e a divindade;
e o teu fulgido Olympo é um ceo de tempestade.

Mas ¿que magia é esta, ó sobrehumano? e encanto
da tua voz não se extingue; e o sonoroso canto,
de evo em evo a crescer, phantastico e jocundo,
cheio de um deus ignoto, enche e arrebata o mundo.
Se os teus deuses são pó, tua immortal poesia
vive, e brota caudaes de eterna melodia.

Todos lá vão beber, á Nayade assombrosa.
Ella, encostada á urna, encára os ceos, chorosa,
e pallida medita. Os olhos se lhe vão
no doce e vago azul do horisonte christão.
—«¡Oh! ¡se eu fosse christã!»— diz ella.

Já no em tanto
a Ave-Maria tange; ella estremece; o canto
entre os labios lhe adeja; ella ouve o sino, e pensa
da poesia christã n'esta saudade immensa...
....

Urmeira, Agosto de 1868.

XXI

O SANTO ANTONIO DA PORTADA

I

Por cima do portal da quinta, ali por fóra,
sob uma cruz de pedra um Santo Antonio mora;
um rude Santo Antonio; o deus-lar mais fagueiro
de quantos a hortelão devem nicho hospedeiro.
Grosseiro; mas ¡ tão bom! fiel, honrado e pobre.
Ha sete gerações que o povo se descobre
ao passar pelo nicho; e o rendeiro á noitinha
pendura-lhe piedoso a usada lanterninha.

Este guarda campestre, o confidente e amigo
das sete gerações, ¡que historias tem comsigo!
É o *salve* da entrada, e o *vale* da saída;
a atalaia da paz.

Nos musgos da guarida
onde habita, e onde observa o deslisar dos annos,
vai-lhe o tempo inscrevendo os fastos, os arcanos
da nobre residencia. Elle conserva a summa
do que passou na casa; e conta, uma por uma,
as lidas, a tristeza, as mortes e alegrias,
que esta casa hospedou nos seus extinctos dias.

Uma casa é um rosto; o que lá dentro vai
deixa fóra algum traço; uma alegria, um ai,
sempre em algum desvão se esconde, e reapparece.
No abastado casal a fartura esclarece
a fachada alva e nua. Amor põe murtinheiras,
e á verde gelosia enlaça trepadeiras.
Uma tristeza, a morte, o Archanjo das desgraças
afuma a frontaria, e cega-lhe as vidraças.
As tragicas mansões têm por isso aquelle ar
atonito e sinistro, e aquelle oppresso olhar.

II

O Santo da portada é o guarda das memorias.
¡Quanto sabe elle pois de lugubres historias!
¡Se podesseis ouvir como co'os arvoredos
conversa, dia e noite, em funebres segredos!
Medita o que viu já; sonha o que tem vivido.
Por isso Deus lhe infunde aquelle ar tão sentido;
por isso cada inverno o encontra mais tristonho,
mais roído do mugre, e mais entregue ao sonho.

III

O instituidor da quinta ali postou de vela
na sua alta guarita a sacra sentinella;
accendeu-lhe de noite a luz por companhia,
e encommendou-lhe a casa, a horta, a cercania.
Tudo a pulos cresceu nas lavras do camponio;
e elle dizia então: —«Gloria ao meu Santo Antonio!»—

Passou tempo. Uma hera ali veio, ao disfarce,
serpenteando e cobrindo ao nicho enrodelar-se.
E o Santo em seu abrigo ouviu perto, n'um ninho,
¡que psalmos, que orações descanta o passarinho!

IV

O instituidor morreu. A quinta assim perdida
passou de mãos em mãos; ficou sem culto a ermida;
do jardim fez-se uma horta; e o palacio, ermo, aberto,
de anno em anno mais só, mais triste, e mais deserto.

Nem ao bom Santo Antonio a fortuna já medra.
É verdade que a hera em torno á cruz de pedra
enroscou taes doceis, tal sombra, e tal abrigo,
que albergou n'um tugurio o seu vetusto amigo.
Mas faltou da lanterna o placido clarão.

¡ Que noites que ali teve o pobre ! a solidão,
o longo olvido negro então o entristecia,
e como agra tristeza o sulcava a invernia.

No ermo assim carpiu, ao sol, ao vento, á lua,
sem voz que o alentasse em solidão tão crua.
Braço forte o sustinha; e resistiu. O triste
a quem a mão de Deus ampara, assim resiste.

V

Um dia emfim, no entrar de um novo habitador,
eis volve ao nicho a luz. Ao Santo protector
nada falta: seitís, promessas, mil folganças,
depois em cada Junho o culto das creanças.
Ha fogueira, ha guitarra, e a alegre cercania
vem cantar, vem bailar na nova romaria.
E os mancebos de longe, e as noivas do logar,
dão preito ruidoso ao Santo popular.
E diz o camponez:
—«¡Raive embora o demonio!
«¡És um Santo de lei, meu Padre Santo Antonio!»—

VI

Se atrazado viandante acerta de passar
pelo portal da quinta em noite sem luar,
dá co'os olhos na estatua, e vê que em vez da lua
a luz santa allumia a tortuosa rua.
Quer bem á luz, quer bem ao Santo, e ao quintaneiro,
e abençôa-os comsigo o errante caminheiro;
e basta uma lucerna em meio da soidão
para accender-lhe n'alma ignota gratidão.

9

¿Quem sabe quanta vez aquella humilde luz
lhe haverá recordado o nome de Jesus?!

Eu, sonhador talvez, ¿quem sabe? visionario,
quando encaro alta noite o sacro lampadario,
elevo a mente aos céos; descubro-me, e comigo
penso: Este Anjo da guarda, este singelo amigo
de tantas gerações, é como a Igreja, erguida
com tanto amor por Deus, e por sua mão sustida.

A luz é o lampadario eterno, a grande Fé,
que as almas aviventa, e para além do que é
nos mostra o que ha-de ser.

O nocturno viandante
é na agrura da vida a humanidade errante,
allumiada no escuro, até á beira eterna,
por aquella tremente e pallida lanterna.

Urmeira, Agosto de 1868.

XXII

LAGRIMAS

Não sei o que passou n'est'alma triste;
não sei quem n'ella entrou quando eu chorava;
que doce orvalho os meus tormentos lava;
que Anjo da guarda me amparou, me assiste.

Nos primeiros momentos succumbiste,
minh'alma; ¡tanta dor te excruciava!
Pergunto, e mais o espinho se me crava.
Rujo, e em vão; tu, Deus bom, tu me fugiste.

Nada mais vi. Prostrou-me o desconforto;
achei-me amortalhado em frio espanto;
sem lagrimas caí, qual corpo morto.

Chega um Anjo, e segreda-me no emtanto.
Ressuscito a chorar, e sinto absorto
que esta resignação m'a trouxe o pranto.

Maio de 1869.

XXIII

RESIGNAÇÃO

Da crua dôr no temporal desfeito,
busquei Deus; tive-o surdo ao meu chamado.
¡Chega a Religião! pelo ar toldado
côa um raio do ceo, que entra em meu peito.

Resignação, filha do Eterno, aceito
o calix da amargura; eis-me prostrado;
salvaste emfim meu seio angustiado;
levaste a Deus meu lacrimoso preito.

Resignado, mas cheio de tristeza,
já olho sem terror quem me pungia;
abençôo em meu nada a eterna alteza.

¡Deus! se te amei nas horas da alegria,
¡oh! ¡quanto mais te adoro na incerteza
d'esta vaga christã melancolia!...

Maio de 1869.

XXIV

PASTOR E POETA

...Ama o seguro
silencio, fuge o povo, e mãos profanas.
ANTONIO FERREIRA — *Soneto.*

Tal como a branca lua as selvas illumina,
e esplende morta luz na tacita ruina,
a poesia allumia as almas melancolicas.

Todo o pastor medita; as solidões bucolicas,
o bosque, os animaes, o exilio, a soledade,
acordam-lhe no peito a poesia, a saudade,
e a poesia lhe brota ingenuo bem-querer.

Assim o outro pastor, o que aprendeu a ler
nas almas, e a fallar a voz da natureza,
o sonhador, se entende e pregôa a grandeza
das obras do Senhor, se as almas apascenta,
e se mudo resiste ás furias da tormenta,
¿a quem o deve? a ti, solidão; tu o inspiras;
tu só para o poeta és a melhor das lyras;
és o livro patente, onde em divina cifra
Deus formulou as leis que o vate nos decifra.

É poeta o pastor, porque só vive ao longe;
porque nada o distrai; porque é um triste, e um monge;
porque o grande theatro, e o esplendido scenario
lhe educam na poesia o peito solitario;
e é por isso que á noite os sylphos mais risonhos
o embalam tanta vez no vortice dos sonhos,
mostrando-lhe entre nevoa, envolto no misterio,
das fadas da espessura o roseo vulto aereo.

O poeta, em silencio e sosinho, é um mago
absorto a ler no ceo; e atraz do azul do vago,
quanta vez não creu ver, entre a caligem densa,
passar, alto Senhor, a tua face immensa!

Urmeira, Setembro de 1868.

XXV

O PÁRIA

> Va per la selva bruna
> Solingo il trovator.
> GIOVANNI BERCHET—*Romanza.*

I

¿Que pensarão de mim as gentes camponezas,
vendo-me andar assim,
esquadrinhando em torno as selvas e as devezas?
¿Vendo-me andar a monte, em suas rudes simplezas
os homens dos casaes que pensarão de mim?

¿Quem pensarão que eu sou? ¿lavrador? ¿engenheiro?
um malfeitor talvez,
vendo-me cada tarde ir-me assentar no oiteiro,
ou ficar-me sumido ao longe o dia inteiro,
sosinho entre o pavor dos pinhaes ¡quanta vez!

Vendo-me a examinar a aldeola, o casebre,
a cerulea amplidão,
correr o mudo campo em misteriosa febre,
e voltar sem trazer perdiz, calhandra, ou lebre,
¿os matteiros por hi de mim que arrasoarão?
. . . .

II

Ás vezes, ao serão, na cosinha afumada,
é vel-os divagar,
em quanto co'o fragor da esplendida larada
se mescla a ventania, e a rouca assobiada
da tormenta a varrer as selvas, e a estallar.

Fallam de mim, que sou como elles operario;
e dizem com terror:
—«¿Quem é esse errabundo? ¿esse homem solitario?

«¿Que mister é o seu? ¿qual é o seu fadario?
«¿d'onde veio? ¿em que sonha, inerte sonhador?

«¿Quem lhe deu aquelle ar sombrio? ¿em que medita?
«¿porque foge de nós?
«¿que sabe elle entender na abobada infinita?
«¿que traz n'aquelle livro onde enthesoira a escripta?
«¿quem lhe entristece o olhar? ¿quem lhe emmudece a voz?

«¿Será um perseguido? ¡oh! ¡quem sabe! o outro dia,
«ao sair dos choupaes,
«vinha pallido e torvo; eu fugi-lhe; dir-se-hia
«ao vel-o então passar, que um remorso o pungia;
«sumiu-se, mal nos viu, na sombra dos pinhaes.»—
....

III

E em quanto nos casaes algum rude propheta
me comprehender assim,
ninguem ha-de, acalmando aquella gente inquieta,
em nome do seu Deus defender o poeta,
e tirar generoso o odio de sobre mim.

Ninguem ha-de dizer;—Deixae-o em paz, scismando,
«e não o repulseis;
«foge de vós, mas é inoffensivo e brando;
«é o pobre sonhador; vegeta abençoando;
«se assim lhe quereis mal, é que o não entendeis.

«Não vos quer mal; só pede aos ceos o ermo alpestre,
«os risos do arrebol,
«o silvo dos trigaes, a sombra, a ave silvestre;
«e a vós só pede ao longe a toada campestre,
«que do valle se eleva á tarde, ao pôr do sol!»—
....

Dezembro de 1868.

XXVI

O SCEPTICO E A ARVORE

(DIALOGO)

ELLE

Sentinella da campa, ó agoirada
monja d'estas soidões, ¿qual é teu norte?

ELLA

Deus.

ELLE

¡Deus! o horror d'estes jardins da morte
brada em silencio: vacuo, abysmos, nada.
¿Em que pensas?

ELLA

No amor.

ELLE

¡Em cada ossada
que illusões, quanto amor desfez a sorte!
¿O amor?! ¡e é um coveiro o teu consorte!
¡e ais de dor tua orchestra namorada!
¿Que fazes?

ELLA

Creio. Aqui fenece a terra,
e abre-se a paz das eternaes venturas.
Guardo o portal que os céos avaro encerra.

ELLE

¡Os céos!!...

ELLA

Os céos, ó impio; em vão murmuras.
Tu, cada anno mais curvo para a terra;
eu cada hora mais perto das alturas.

Lisboa, Janeiro de 1873

XXVII

A UM GRANDE POETA

Non raggionar di lor, ma guarda e passa.
DANTE.

Hoje que a inveja negra as plantas te mordeu,
mais serena que nunca a estatua se te ergueu.
—Deixa-os morder, poeta!—(assim bradou talvez
ao teu ouvido o genio) —Essa relé soez
na via triumphal sob os laureis da historia
é necessaria: insulto é complemento á gloria.
Deixa-os raivar, morder-se, estoirar de despeito.
Quando os vires passar, aperta mais ao peito

a lyra teu amor, e entre uivos d'esses taes
preludía sereno os cantos immortaes.

Tal, entre a cerração da noite tempestuosa
vai á vela e enfunada a náu silenciosa,
sem que o açoite da vaga a logre demorar,
muda, vencendo o escuro, a furia, o vento, o mar.

Lisboa, Julho de 1868.

XXVIII

OCIO FECUNDO

A UM POLITICO

Só andava Scipião fugindo á gente,
então mais occupado quando menos.
ANTONIO FERREIRA—*Cartas*

¿Elle ocioso? ¿e porquê? ¿porque o encontras parado,
sem fallar, sem ouvir, longe do povoado,
do vizo de uma serra a contemplar o mar??

¿Elle ocioso? ¿porquê? ¿porque o vês a scismar,
sem ler, sem misturar a voz do pensamento
do mundo exterior ao vasto movimento??

¿porque em vão da cidade o torvo murmurinho
ruge, mar de parceis, em torno ao seu caminho??
¿porque o não vês lidar, co'os outros aguerridos,
no fôro, entre as facções, no embate dos partidos??
¿porque longe de tudo, e entregue a um sonho vago,
deixa ao sabor do vento ir-lhe o batel no lago,
e dedilhando ao ecco a lyra harmoniosa
innebria de sons ess'alma sonorosa??

¿Ocioso? ¿e porquê? Silencio, amigo; ¿e ha-de
a tua voz blasphemar? ¡oh! ¡cala! Ociosidade
é o teu fadigoso e inutil labutar;
ociosidade é isso; elle trabalha.

O mar,
mesmo em calma, inda assim ruge e mina os penedos;
e mudos, e em silencio aquelles arvoredos,
em quanto os lava o ar, e amplo sol os inunda,
lidam na ociosidade immovel e fecunda;
e pensando talvez entre si no Senhor,
cada olmeiro ocioso é um trabalhador.

Urmeira, Setembro de 1868.

XXIX

O ANNEL DE JOANNINHA

(IMITAÇÃO DO FRANCEZ)

Perdeu a pobre Joanninha
o seu annel de oiro fino;
(bruxa lh'o furtou da mão).
Procura, procura em vão,
não apparece o mofino.

Cobra esp'rança, Joanninha,
na celeste intercessora:
verás como o encontras já;
todo o perdido está lá
no regaço da Senhora.

Lá vai a triste Joanninha,
tão sósinha e tão chorosa,
resando caminho além.
Mas lá vem dos ceos lá vem
um Anjo faces de rosa.

Lá desce, e diz:—«¡Joanninha!
«venha lá esse sorriso;
«o teu annel, vel-o aqui.»—
¡Ella o toma, e chora, e ri!
todo rescende a paraizo.

Já se vê rir a Joanninha;
e diz:—«Orar com fé viva
«é bem melhor que chorar.
«Não ha prece, a que no altar
«a Mãe de Deus seja esquiva.»

Lisboa, Dezembro de 1867.

XXX

O PASTOR

....Utinam ex vobis unus, vestrique fuissem
Aut custos gregis, aut maturæ vinitor uvæ!
VIRGILIO, Ecl. X

Ia cada manhã conversar co'o pastor;
agradava-me ouvil-o; aspirava-lhe a flor
innocente e silvestre, e o espirito nativo,
e a singela expressão d'esse homem primitivo.

¿Homem? ¡pobre creança! inda não fez quinze annos;
inda traz em botão as crenças e os enganos;
inda vê tudo azul, tudo bom, tudo casto.

Quando na antemanhã sai conduzindo ao pasto
as vaccas do senhor, vai feliz. A alvorada
ri-lhe no coração; e elle, co'uma toada
no flautim pastoril, voz d'estes arvoredos,
saúda o sol que doira o cume aos olivedos.

Á sesta, entre o silencio, ao longe, recostado
nos cômoros da varzea, o pastor socegado
passa horas scismando. Uma tristeza immensa
revela na indolencia. Ó ermos, ¿em que pensa
o pobre solitario?
Eu saía (era perto),
e punha-me a estudar, como n'um livro aberto,
uma alma juvenil; e na sombra a entrever,
n'aquellas ambições, n'aquelle não saber,
a fonte onde Virgilio ia inspirar-se; e ouvia
d'aquelle estro infantil a clara melodia,
a ignorancia monteza, a innocencia, a illusão,
que lhe ornavam por dentro o ingenuo coração.

Não sei porquê; mas sei que ao deixal-o, eu tornava
mais crendeiro, e mais crente. Est'alma, ás vezes brava,
trazia amor a tudo; e o timido pastor
era, sem o saber, o meu inspirador.

Urmeira, Setembro de 1868.

XXXI

SALVE E ADEUS

A um douto Prelado brazileiro (filho de portuguez) na sua primeira rapidissima passagem por Lisboa, indo assistir ao Concilio ecumenico de Roma.

(BRINDE N'UM JANTAR DE DESPEDIDA)

I

Eil-o entre nós emfim. Junto meus votos
aos votos de vós todos. Sê bemvindo,
evangelico ancião, provado athleta
das lides da palavra, alma animada
do sopro do Senhor.

O vasto Oceano
trouxera já teu nome ás nossas plagas;
conhece-te este solo; e voz dulcissima,
a que respondem vozes na tua alma,
hoje murmura em nós: — «¡É elle! ¡é elle!» —

Sabias (¡lá tão longe!) que esta Lysia,
do teu bom genitor mimosa patria,
te era patria tambem; dentro em teu peito
um cantar de anjo bom te segredava
tantas coisas suaves da cidade
que o viu menino, e o despediu do seio
só quando estrella ignota lhe apontava
do aureo Brazil esperançosas plagas.
E então, vias em sonho esta Lisboa
acastellada e esplendida, troando
as suas cem buzinas, a espelhar-se
na bahia do Tejo, como Napoles
bebendo o olor marinho, e alardeando
do occaso ao sol marmoreos monumentos.

Mas em tantas grandezas, como bussola
que procura o seu norte, ¿o que buscava
tua alma aqui? ¿dil-o-hei? buscava, algures,
entre o lençol da basta casaria,
uma casinha branca, onde Elle outr'ora

nasceu, viveu; as arvores que o viram,
o ar que elle respirava, e o templo, o templo
onde elle orava; eis tudo; e isso bastava-te;
vivias n'esse enlevo; era Lisboa
isto só, para ti.

Cumpriu-te o voto
a mão da Providencia: eil-a, a Lisboa
do teu saudoso pae. Entrou de joelhos
tua alma aqui; tua vista anciosa ao longe
pairava sobre as torres e os zimbórios;
e onde a turba só via uma cidade
sorrindo ao sol fésteiro... a alma de um filho,
entre a nevoa das lagrimas sem nome
achava a patria, e um lar, e um sanctuario.
Bemvinda, alma piedosa! ¡ oh! ¡ sê bemvinda!
....

II

Chegaste, e vais partir. Chama-te a Igreja;
quem te reclama é Roma; ¡ ávante! ¡ ávante,
peregrino! não tardes; teu tributo
é a tua Fé. Vai pois.

Já cá de longe
vejo por ti no fundo do horisonte
negrejar uma cúpola; a campanha
estende-se monotona, alastrada
das cesáreas ruinas; atravessas
atónito o deserto, saudando,
aqui e ali, os templos derrocados
do extincto culto, e vais bater ás portas
da gran cidade.
E entraste; a Roma augusta
penetrou na tua alma; entre os destroços
da mentira pagã, campeia o templo
da serena verdade; em vez dos Césares,
a sacra magestade pontificia.
Vive e triumpha Pedro; as gemonias
foram-lhe Capitolio; e o Capitolio
por um fulmineo Jove acclama um Christo.
Onde enxameava a grei descrida, canta
a procissão sacerdotal piedosa.
Caíu a aguia terrifica, e esplendente
entre o escuro phantastico da abóbada
brilha solemne a Cruz.
Tua alma, acceza
no zelo santo, adora; e a tua fronte
beija o solo santissimo de Roma.

. . . .

III

Esta visão, que a Musa me entremostra,
vai cumprir-se tambem. Mais poucos dias,
e eis-te em Roma. ¡Adeus pois! e ao menos possam,
n'esse theatro immenso, onde se avistam
entre prodigios desfilar os seculos,
lembrar-te este cantinho do Occidente,
e os corações que deixas n'esta patria,
corações que são teus.
Outra vez salve,
e adeus inda outra vez.
....

IV

Consente agora
que eu brinde ao teu Brazil, torrão fecundo
de palmas e de heroes, e onde ressôa
em tanta bocca amiga o nosso nome,
o nome de meu pae.

Brindo a essa terra
sincera e nobre, a que o porvir prepara
destinos de outra Roma, á sombra augusta
do Numa imperial.

Brindo ás venturas
d'essa tua piedosa romaria;
ao gosto que vais ter, offerecendo
teu peito e tua voz ao grão Congresso
dos purpurados principes da Igreja.

Brindo á união (que est'hora symbolisa)
dos filhos do Brazil co'os nobres filhos
da grande mãe, da patria portugueza.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1869.

XXXII

9 DE DEZEMBRO DE 1854

Á MEMORIA DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

RESTAURADOR DO

THEATRO PORTUGUEZ

> Eram seis horas e vinte e cinco minutos da tarde de 9 de Dezembro de 1854, quando a alma do grande poeta voou ao seio do seu Creador!.............................
> ....Assim se extinguiu a luz, que durante um quarto de seculo serviu de farol a uma geração litteraria.
>
> Francisco Gomes de Amorím — *Vida de Garrett* (inedita)

Treze annos ha, que entrava ao Pantheon da historia
um vulto collossal, laureado já da gloria.

Treze annos ha que a Patria, ao vel-o submergir,
interrogava em pranto as brumas do porvir.

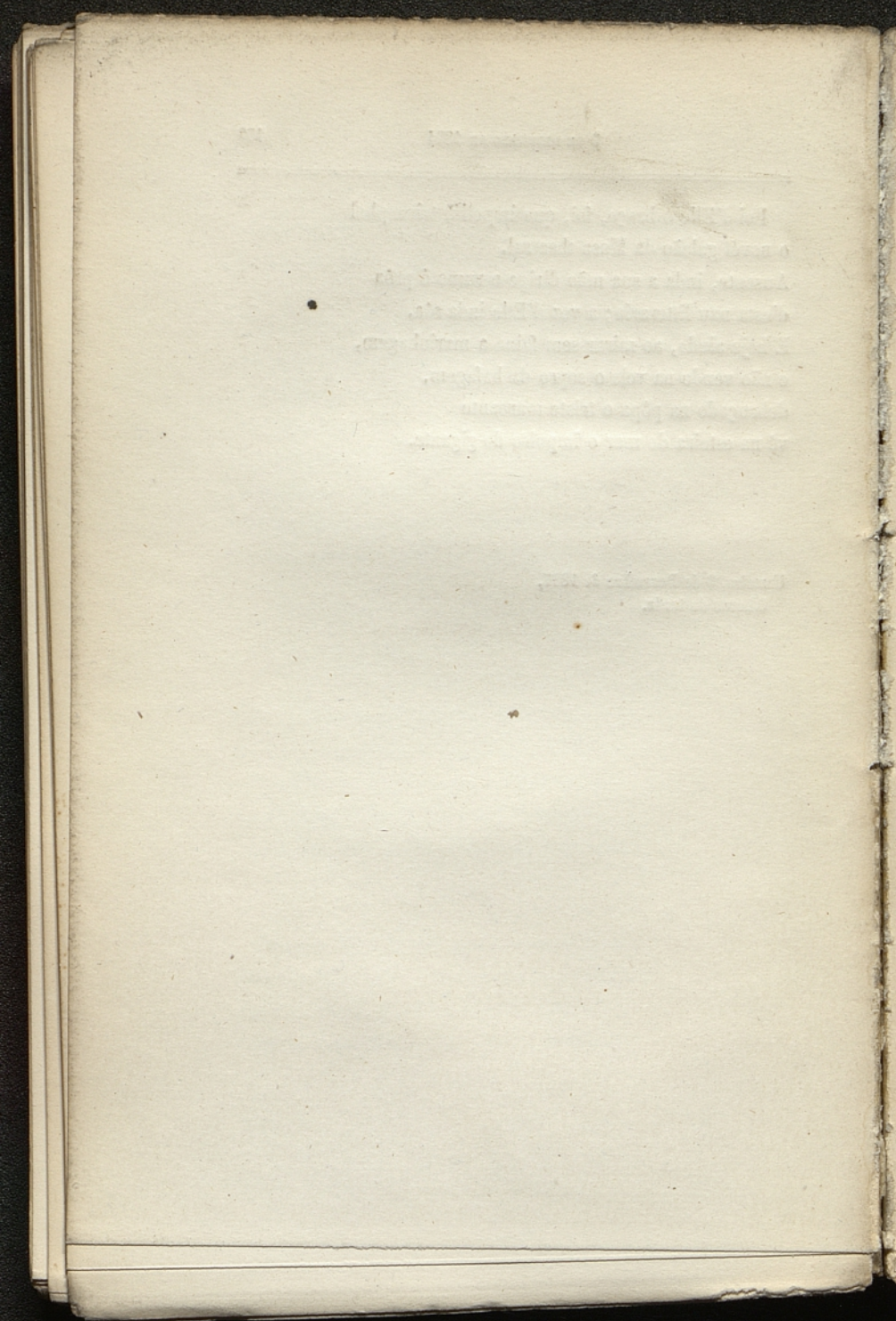
¡Treze annos! N'esta hora aquelle insigne obreiro
exhalava sereno o alento derradeiro.

Parado ao limiar que se abre á eterna gloria,
recordava talvez no espelho da memoria....
¡o saudoso passado! ¡o rumor das cidades!
¡o esplendor do alto mundo, então nem já saudades!
¡as noites do trabalho! ¡os raptos do compôr!
¡os applausos da turba! ¡os extases de autor!
tudo que lhe inflammára a esplendida existencia,
e é nada ante um sorrir (¡um só!) da consciencia.

¡Treze, treze annos ha!!
Na hora em que a singela
dedicação do amigo, augusta sentinella,
velava o moribundo, e chorava.... a Poesia
confrangeu-se de dôr; e na immensa agonia
deixou cair, soltando um funebre lamento,
a lyra, que inda jaz no plintho do moimento.

Junto ao leito da dor ao morto se abraçava
uma creança: a filha. A dor que a espedaçava
não é só d'ella: é nossa. Aquella viuvez
sente-a, como ella e nós, o palco portuguez.

Foi d'Elle o braço, foi, que impelliu triumphal
o novél galeão da Musa theatral.
Ausente, inda a sua mão dirige o rumo á prôa
d'esta nau litteraria; a voz d'Elle inda sôa.
E hoje ainda, ao mirar sem faina a marinhagem,
e não vendo na vela o sopro da bafagem,
debruçado na pôpa o triste mareante
vê na esteira do mar o impulso do gigante.

Urmeira, 9 de Dezembro de 1867,
6 horas da tarde.

XXXIII

AO POETA BOILEAU

(EPISTOLA)

Vir bonus et prudens.
HORACIO—*Art. poet.*

I

Sim, meu grande Boileau; no conversar comtigo
lucra a razão, e o gosto. Um vago effluvio antigo
se bebe do teu livro; e a cada linha assoma,
por entre o bom moderno, o bom de Grecia e Roma.

Do vate no lavor pressente-se o erudito.
Sob o terso crystal do teu formoso escripto,
regio, immortal na forma, e na essencia immortal,
negaceiam sorrindo Horacio e Juvenal.

Ora, látego em punho, açoitas e escorraças;
ora, mais util, vais, entre o estridor das praças,
ditando sã doutrina em metricas lições,
e afinando aurea lyra ao canto dos Pisões.

Um'hora, eis-te na côrte; oraculo de glorias,
cantas da tua França as epicas victorias;
cinges do farto loiro as frontes triumphaes,
e ergues o novo Augusto ao rol dos immortaes.

D'ahi, vais conversar co'o simples do hortelão,
refocillar-te assim do fardo cortesão;
¡e invejar o pão negro! ¡e as choças denegridas!
¡e o dia, tão lidado! ¡e as noites, tão dormidas!

Outra vez, desvestindo a toga hereditaria,
vate e só vate agora, á turba litteraria
levas fraterno abraço; e teu estro a sublima
aos céos onde só vôa o impeto da rima.

Depois com algum raro, em colloquio profundo
a rir vais castigando os vicios do teu mundo.
Fazes do verso estygma; e apenas nado, o vês
festejado, sabido, ¡anexim quanta vez!

Mas, se aponta o verão, lá te sais, fugitivo,
portas fóra, á tua serra, ao teu tugurio estivo,
ao teu ocio fecundo, ás chilreadas sombras,
que dão versos de lei, com que nos hoje assombras,
conversar co'o teu campo, entreouvir-lhe palavras,
e viver (sem comprar) das tuas proprias lavras.
Co'o phalerno caseiro esquece-te a cidade,
e entre os livros e os bois respiras liberdade.
(¿Vês? no tratar comtigo, ó meu grande Boileau,
co'a sombra tiburtina entresonhando estou.)

II

Oh! se podesses vir, incognito, errabundo,
lá do Elysio onde estás, de novo ao nosso mundo,
¡oh! ¡quanto eu não folgára em conduzir-te um dia,
meu amavel phantasma, aonde ess'alma havia
de achar um como irmão, um sabio e estudioso
ermitão do Parnaso, a cuja sombra eu ouso
tanta vez ir pedir doutrina, inspiração;
mestre a cujo portal nunca se bate em vão!

É no meio da encosta em que o Monarcha ostenta
seu marmóreo Versalhe, e ao rez do Tejo assenta
os seus caes e jardins a historica Belem,
mirando e saudando as naos que vão e vêm.

Sim; no meio da encosta; uma extensa alameda;
um palacio no cimo; um pateo. Ahi não veda
ingresso ao viandante a importuna etiqueta;
nem temas que porteiro ou cão grande accometta.
Bate nos argolões, e dise:—«É um amigo.»—
Bastou, e entras bemvindo, e um mestre tens comtigo.

Repára. Sobre a meza, olha, ¿não vês? a vela
d'esta noite deixou, como uma sentinella
que não foram render, um Píndaro entreaberto,
em que a mão d'elle andara ao rabisco.
Ali perto
uma Biblia, alimento á sua piedade,
livro de sua mãe, ¡tão cheio de saudade!

Acolá, na parede, um quadro a oleo. A terna
piedade do filho acha a effigie paterna
n'essa obra de artista; e os olhos de sua mãe
de outro quadro ao pé d'esse o contemplam tambem.
Vê-se em tudo o homem bom, modesto, utilitario.

III

O sitio onde fez ninho o douto solitario
até co'o nome attrai; é um nome de arribanas,
rescendente aos redis; recorda-te as cabanas

de Evandro; pensas n'elle, e nos seus bois latinos,
e nas choças avós dos paços Palatinos.

¡Quanta vez, encostado ao peitoril do lago,
o mestre portuguez deixa em arroubo vago
leval-o o seu scismar.... até o pôr no Lacio,
entre Varo e Tibullo, entre Catullo e Horacio,
n'algum triclinio, em Roma, em casa de Mecenas,
a cuja voz melliflúa os filhos das Camenas
vazam na fôrma heroica os metricos thesoiros,
que hão-de encher de alto assombro os seculos vindoiros!

Outra vez nos jardins da voluptuosa Baias,
com Cicero ou Pompeu, sob o docel das faias
que se miram no golfo, em quanto o sol trammonta
por traz do alto Apennino, e a branca lua aponta
no vasto azul do mar.
Outra vez n'uma horta
junto de Andes, em quanto o Mincio, que a recorta,
sicía entre choupaes, e ao longe os alcantis
soam balir de fato e avenas pastoris.

Sim, meu bom Despréaux, como irmão cada mestre
da eterna escola antiga entra a este lar campestre;
co'o sol pela manhã, co'a lampada ao serão,
e sempre dadivoso, e sempre e em tudo irmão.

Onde entram immortaes, meu velho, tens ingresso.
Vejo o Horacio de Auteuil no magistral congresso.
¡Formosa companhia! aquelle conviver
faz de todos um só; compraz-se em reviver
cada qual, se na estante a mão sabida toca
um voluminho, o abre, e um nome illustre evoca.

Ler Virgilio em tal meio é vivel-o, e admirar,
que, assim como n'um lago, os mais se vão mirar
no escripto d'elle, e encher de vozes melancolicas
as florestas sem fim da Eneida ou das Bucolicas.

IV

Todo o vasto saber que encerra o seu thesoiro,
amontoado a custo, e dia a dia; esse oiro
nobre inveja dos bons, esses dobrões da arte,
o ameno professor sollicito os reparte
co'os sequiosos de luz. E ora a cadeira eggregia,
onde outr'ora o sentou munificencia regia,
o vê, contente e chão, no seu dizer castiço
explicando de Homero o divinal feitiço,
os segredos do Dante, as graças de Nasão,
o sal do venusino, os prantos de Amphião;

commentando, aclarando em paciente estudo
os porquês da belleza, os nadas que são tudo;
ora (movido só da voz da consciencia)
acolhe, amima, applaude, em douta convivencia,
moços, que d'elle a exemplo, uma ancia nobre inflamma
de admirarem com elle os pincaros da fama.
Depois, co'um deus na mente, eleva aos ceos o plectro,
canta os heroes da patria ao som do facil metro,
e insculpe no frontão do Pantheon nacional
novo brazão de gloria ao velho Portugal.

V

Quanto é grave o seu porte, é casta a sua penna.
A satyra loquaz, que tantas envenena,
nunca vem polluir-lh'a; e o puro coração
do seu recto escrever é fonte, e animação.

Colheu por toda a parte: a velha e a nova Italia,
tudo viu; sabe Grecia, Albion, Iberia, Gallia;
Maro, Milton, Camões, Homero, Vega, Ariosto,
foram-lhe commensaes. Robusteceu-lhe o gosto
esse trato constante, esse entranhado empenho
de seguir no Parnaso os próceres do engenho.

Por isso um genio assim, regalão, sybarita,
só se nutre do antigo, o falso gosto evita,
prega as doutrinas sãs, e firma-as com o exemplo.
Por isso, do seu canto, ou antes do seu templo,
vê triste e silencioso a túmida Babel
que tenta e escala os ceos com resmas de papel:
essa faina moderna, essa horda confusa,
que surdiu não sei d'onde, opprobrio á antiga Musa,
voraz como oceano, e como incendio intensa,
furiosa, sem lei, sem rumo: a livre imprensa.
E do alto miradoiro, e immovel, e de pé,
olha, attonito e oppresso, o baquear da Fé.
¡Já arde Ucalegonte! eu pallido contemplo.
No outro lado entre o fumo ahi vermelheja um templ
¡todo a abater! ¡além, o vulto da cidade
surge na escura noite immerso em claridade!
¡atraiçoada luz, que avança e nos devora!
¡lugubre turbilhão! ¡sanguinolenta aurora!!

....

Dize, manso Boileau, ¿tal homem não te apraz?
¿não te sentes melhor, entrando á doce paz
d'essa casta mansão, d'esse seu lar tranquillo?

VI

Como para alegrar-lhe o estudioso asylo,
quiz Deus que um passarinho ali fosse poisar
junto á meza do sabio, e lhe andasse a chilrar,
no idioma eternal das celestiaes creanças,
antegostos do ceo, ¡ saudades e esperanças!
Quiz Deus que um filho, um filho, a aurora do seu dia,
andasse a trastejar na muda livraria,
e o pae, tentando em vão, de um grave assumpto cheio,
reatar o sentido a alguma phrase em meio.
Quiz que a palrea infantil arroubasse os umbraes,
onde só ressoára a voz dos immortaes.

Bemdita a mão de Deus, que ao nobre cedro annoso
casa em verdes festões o alvo jasmim cheiroso!
¡de duas almas fez um unico destino!
¡e uniu ás cãs de um velho as rosas de um menino!

VII

Este é o amigo pois, com que hemos de ir á toa,
aqui, além, lustrando a esplendida Lisboa.

Mostrar-te-hemos Lisboa, o Tejo, os monumentos,
do feliz Dom Manuel os gothicos portentos,
as ruas de Pombal, o Terreiro, a capella
do opulento Dom João, Cintra festiva e bella,
a fastuosa Mafra, a Estrella e o seu jardim,
São Jorge e o seu castello, e tudo, e tudo emfim.

E depois, irás ver no vasto Alcáçar regio
o bondoso Luiz, fruto de tronco egregio,
sustendo com mão firme o sceptro venerando,
e em tudo irmão de Pedro, e filho de Fernando.

Verás o grão Castilho, o apostolo da infancia,
teu alumno tambem na hellenica elegancia;
o douto irmão, brazão da estirpe de Castilho;
o estudioso Alexandre, a tal pae digno filho;
e Ribeiro, alma de anjo em lyra de poeta;
e Amalia, de um Miranda illustre herdeira e neta;
o grave Juromenha; e Corvo; e Celestino;
o faceto, o sagaz, o universal Latino;
no seu tugurio agreste o gigante Herculano;
Cunha; Biester; Vidal; Seabra, o horaciano;
e Camillo, o indefesso; e Rebello, o orador;
Diniz, de Guida e Lena o magico escultor;
o meigo Antonio meu, que apregoou tão cedo
que era neto e honrador de um Sousa e de um Macedo;

o amoravel Cordeiro; o alegre Palmeirim;
o apaixonado Pato; o sincero Amorim;
o mineiro Innocencio; o bom Machado; o vario
talento de Leal; o esplendor litterario
de Chagas; do meu Tullio o coração de lei;
Lemos, em tudo nobre; ¡ e quantos mais que eu sei
virão ao teu triumpho a engrinaldar-te de hera,
n'esta Italia, onde ri contínua a primavera!

Vem pois; ¡ vem, vem! gazeta á tua sombra Elysia,
e anda ver, caro mestre, o teu Parnaso em Lysia.

VIII

Mas¡ ai! não sei, não sei, se esta carta, só escrita
para desafiar-te ao gosto da visita,
te chega ás mãos; não sei; talvez não dê comtigo,
que andará por acaso errante (¡ pobre amigo!)
teu dolente phantasma entre a carnificina
que deixa a tua França inteira... uma ruina!
Impotentes, sem voz, ¿ quem sabe se entre pranto
teus manes não irão correndo canto a canto
essa terra de gloria, onde o estrangeiro zomba,
e fez de heroes sem conto uma vasta hecatomba?
¡Quem sabe!...

¡ A nobre França ! algemada, chorosa,
clama em vão, fere em vão. A espada gloriosa,
quebraram-lh'a ; o inimigo, o barbaro, o invasor,
tala os campos da França, atrôa-os de terror,
colhe o amargoso fruto ao calculo, aos ardís,
e ruge ameaças vãs, co'a mão sobre Pariz.

Ó França ! ¡ ó nobre França ! ¡ eia ! ¡ sacode o jugo !
¡ invoca o teu Bayard, rechaça o teu verdugo !
¡ mais sangue vingador ! ¡ sem tregoas e sem fim !
¡ vai fulminar vingança ás portas de Berlim !
Ás armas ! ¡ ferro e fogo ! ¡ a vingança ! ¡ a vingança !
tu não és só franceza, és europêa, ó França ;
e...
Basta, Musa, basta. ¿ Onde ias ? volve atraz.
O porvir é de Deus.
Peçamos-lhe que a paz,
a larga paz em breve haja irmanado as raças,
e encravado de todo a roda das desgraças.

Eu, no meu nada occulto, encaro os ceos escuros,
¡ e tremo ao contemplar o abysmo dos futuros !
Faço por enganar-me ; abro um livro ; vagueio
no mundo das visões ; e ao passo que vos leio,
ó meu pulido Horacio, ó meu grande Boileau,
co'a sombra tiburtina entresonhando estou.

Lisboa, Outubro de 1870.

XXXIV

A LEITURA

Sola sub rupe.
VIRGILIO.—*Ecl.*

I

Deitado sobre o peito, e co'a fronte na mão,
no meio de um relvado elle a scismar jazia.
Por companheiro á sua solidão
levára um livro, aonde lia.

II

Poisava-lhe o chapéo no chão, mais o cajado;
e elle, de olhos na folha, absorto a meditar;
e ancioso a descobrir, e a contemplar
no livro um mundo inda ignorado.

III

Amor — Melancolia — é o que o livro diz.
E em quanto a doce Julia ahi palpita e chora,
o scismador comsigo a sós bemdiz
o amor e o genio que ali mora.

IV

Pobre é o livro; talvez; mas ¡que subtil misterio!
¡que poesia o illumina! ¡ e que tristeza o ensombra!
É solemne jardim de cemiterio;
vagueia lá de Julia a sombra.

V

E ao passo que o livrinho (¡estranho mausoleo!)
enlevava o leitor, que religioso o lia,
¡elle entrevia o vasto azul do céo
que no papel se reflectia!...

Urmeira, Setembro de 1868

XXXV

PAN

INVENTOR DA FLAUTA

....Inflatam sentit habere sonum.
OVIDIO — *Fast.* L. VI.

— Pára lá. ¿ Que vês além
entre o negro dos pinheiros?
acolá, repara bem,
além onde os olhos puz.

—¿Na massa dos espinheiros?
¿ ali?

— Não; n'aquelle escuro,
onde rompe de chapuz
como uma fita de luz,
sobre um fundo frio e duro.

—¿ Acolá ?

—Sim.

—¿ Que hei-de eu ver ?
vejo uns freixos entre o tojo,
curvados como a correr
á ribanceira do fojo.

—¿ Nada mais ?

—¿ Ali ?!

— De certo :
ali.

— Não vejo mais nada.

— Vês. Repára.

— Vejo... ao perto...
como orlando essa chapada...
os grossos troncos da selva ;
e em roda, e mais pelo fundo,
o verdi-claro da relva...

¡Ah! descobri.

—¿Descobriste?

—Sim; além, meditabundo,
attento, curvado, e triste,
sentado se me afigura
ver... um Fauno... ou coisa assim;
¡vaga collossal figura!
ali; ¿é elle, ou não?

—Sim;
é um Fauno. Adivinhaste.
Vai dobrada aquella haste
formar-lhe a espadoa robusta;
a fronte rugosa e adusta
faz-lh'a esse ramo escalvado;
e aquella ramada esconça
desenhou-lhe a grenha intonsa.
¡Que vigor! ¡como o perfil
se recorta exacto e vivo
co'a rude forma senil!
¡e o corpo! ¡como expressivo
se acurva, attento e subtil!
É o deus Pan.

Nos bons tempos
da antiga mythologia,
o pastor mais bronco e rude
mil phantasmas entrevia,
de passagem, a miude;
devaneava mil figuras
pelos bosques mais sombrios,
na margem erma dos rios,
nas longas noites escuras.
Jurava ter visto um Sátyro
perpassar;
ter surprendido, na lympha
de algum ribeiro, uma Nympha
que ia a fugir e a chorar;
ter entrevisto uma noite,
junto ao *luco* do logar,
¡a aventurosa Diana,
misteriosa, sobrehumana,
a descer, calada, etherea,
como em longa escada aerea,
pelos raios do luar!...

Assim nós. N'este momento,
e em plena crença christã,
vemos além o deus Pan.
Lá está; não rias; o armento

pasta ahi n'essas encostas.
Vê bem: arqueadas as costas,
sentado em rustica penha,
(¿não vês?) todo elle se empenha
no que quer que é. Vai-lhe a mente
no trabalho, na attenção.
¡Que prodigiosa figura!
¡que phantastica illusão!

Vi-o; juro; vi-o; vio-o,
n'aquelle fojo bravio,
o caprino deus das mattas,
solemne, attento, e sombrio,
como quando dos caniços
de algum paúl do Taygéte
engenhava solitario,
e escondido á sombra cauta
dos seus amados pinheiros,
o encanto dos pegureiros,
o seu grande invento: ¡a frauta!

Na expressão pasmada e muda,
na fronte velosa e ruda
do campestre sonhador,
lê-se-lhe a attenção; no porte
a suspensão e o transporte
de inventor.

N'esses magicos instantes,
tudo, tudo lhe esquecia,
ao caprípede poeta,
ancioso de ouvir completa
a sua agreste melodia.

¡Nem lhe lembram as Sylvanas,
que na sésta esvoaçam rindo,
e o sonhar lhe enchem de lume,
quando em trêfego cardume
lhe apparecem lá no Pindo!
¡Nem da Arcadia, a sua Arcadia,
os retiros silenciosos,
nem os *sacellos* piedosos
onde ingenuo altar obtem!
¡nem o canto dos *lupercos*!
¡nem os votos dos pastores!
nem Pitys, que em seus amores
como algemado o retem!
Concentrado á obra immensa,
já não pensa...
¡já não pensa em mais ninguem!

Calado, entregue ao trabalho
na sua fabrica serrana,
termina a flauta de cana,

e sorri meditativo;
ancioso pelo momento
em que, travêsso e lascivo,
a assoprar
algum plangente motivo,
vá pleitear co'a voz do vento
as silvestres harmonias,
e co'o magico instrumento
¡povoar de melodias
toda a Grecia e todo o ar!...

Se ao passar o caminheiro
n'algum concavo de oiteiro,
ou longinquo pegureiro,
escutar da frauta nova
o estranhissimo carpir,
ha-de occulto o deus frauteiro
lá no escuro da sua cova
pôr-se a rir.

A alta Grecia enfeitiçada
sagrou templos, culto, amor,
do grão colmo assim canóro
ao dulcissimo inventor.

Costa da Paiã, Setembro de 1874.

XXXVI

DEPOIS DE UMA LEITURA EM SHAKESPEARE

I

¿Pelos seios da matta, hervosa, emmaranhada,
nunca vos succedeu, ás vezes, na calada
de uma tarde de estio, em quanto aventuroso
cortaveis ao acaso o labirinto umbroso,
nunca vos succedeu de encontrar pelo vago
do bosque, de repente, algum sereno lago,
n'uma clareira larga, entregue a um somno eterno,
como a Estyge sombria entre as soidões do Averno,
perdido em carvalhaes e pinhaes singulares,
e orlado de Tritões e Drias seculares,
e onde só pia a furto uma ave fugitiva,
ou pára, farejando, alguma corça esquiva?

¿Nunca fostes, subtil, espreitar, como a medo,
algum recesso abstruso, inquirindo o segredo
das aves, e pisando as longas ruas de herva,
onde inteiro o passado intacto se conserva?

¿Não fostes contemplar o Tritão macambuzio,
que ha tres seculos vai do torcido e alto buzio
alimentando o lago, e emmugrecendo? Então
surgiu perante vós, como uma apparição,
todo um passado morto; e a triste hora da sésta
reboava para vós eccos de ignota festa;
ouviam-se no bosque as vozes, as risadas,
o tropear dos corceis, a trompa das caçadas.
E ficastes suspenso... (¡oh! ¡ que o sei eu!) suspenso,
á escuta sem saber de quê, no extase immenso,
que as arvores, e o tempo, e as solidões bucolicas,
infundem tanta vez nas almas melancolicas.

II

....

Pois este grande livro àvulta aos olhos meus,
qual solemne floresta, onde entrevejo um deus.

N'ella um mundo vivaz de desusado encanto
attrai, tenta, deslumbra, arrasta, enche de espanto.

N'ella fóra do trilho embrenho-me á ventura,
devassando enlevado os mundos da espessura.

Os gnomos, os heroes, a historia, a phantasia,
passam como em tropel n'esta fugaz poesia.

Caminha-se, afastando a custo a exuberancia
dos ramos sem cultura, e bebendo a fragrancia
das folhas e da terra; ou, se se vôa ao espaço,
em tudo o grandioso, o abrupto a cada passo.

Um verso, uma palavra, ás vezes é o rasto
para um mundo superno; e um antro escuro e vasto
nos espera algum'hora atraz da phrase ousada.

Aqui, desde a valleira a vista, aguia arrojada,
mergulha pelos ceos. Além, do alto dos cumes,
vê lampejar na terra os phantasiosos lumes.

Aqui ergue-se a mente, e do cume da ideia
vê estrellejar de um Deus a face gigantêa.
Acolá chega abrupta a um cume de granito
debruçado entre nevoa aos mares do infinito.

Da vasta selva espanta a rude valentia;
do horisonte embriaga a pallida poesia.
¡E longe, entre o nevoeiro, ergue-se, torvo e fero,
o vulto collossal d'este britanno Homero!...

Urmeira, Setembro de 1868.

XXXVII

MENESTREIS DA RUA

I

Tenho dó quando os encontro,
esses cegos trovadores.
¡Ninguem sabe quantas dores
não custa aquelle cantar!
¡que de occultas agonias,
que vagas melancolias,
nas longas notas sombrias
do seu sombrio trovar!

Faz-me dó vel-os, cançados,
co'os andrajosos boreis,
psalmeando a cada porta,
como antigos menestreis,
a velha chácara morta,
o risonho villancico
do laúde popular,
¡ tão pobre, sim, mas tão rico
em seu singelo trovar !
Tristes cegos trovadores
d'esta ingenua poesia,
¡ ninguem sabe quantas dores,
quanta secreta agonia
não custa o vosso cantar !

II

Pelas praças, pelas ruas,
gira o povo afadigado ;
á rabiça das charruas
o aldeão lavra curvado,
grangeando a parca vida ;
cada bairro é uma colmeia,
onde zumbe, onde enxameia
todo o afan da hnmana lida.

Nos andaimes, nos carretos,
geme o tréfego operario;
o commercio, attento e vario,
de aureas terras colhe o fruto
no amplo bojo das galés;
rugem promptas vastas forjas;
fumam longas chaminés;
pelos caes a faina immensa,
e o mar largo a nossos pés.

E entre tanta lida infrene,
menestreis, ¿ que valeis vós?
¿ quem attende ás vossas trovas?
no vai-vem das coisas novas
¿ quem vos ouve a rouca voz?
Vós, errantes, vós, artistas
sem applauso e sem laureis,
vós das ruas, vós do povo
servidores menestreis,
entre o povo que trabalha,
ociosos, ¿ que fazeis?

Errabundos cantadores,
sob a vossa rude mão
tem gemidos a guitarra
de chegar ao coração;

e nos sentidos arrancos
da tristonha poesia
do vosso longo trovar,
¡ ninguem suspeita que dores,
que desfarçada agonia
não custa o vosso cantar!

III

Andae, rhapsódos obscuros
da epopeia das idades;
reparti pelas cidades
reparti pelas aldeias,
esses cantos sem autor,
essas vagas melopeias
tão cheias de ignota dôr,
essas nossas melodias,
tão singelas e sombrias,
¡ que respiram tanto amor!

IV

¿ Vós inuteis e ociosos?
¿ ¡ ociosos vós?! ¿ que importa

esse apódo da gentalha?
Se de roda se trabalha,
vós tambem, de porta em porta,
ociosos, trabalhais.
Á cidade rumorosa
vós, os tristes, vós, os pobres,
por esses minguados cobres
que thesoiros lhe não dais!

Dais-lhe a muzica saudosa
das toadilhas populares;
um perfume de innocencia,
que lhe lembra extinctos lares;
um farrapo da poesia
descosida e lacrimosa
dos campos de Portugal;
uma nota de alegria,
uma corda harmoniosa,
um lampejo do ideal;
um cantar de monjas tristes
lá nas crastas dos mosteiros;
um tanger de sino ao longe
nas quebradas dos oiteiros,
um tinir das armaduras
dos valentes cavalleiros.

Dais ao povo os seus amores,
os seus risos, os seus ais;
entre os mil trabalhadores
vós d'est'arte trabalhais.
Emprestais o sol da Beira
ás viellas de Lisboa;
temperais co'a vossa lôa
a tristeza popular.
Mas ¡ ai dôr! ninguem suspeita
¡ que fundas melancolias
não custa o vosso trovar!
¡ que de occultas agonias
nas longas notas sombrias
do vosso triste cantar!...

Lisboa, Fevereiro de 1875.

XXXVIII

CESAR E O ESCRAVO

Quando outr'ora se decretavam triumphos, corria o heroe em carroça coroada as vias publicas por entre applausos até ao Capitolio ; mas ao lado da carroça ia um vil escravo a vomitar-lhe injurias.

CASTILHO — (*Camões*, drama).

I

¡ Lá vem Cesar ! ¡ lá vem ! ¡ d'estes degraus do pórtico
ao longe avisto já seu rosto e seus laureis !
¡ Lá vem Cesar ! ¡ lá vem no carro auriflammante !
caminha ao Capitolio ; e Roma ao triumphante,
ao novo semi-deus, deu tigres por corceis.

¡ Lá vem Cesar! ¡ lá vem! d'entre o sussurro e o estrépito
rompe os hymnos de Roma a orchestra festival.
¡ Romanos, eia! ¡ em côro um brado á sua gloria!
¡ Romanas, enflorae-lhe as palmas da victoria!
¡ desnuveae-lhe sorrindo a fronte imperial!

Tres dias folgue Roma. O Imperador sollícito
prometteu festa, e sangue, e vinho, aos cidadãos;
quadrigas e histriões, corceis e luctadores,
e fogos, e naumáchia, e grandes gladiadores,
e a lybicos leões lançados mil christãos.

Tres dias Roma inteira ha-de gosar. ¡ Magnânimo,
bem hajas, tu que vens das plagas boreaes,
glorioso do despojo arrancado aos britannos,
dilatar na tua gloria a alma aos teus romanos,
e mais festões cingir nos feixes triumphaes!

Hemos de vel-a em pezo a nossa Roma esplendida,
no apinhado theatro erguendo a grande voz,
e atroando de alarido a vasto circo Flavio,
desde o plebeu obscuro ao nobre laticlavio
saudar em Cesar magno a honra dos avós.

¡ Lá passa a turba-multa ! ¡ as hostias ! ¡ os arúspices,
de toga roçagante, em grave procissão !
Não tarda já que além no festo Capitolio
brindem a Jove Rei co'o mais real do espolio,
e no cruento altar lhe implorem protecção.

¡ Lá vem ! lá se aproxima entre os tropheos do préstito
o barbaro vencido. As lagrimas da dôr
vêm, desthronado vil, cortar-te o rosto abjecto ;
e os apupos da grei no amplissimo trajecto
mostram-te quanto é grande o nosso Imperador.

Passe o britanno infame ; o reino d'elle é o cárcere.
Mas... ¿que é isto? ¡olha, um rio! ¡uma cidade! ¡e o mar!
¡ que andores ! ¡ que pintura ! ¡ é o nosso acampamento !
¡ e os nossos generaes ! ¡ o assalto ! ¡ o rendimento !
¡ do barbaro o arraial ! ¡ que quadros ! ¡ que fallar !

Marcha a guarda pretoria, e no elmo liso ondulam-lhe,
insignias do triumpho, as ramas do laurel.
O curvo veterano ergue a carranca adusta,
que as aguias triumphaes d'essa cohorte augusta
só a mão d'elle as rege, impavido e fiel.

¡ Silencio ! ¡ Cesar passa ! as trompas mais os cymbalos
restrugem-lhe de em torno ; e elle, sereno, vem,
de pé, solemne, a rir-se ás signas dos guerreiros,
magnifico ao senado, ameno aos cavalleiros,
franco á plebe leal de Roma sua mãe.

¡ Como Cesar é bello ! a recamada tunica
realça-lhe a estatura. ¡ Oh ! ¡ que expressão viril !
¡ É Marte, é Marte envolto em purpurino manto !
Por isso é d'elle o orbe, e a todos vence o encanto
do seu verbo de lume, e porte senhoril.

A applaudir no triumpho as armas de Britannico
chovem turbas a fluz de oppostas regiões :
veio o gallo atrevido, e o africo errabundo,
que em todos os confins do conquistado mundo
troam gloria romana as nossas legiões.

Respiro a peito cheio o teu renome, ó Principe.
O orgulho da mãe Roma exalta os feitos teus.
Cresceu Roma por ti ; ¡ teu pedestal é Roma !
e a fronte, onde refulge essa auriflava coma,
ungiu-t'a o proprio Jove, e alçou-te a semi-deus.

Passou. Desfila em chusma o glorioso exercito,
sobre as palmas que alastra a infrene multidão.
Passaram os peões; vêm ondas de cavallos;
vêm os maniplos. ¡ Povo ! ¡ ávante ! é coroal-os,
pois compraram com sangue a nossa acclamação.

....

....

....

....

....

¡ Lá vai Cesar ! ¡ lá vai ! d'este ádito do pórtico
inda o avisto, e o carro, e os tigres, seus mastins.
¡ Lá vai Cesar ! ¡ lá sobe ao clivo triumphante !
¡ lá entra ao Capitolio o préstito ondulante !
¡ inda oiço de tão longe o canto dos clarins !

Das orphanadas mães ao coração tristissimo
¡ como é lugubre a festa, e quanto a gloria doe !
Engano-me, que a mãe de um morto na campanha
não é de dôr que chora; o morto inda a acompanha.
Sente-se em dobro mãe: de um filho, e de um heroe.

Esfumam-se no vago os *ios* enthusiasticos.
Fenece a pompa.
¡ Ao circo! ¡ ao circo, cidadãos!
¡ e viva o grande heroe, que aos seus applaudidores
dá festa, dá corceis, e vinho, e gladiadores,
e a cem leões da Lybia arroja mil christãos!

II

Fallava assim na turba um romano. E entretanto,
ao passo que subia o cortejo, n'um canto
do carro triumphal curvada uma figura
não sei que imprecações em baça voz murmura.
Em volta o povo em grita acclama o Imperador.
Ali, o escravo, audaz, felino, ao vencedor
arroja turbilhões de insultos, agachado
aos pés imperiaes; cadello acorrentado
á gloria, uivando investe, escumando entre furias,
qual de internos volcões, a lava das injurias.
Gólfa odio em cachões aquella fauce rouca.
Jórra improperio em barda a refranzida bocca.
E entre o clamor geral, e a larga acclamação,
só o Cesar escuta o desprezado hystrião.

Só o Cesar, sorrindo ao povo, ao templo, á festa,
por entre o borborinho attento ouvido presta
áquella voz certeira, ousada, firme, e fria,
que lhe acordou lá dentro o inferno que dormia.

Ninguem, ao vêr de fóra o coche engrinaldado,
marchetado, e luzente, e o grão Chefe adornado
da *toga picta*, e a rir-se á turba como um pae,
oh! ninguem sonha a scena horrivel que ali vai.

—«Não sabes quem eu sou;—diz o escravo—«¡¿e que importa
«quem eu sou!? sou o negro, o cão da tua porta;
«menos que um animal; sou o escravo. Os teus pés
«poisam na minha fronte.
«E tu, senhor, ¿quem és?
«diz-te o mundo que o excelso, o pio, o estremecido;
«eu, que o assassino infame, o ladrão fementido.
«Sim; ¡mal hajas, saião! ¡mal haja a tua festa!
«passa, villão; ¡meneia a laureada testa!
«¡desfarça n'um sorriso o teu olhar cruel!
«¡triumpha! eu, no meu nada, aos pés te verto o fel
«que me vai cá por dentro. Has-de escutar-me firme,
«e entre o adular do povo has-de ouvir-me; has-de ouvir-me.

....

«Recorda-te da noite, em que na Lybia entraste
«vencedor; n'um *aduar* de negros algemaste
«uma familia inteira: a minha. Em vão gemia
«a aldeia escravisada; em nada lhe attendia
«a tua horda; e nós, por tua mão levados
«ao porão das galés, feridos, amontoados,
«sem luz, sem alimento, oppressos, sitibundos,
«jazemos, mortos uns, os outros moribundos.

«Mas não é tudo; espera; inda não disse tudo.
«A voz de Roma é esta; has-de escutal-a mudo.
«Tu no entretanto, e os teus, ás tristes prisioneiras,
«nossas filhas, covarde, e nossas companheiras,
«que fizestes?...

«¡ Que noite! ¡ angustiosa noite!
«foi para vós a orgia, e para nós o açoite;
«para vós, conspurcar no estupro e vilipendio
«vossos nomes romãos; e para nós o incendio.
«¡ Oh! mas vingado estou, que a Imperatriz...»

O escravo
sentiu n'este momento o calcanhar ignavo
do chefe triturar-lhe a testa accezo em furia.
Elle mordeu-lh'o. E disse:

— «Injuria por injuria.» —

III

N'isto chegava o coche ao Capitolio. O incenso
e a orchestra enchem a fluz do templo o ambito immenso.

De pé, sacrificando entre o sagrado fumo,
Cesar graças rendeu no altar de Jove summo.

E a Cesar, entre o incenso, e o resplendor dos lumes,
como de igual a igual sorria o Rei dos numes.
....

IV

Á seguinte manhã, no campo scelerado,
um vil escravo negro era suppliciado.
Rasgava-lhe o tagante a carne dolorida,
e em tratos lhe fugia a opprobriosa vida.
Em quanto uivava a dôr na angustia derradeira,
do triumpho a ebriedade eccoava em Roma inteira;
e em quanto dia e noite em festas se consomem,
pendente ao poste infame ali ficava um homem.

Mas em roda do morto, em porticos, em praças,
só se ouvia reboar na rouca voz das massas,
na temulenta voz da imperial Sodoma :
— «¡Viva Cesar! ¡clemente! ¡e pio! ¡e pae de Roma!...» —

Costa da Paiã e Lisboa — Setembro
a Novembro de 1874.

XXXIX

CASTA DIVA

> Casta diva, che inargenti
> Queste sacre antiche piante,
> A noi volgi il bel sembiante,
> Senza nube e senza vel!
>
> F. Romani *(Norma)*.

No Tejo vasto e só mirava a lua
(¡noite de maio!) os olhos scintillantes.
Ninguem passava na deserta rua.

Á varanda, em mil nadas saltitantes
conversávamos rindo, e allumiava,
mais que a lua, o sorrir das *elegantes*.

A adoravel Condessa enfeitiçava;
sempre hospedeira, sempre graciosa,
para todos um gesto, um dito achava.

O seu terraço, em noite assim formosa,
era uma sala aberta; ¿e onde podéra
ver-se reunião mais deliciosa?

Desertámos das salas, onde impera,
rei sem vassallos, o ferrenho *whiste*.
¿A esse que lhe importa a primavera?!

¿Que importa que a extensão do Tejo triste
se espalme como os lagos de Lucerna?
de nada quer saber; só elle existe.

Acantoado á meza, a gira eterna
o absorve; e nem os versos, nem as flores,
nem os trovões da muzica moderna,

nem a meza dos *albums* de primores,
nem o gralhar das doces namoradas,
nem o garbo dos jovens seductores,

nem as valsas, corridas, rodopiadas,
nem a alegre baralha das quadrilhas,
lhe diz... o que lhe diz... ¡um az de espadas!!

Sim; tudo sai das salas. Vejo as filhas
da seductora *lady*, um grupo lindo,
¡um *bouquet* de *bonbons* e de pastilhas!

Fulge d'alem, dulcissimo sorrindo,
o olhar da scismadora Clementina,
diamante negro de um fulgor infindo.

Ali diviso a tez quasi opalina
de Virginia, a graciosa. Á viva Helena
fulgura um sol na face alabastrina.

Dona Mathilde além, grave e serena,
co'o maternal olhar procura a filha.
Mais longe a loira a esbelta Philomena

entre um grupo loução ressai, rebrilha,
como de noite a fúlgida Diana
entre os milhões de soes da aerea trilha.

Da Baroneza a fronte soberana
domina aquelle grupo. Além, maldosa
discute a elegantissima Dona Anna.

Conspira a miniatura buliçosa
Conchita, sem que a furto lhe apeteça
dos grupos a alegria ruidosa;

em quanto pende a languida cabeça
(para espreitar talvez a lua, o Tejo),
a candida, a bondosa Viscondessa.

N'isto, ao piano, subito, um harpejo
ressoa, vibra; e uma voz cheia, ardente,
luminosa, abre as azas n'um adejo;

e entôa, prolongando-se plangente,
aquella aria immortal da *Casta Diva*,
arranco de um *maestro* omnipotente.

¡Oh! conheceil-a, essa aria sempre viva
nos fundos corações, essa harmonia,
que enche de pranto uma alma sensitiva;

esse arrojo de etherea melodia,
que entre um fosco luar de cemiterio
nos ala aos céos em ondas de poesia.

Conheceil-a; bem sei. No canto, aereo,
sentimental, vibrante, e lacrimoso,
pairava um *quid* de insolito misterio.

Calou-se tudo; e no extase amoroso
vimos, vimos com a alma accesa, álerta,
do ritual bosque o ermo religioso.

Bianco vestita, á luz da lua, incerta
passou da grande Norma a sombra errante.
Aos olhos d'alma a vasta scena aberta

mostrava-nos, intonso e luxuriante
o carvalhal dos drúidas, e o pranto
n'elle eccoava da formosa amante.

Nunca senti nas creações do canto
uma tal impressão; dir-se-hiam mundos
onde eu entrei, de diabril encanto.

Dir-se-hia que os Merlinos mais jocundos,
dos que habitam castellos encantados,
e arroubam cavalleiros errabundos,

me tinha posto aos olhos fascinados
Norma, as Gallias, o bosque, o altar, a lua.
Quando scismo, inda os vejo retratados
no fundo escuro da deserta rua.

Lisboa — Novembro de 1874.

XL

A SOMBRA

Foi cantor. ¡ Oh ! ¡ quanta vez
lhe escutou Lisboa inteira
a voz grande e feiticeira !
¡ quantas noites a seus pés
na doirada vasta sala
toda a côrte em grande gala
lhe acclamava o accezo genio !
¡ quantas vezes o proscenio

se lhe não juncou de flores !
¡ que vezes a commoção,
ante os *bravos* delirantes,
lhe não deixou palpitantes
por entre suaves lagrimas
as fibras do coração !

Foi cantor. Tudo que o mundo
póde dar ás sêdes do homem,
as gloríolas sonoras,
que alimentam mas consomem,
o fasto de algumas horas,
a opulencia de alguns dias,
as ruidosas alegrias
dos triumphos theatraes,
as miragens dos amores,
os arroubos da amisade,
e esse andar de bocca em bocca
nos colloquios da cidade,
ser feliz, ser desejado,
ser o enlevo, ser o pasmo,
fascinar uma plateia,
sollieval-a de enthusiasmo,
tudo o mundo lhe offertou ;
tudo, tudo elle provou.

¿Pois tal vida tinha abrolhos?
Era moço; era atrevido;
tinha um porte decidido;
tinham luz aquelles olhos.

Cada vez que dedilhava
na guitarra de Almaviva,
cada vez que se embuçava
na sua capa sevilhana,
cada vez que modulava
a arieta persuasiva,
cada vez que suspirava
de olhos fitos na *ventana*,
era ver como á porfia
¡cada olhar resplandecia!
¡cada peito era um volcão!
toda a sala restrugia
co'os applausos da ovação.

Cada vez que á luz da lua,
qual phantastico segredo,
o sombrio Trovador
preludiava entre o arvoredo
a canção do seu amor;

cada vez que a voz do amante
desprendia o vôo errante
sob um céo peninsular,
¡oh! ¡que *bravos* comprimidos!
¡que dulcissimos bramidos!
¡que divino perpassar
do calor fugaz da Ideia
sobre as ondas da plateia,
como o sopro de um Deus grande
sobre as vagas do alto mar!

....

....

Uma vez... (¡como é traidor
o pungir dos desenganos!)
uma vez, na flôr dos annos,
e da gloria no esplendor,
quando a vida lhe eram rosas,
quando tudo era um sorrir,
e victorias deliciosas
o preterito e o porvir;
quando a mão das realezas
que se chamam o talento,
a opulencia, o nascimento;
quando todas as grandezas,
quando os povos á porfia,

accendiam mil incensos
ante o genio da harmonia,
cuja insólita magia
os trazia ali suspensos;...
chega um hospede sem nome;
bate á porta mascarado;
lucta; prostra-o; sobre o peito
põe-lhe em pezo os dois joelhos;
e, baldados os conselhos
da sciencia e da amisade,
em tristonho acerbo leito
o deixou como desfeito,
como morto.

¡ Oh enfermidade!
¡ e bastaram poucas noites!
¡ e desfez-se a mocidade!
¡ e desfez-se a gentileza!
¡ e desfez-se a suavidade!
¡ e fugiu-lhe a voz pathetica!
¡ essa voz que tinha lagrimas!
¡ essa corda tão poetica!
¡ essa voz de arrebatar!
¡ e ficou a sombra muda
do cantor; ficou a estatua
alquebrada e solitaria,

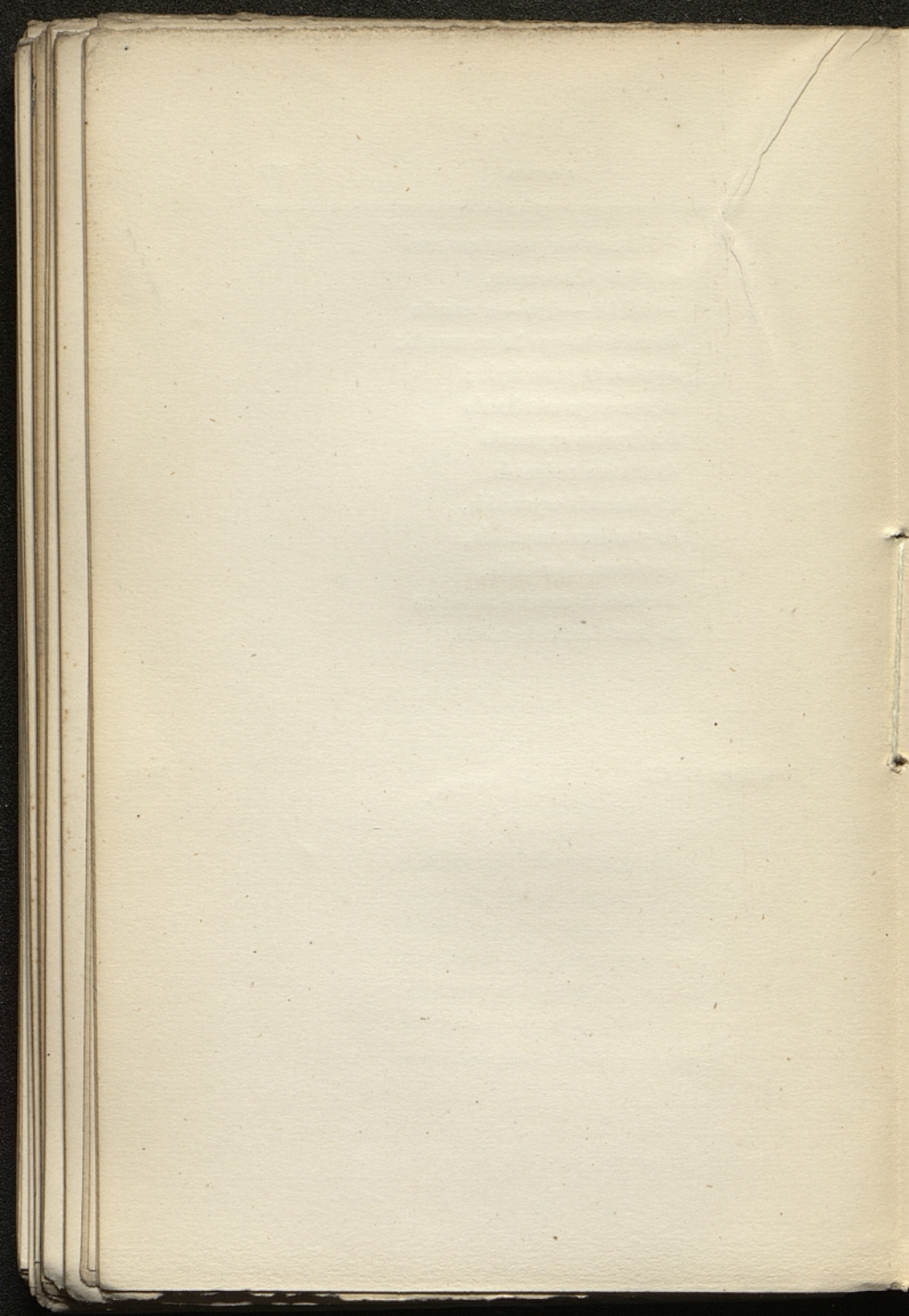
que não sabe enfeitiçar,
desprezada, amaldiçoada,
como o idolo partido
derruido aos pés do altar!

¡Deus! ¡Deus grande! ¡¿e esse homem pobre
é a sombra do cantor!?
dae-lhe a esmola da piedade;
¡Dae-lhe esmola, por favor!
Nem sabeis ¡que abysmo horrendo
é hoje aquella memoria!
¡como os sonhos da sua gloria
lhe são hoje pezadello!

Cada vez que acerto a vel-o,
sinto o mesmo que o viandante
ao entrar no Palatino.
¡Ironia das idades!
¡triste escarneo do destino!

— Ali foi — diz o viandante —
o alto solio das grandezas.
Esses tectos arrombados,
esses fustes, esses marmores,
esses frescos derrocados,
foram festa, luz, dominio,
opulencia, gloria, amor. —

E eu ao vêr passar nas ruas
o infeliz pobre cantor,
— Ali foi — digo — a mansão
do mais alto que ha no mundo :
o genio. O genio fugiu ;
e esse corpo moribundo
é a funebre expressão
da tristeza resignada,
da demencia espavorida,
da grandeza aniquilada,
da viuvez, da solidão.
Respeito ás neves e ao somno
do inerte extincto volcão.

Lisboa, Março de 1875.

XLI

A BOA RAINHA

I

Pelas rótulas altas, ponteagudas,
côa luz multicôr sobre o cruzeiro.
No altar mór, ante as gothicas imagens,
resplende o lampadario. Além, no templo,
ermo e ogivado, avistam-se em penumbra
ajoelhados fieis.

Branqueja um tumulo
sobre leões de marmore. O epitaphio
diz que ali dorme o somno derradeiro
uma boa Rainha, uma piedosa
mãe do seu povo. Ao lado opposto avulta
outra campa real, leito funereo
de um grande Rei.

II

Lá fora, a poucos passos,
cerca do templo, um edificio avulta
(ilhota de bonança em mar revolto);
n'elle a piedade da Rainha alberga,
mantém, veste, allumia, ha cinco seculos,
mendigos recatados, que na sombra,
amparados do braço realengo,
dos vaivens mundanaes acham guarida.

Ao real moimento os lampadarios
velam de noite e dia. Os asylados
d'aquelle doce albergue, ali, tão proximos,
são-lhe outras tantas lampadas accesas.

III

Ide aos in-folios, aos archivos tacitos
dos longos empoeirados pergaminhos;
revolvei no silencio os cemiterios
que se chamam os livros; percorrei-lhes
com mão attenta as desluzidas folhas;
e lêde, n'alguma hora melancolica,
d'esta grande Rainha o testamento.
Ver como os seus anhelos mais queridos
eram todos de amor, de caridade,
pão á viuvez, resgate ao captiveiro,
piedosas fundações, amparo a tristes,
desprendimento e bem querer!

Princeza,
filha suave de Castella, branda
como os ais namorados das tiorbas
no alcaçar de Toledo, ó meiga morta,
que ahi jazes no borel da penitente,
da madre Egreja as orações suavissimas
te envolvam para sempre. Além repousa
o Rei teu doce amor, o homem prudente,
o cavalleiro, o portuguez, o grande.
Jazem por hi, nas esculpidas loisas

no chão do templo avítos homens de armas.
Sob estes mesmos artesões sombrios
dormem filhos do povo, obscuros filhos,
em quem talvez a tua caridade
se empregou, sem saber, doce Rainha!
Todos abrange a sombra hospitaleira
d'esta abobada santa; as mesmas luzes,
e as mesmas orações, vão aquentar-lhes
na fria loisa os carcomidos ossos.
Ouve isto, ó meiga morta, e gose ainda
n'esta certeza a tua caridade.

IV

Baixa o sol.
É a hora. Corre o sino,
o sino grande; a abobada ressôa
o tom do santo bronze. Vem entrando
d'entre a sombra dos curvos corredores
a vagarosa procissão dos conegos.
Chegam a dois e dois. Tomam logares
nas cathedras do côro, a um lado, a outro,
da capella maior. Dois sacerdotes
sobre as estantes largas de pau santo
poisam os livros. Inclinados oram

em silencio. Levantam-se, e começam,
alternados, monotonos, o introito
de um solemne responso de defuntos.

V

Ha seculos que o templo ás mesmas horas
ouve o mesmo responso. Ha cinco seculos
que nos velhos sarcophagos descansam
da trabalhada vida os dois Monarchas.
Quantas gerações vivas têm orado
ante aquelles cadaveres! E os mortos,
quaes saudosos balsamicos effluvios
absorvem com delicia o canto, as preces.

VI

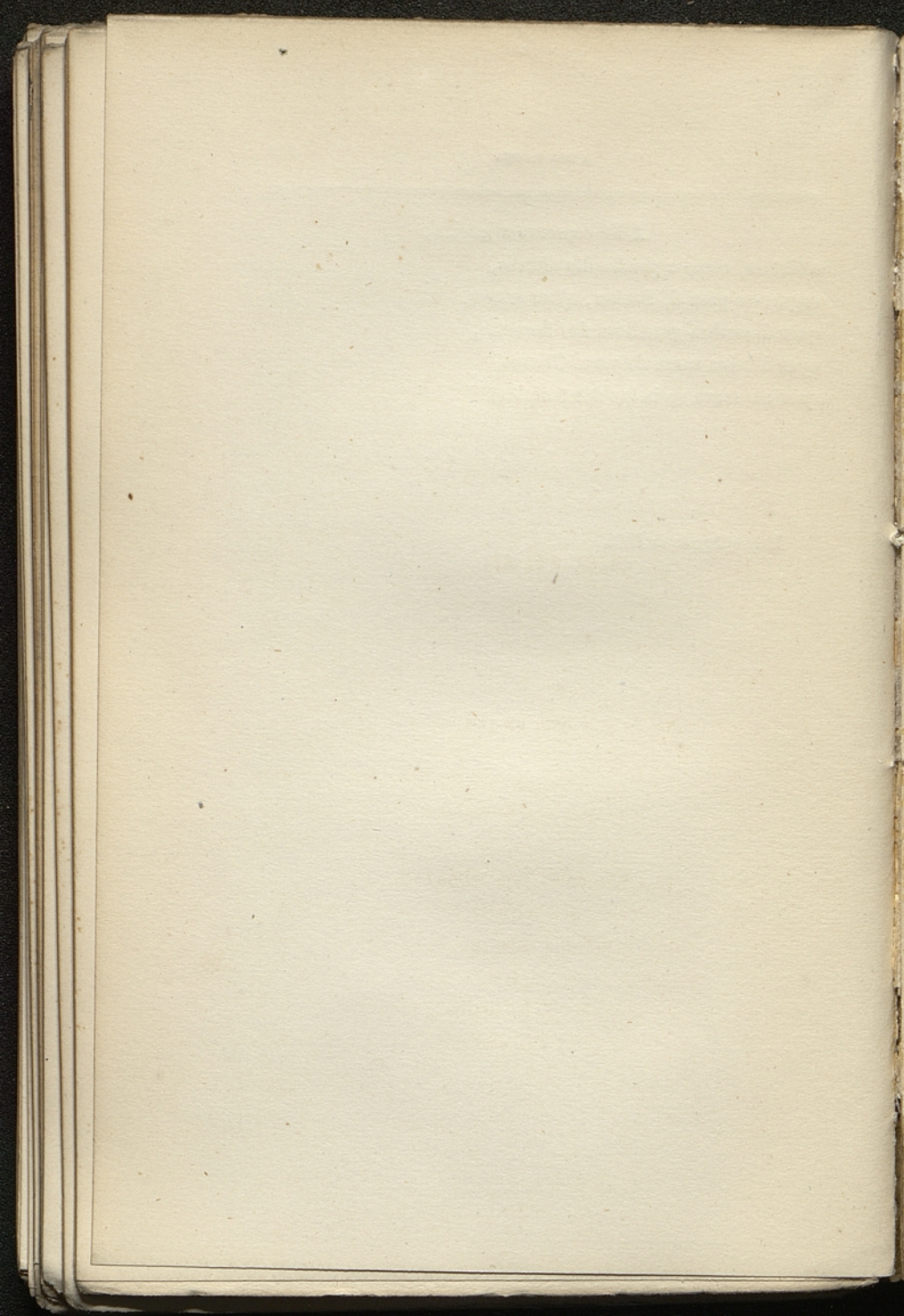
¡A oração! mal sabeis, ó frias almas
que não aquece o resplendor divino,
mal sabeis quanto aos mortos é suave
o ethereo incenso da oração. Nas loisas
estremecem de gosto os nossos mortos,
quando em commercio tacito lhes chega
de amigas orações o terno influxo.

Orae, padres, orae; não só na abobada
rebôa o vosso cantochão: repassa
de almo calor as frigidas ossadas.

Scintillam no ermo escuro ao longe os astros.
Brandas scintillações de amor divino
agitam lá no Empyrio os nossos mortos.
Oremos pois. E em quanto o vão do templo
ressôa, e das ogivas silenciosas
côa mortiça luz sobre o cruzeiro,
elevemos o espirito, libremo-nos
do pó da terra á abobada infinita!

Aqui ao menos, n'esta nave, a occultas
dos pensamentos máus, pode sorver-se
a largos tragos o fervor da crença.
Oremos.
Mundo, mundo, acerbo mundo,
¡ que seria de nós, se longe a longe
não viesse este oasis melancolico
dos confortos christãos! ¡ este suavissimo
antegosto dcs ceos! ¡ estas promessas
de quem não falta!

A Fé conservo-a inteira;
e sinto-a, como a pomba das alturas,
erguer-se para ti, Senhor, n'um extase,
quer á sombra grandiosa das florestas,
quer á beira voraz do vasto Oceano,
quer na suave meia luz dos templos!

Lisboa, Agosto de 1874.

XLII

GALÉS D'EL-REI

29 DE AGOSTO DE 1499

¡Lá vêm galés Tejo acima!
¡lá vêm as galés d'El-Rei!
Quero ir vel-as á Ribeira;
ó madre, comvosco irei.
Lá vêm, lá vêm Tejo arriba,
lá vêm as galés d'El-Rei.

Lá vêm as naus da conquista
sobre os marinhos cachões;
conheço a nau do Almirante
entre os outros galeões,
¡ abertas as azas brancas !
¡ soberba co'os seus pendões !

¡ Oh ! ¡ que espelho é o nosso Tejo,
que essas praias vem beijar !
¡ que lustrosa a nobre armada
que ao Tejo soube tornar !
¡ co'as bandeiras e as trombetas
oh ! que lindo que é o mar !

¿ Ouvis, madre, ouvis além
as buzinas da tornada ?
oiço-as eu na capitaina,
que lá surge embandeirada ;
oiço as gritas da maruja
da nossa valente armada.

Vão os grandes da cidade,
vai toda a côrte d'El-Rei

n'aquelles bateis doirados
saudar a chegada grei.
Vede-as; ¡que lindas são ellas
as grandes galés d'El-Rei!

Surgiram todas em frente
da nossa garrida Alfama.
«¡Chegaram naus! ¡vêm das Indias!»
a vozes o povo clama.
O grão Capitão que as rege,
tem nome Vasco da Gama.

Lá desce da capitaina;
lá entra ao seu bergantim.
¡Vem tão triste o Capitão!
madre ¿quem n-o poz assim?
seu irmão, Paulo da Gama,
que no mar teve o seu fim.

¡Por isso elle vem tão triste!
¡tão triste o Capitão mór!
não lhe valem as riquezas;
nem o ser descobridor,

Chega a Lisboa viuvo
de um irmão, seu doce amor.

Saltou no caes. Lá vem elle,
com seu saio de solía,
com seu barrete redondo,
e a comprida barba esguia,
que nunca mais foi cortada
desde que a barra saía.

¡ Oh ! ¡ quem me fôra o troveiro
que tange em saráos d'El-Rei !
¡ que soláo que eu não faria !
¡ que soláo que eu não farei
aos valentes lidadores
que vêm nas galés d'El-Rei !

Olhae ¿ sabeis ? ha um mar
(que m'o disse João de Sem)
lá nas partes das moiramas,
d'onde a nossa armada vem,
um mar, o *Mar Tenebroso*,
d'onde não volta ninguem.

Pois voltaram, ¡ por São Bento !
voltaram os galeões,
derrocados, destruidos,
co'a força dos vagalhões,
mas leaes, mas portuguezes,
com seus berços e falcões.

¡ Ai ! nas laradas de inverno
agora é que é recontar
¡ longes terras que lá viram !
¡ festas de tanto folgar !
¡ e as riquezas do Oriente !
¡ e as saudades do seu lar !

Na Casa da Mina assoma
alegre o vulto d'El-Rei.
Eirados cheios de gente;
o conto d'ella não sei;
tudo por ver darem fundo
as nobres galés d'El-Rei.

¡ Restruge o ar co'o festivo
retroar das bombardadas !

¡ fidalgos correm as ruas
em vistosas cavalgadas !
¡ tangem os sinos de festa
nas altas torres sagradas !

Madre, ¡ não ser eu mancebo !
¡ não ser eu aventureiro !
¡ nas azas dos meus navios
não correr o mundo inteiro !
¡ que lindo ha-de ser o mar
aos olhos do marinheiro !

Lá sai El-Rei a cavallo ;
atraz d'elle o povo a pé ;
lá vai co'o Capitão mór ;
lá se vão, cheios de fé,
dar graças á Virgem Santa
nas abobadas da Sé.

¡ Que alegrias vão no povo !
¡ oh ! ¡ que saudades matadas !
¡ oh ! ¡ que abraços ! ¡ e que lagrimas
tantos mezes reprezadas !

Madre, ¡ não ser eu marujo
por vir nas nossas armadas!

Vamos correr a Ribeira;
madre, inda me não fartei;
a ver toda a armada surta,
e os seus valentes de lei.
Hei-de sem fim namoral-as,
as altas galés d'El-Rei.

Lisboa, Março de 1875.

XLIII

A MOLEIRA

¡Que estranho tanger de sinos!
¡Como se ouve aqui tão bem!
¡Que arripios tem o bronze
no seu lugubre vai-vem!
¡Que amargo chorar das campas
no campanario d'além!

Foi este o caso:
A moleira
do moinho de Alvalade
quiz ir hontem á cidade
despedir-se do soldado,
que é seu filho, e vai na leva
para as terras d'além-mar;
e entregar ao pobre filho
todo o modesto grangeio
do seu cerrado de milho,
mais do campo de centeio,
mais da horta e do pomar.

Eram dez peças de prata
os haveres da moleira,
fruto de amarga canceira,
delicias do seu sonhar;
amarga não, que o lidar
para um filho pobre e triste,
que já não tem mais ninguem,
traz mil confortos divinos
a uma alma santa de mãe.

¡Jesus! ¡que tanger de sinos!
¡que estranho carpir das campas

no campanario d'além!...

....

Foi. Viu-o. Chorou por elle;
mas fez-se forte ao seu lado.
Elle, o valente, abraçado,
largal-a já não podia.
¡Oh! ¡que tristezas sem fundo,
¡que amarga melancolia,
¡que fugir a vida e o mundo,
¡que espedaçar-se, ¡ó meu Deus!
¡que partir-se aquellas almas
na angustia d'aquelle adeus!

....

Caíu a noite. E a moleira
mais triste que a noite vai.
Cada passo é um suspiro;
cada suspiro é um ai.
Noite de inverno, sombria,
pesada, lugubre, fria,
sem luz de estrellas, sem luz
de lua na redondeza;
noite de amarga tristeza,

de silencio e solidão.
Assim vai o coração
d'aquella orphanada mãe.

....

Que estranho ulular dos bronzes
no campanario d'além!

Vinha vindo; vindo; vindo;
mas co'as torrentes da serra,
que eram grossas, e sem conto,
o rio encorpára a ponto,
que alagava em torno a terra.
E a moleira, que o não viu,
(ou que o não soube temer)
á pressa, em busca da aldeia,
impelle o cavallo á cheia.
¡E a cheia sempre a crescer!

Que noite! a aldeia aterrada
ouve remoinhar o vento,
escuta o vago lamento
d'aquelle roto escarceo;

e dos abysmos sem fundo
vê desabar sobre o mundo
as cataractas do céo.

Todos pensam na moleira
do moinho de Alvalade,
que não voltou da cidade
áquellas deshoras mortas.
Mas ao fim fecham-se as portas;
morrem as luzes da aldeia;
só não morreu a candeia
ante o azulejo do Santo.
Nas viellas entretanto
já não passa mais ninguem.
....

Foi á cidade a moleira;
foi á cidade e não vem.
....
Que estranho tanger de sinos
no campanario d'além!
....

Ao romper d'alva o cavallo
amanhecia ao portal;

mas a moleira... ¡ Jesus !
acharam-lhe o corpo frio
lá bem longe, no choupal,
arrastado pelo rio
na noite do vendaval.

Por ella pois chora o bronze
na torre da velha ermida;
por ella saiu a aldeia
toda de lutos vestida,
a levar-lhe os tristes restos
á sua ultima jazida.

E é angustia verdadeira;
e são arrancos de dôr;
que ella era boa, a moleira,
era filha do Senhor
na suave caridade,
na doçura, na bondade;
e em summa: d'aquella bocca
nasceu mil vezes virtude,
e conforto em agonias;
¡ quanta vez aquellas mãos
bemfadaram de alegrias
aos mais pobres, seus irmãos !

O triste filho, o soldado,
foram buscal-o á cidade.
Veio; viu-a; ahi jaz sosinho
no moinho de Alvalade;
feroz; atonito; oppresso;
não falla; é como um cadaver;
jaz partido de saudade.

Só disse, entre ais doloridos,
que co'as dez peças de prata
que lhe levára a moleira
ha-de comprar uma pedra,
e talhar d'ella uma cruz,
e ir plantar-lh'a á cabeceira;
co'um epitaphio tambem,
que diga estas sós palavras:
AQUI JAZ A MINHA MÃE.
....

E é quasi sol posto. O monte
co'o sol de outono reluz.
Surge a lua no horisonte.
Ajoelhemos ante a cruz.
E em quanto no cemiterio,

junto ao grave presbyterio
descança a extremosa mãe,
oremos nós pelo filho,
ao som do dobre funereo
do campanario d'além.

Abril de 1876.

XLIV

O LIVRO D'ELLA

O livro d'ella; ¿não vês?
¡tem um perfume tão casto!
crê-se encontrar inda o rasto
de algum anjo do Senhor.
Este branco voluminho,
affavel, modesto, grave,
respira todo o suave
dos pensamentos de amor.

¡O livro d'ella! ¡Que mundos
de ternura e sympathia
por essas folhas serenas
de santa melancolia!
¡Quanto allivio a quantas penas!
¡que celeste mélodia!
¡que misterioso clarão
n'estas paginas felizes,
cujas letras têm raizes
dentro no seu coração!

¡Quanta vez este livrinho
lhe foi balsamo e conselho!
¡e quantas (¡divino espelho!)
reflectiu aos olhos seus,
á sombra da augusta nave,
a mistica luz suave
da face etherea de Deus!
E ella, fita, absorta, via
n'esse espelho singular
todo o vasto clarear,
todo o amante misticismo
do solemne christianismo.

Cada texto é um sanctuario,
e um altar é cada estampa

do feminil Breviario.
N'elle fulge o commentario
dos segredos d'além-campa.

A alma sente que em joelhos
n'este livro deve entrar,
como se entra á nave aberta
de uma capella deserta
perdida á borda do mar.

No mar, em frente, os horrores,
os agitados rumores
do maritimo escarceo.
Na capellinha o silencio,
a doce hospitalidade,
e a santa serenidade
dos pensamentos do céo.

Assim n'este livro branco.
Quando ao bulicio me arranco,
e abro o livro melancolico
das suas cogitações,
renasce em minh'alma a esp'rança,
sopra aragem de bonança,
e ergue-se o arco da alliança
do seio das cerrações.

As florídas cercaduras,
as vinhetas, as figuras,
as sacras illuminuras
d'este livrinho de bem,
a flor secca d'esta pagina,
aquelle signal pendente,
¡ quantas lembranças não tem !
São as imagens, e os quadros,
e os altares, e as ogivas,
e o delicioso scismar,
e as Madonnas pensativas,
da capellinha deserta
perdida á beira do mar.

Livro crente, livro amigo,
de um passado ameno e casto
pequenino mausoleo,
de joelhos te bemdigo,
pois que em ti sei ler o rasto
dos pensamentos do céo.

Abril de 1876.

DESPEDIDA

Quando este voluminho ia em meio, ordenou Deus que o autor passasse pela mais cruel das provações da sua vida.

Só os que viram alluir-se-lhes assim de repente, e para sempre, o mais seguro esteio da existencia, avaliam o abysmo de angustias, em que se achou subitamente sepultado este coração de filho; ¡ mormente se considerarem que para elle era aquelle Pae não só um Pae, mas um mestre, um amigo, um grandissimo poeta, um mentor sem invejas, um caracter de oiro, um irmão muito querido, um livro aberto, um confidente, uma estremecidissima companhia nas horas tristes, nas horas alegres, nos ocios, e no trabalho! Parou esta edição por si mesma; é claro. Nem tornou a lembrar. Por isso medeia mais de um anno de lutos entre a data do frontispicio e a do encerramento.

Muito mais mediaria, a não sobrevirem as affectuosas instancias de amigos sinceros. Elles é que hoje impellem para o largo mar da publicidade a barquinha atonita e mal mastreada, á qual tudo já falta, visto querer Deus que lhe faltasse a mão experiente e bondosa do costumado timoneiro!...

Lisboa, 9 de Agosto de 1876

INDICE

	Pag.
Frontispicio	1
Epigraphe	3
Dedicatoria	5
Ao publico	7
I — O ermiterio do valle	9
II — A Cruz do ermo	15
III — A um paizagista	19
IV — Flauta nocturna	25
V — Melancolia	37
VI—Os passarinhos do azinhal	41
VII — Na Siberia	47
VIII — O trovador da aldeia	53
IX — Fé e Razão	61
X — A escola aldeã	63
XI — Á serra	73
XII — A Missa no valle	75
XIII — Gil Vicente	81
XIV — A arribana da horta	97
XV — Sombra e luz	103
XVI — Egloga christã	107
XVII — Gil Vicente e a pintura	111
XVIII — Solidão na solidão	115
XIX — Visões de pastores	119
XX — Virgilio	123
XXI — O Santo Antonio da portada	125
XXII — Lagrimas	131
XXIII — Resignação	133
XXIV — Pastor e poeta	135
XXV — O pária	137
XXVI — O sceptico e a arvore	141
XXVII — A um grande poeta	143
XXVIII — Ocio fecundo	145
XXIX — O annel de Joanninha	147
XXX — O pastor	149
XXXI — Salve e adeus	151
XXXII — 9 de Dezembro	157
XXXIII — Ao poeta Boileau	161
XXXIV — A leitura	173
XXXV—Pan inventor da flauta	175
XXXVI — Depois de uma leitura em Shakespeare	183
XXXVII—Menestreis da rua	187
XXXVIII — Cesar e o escravo	193
XXXIX — Casta diva	203
XL — A sombra	209
XLI — A boa Rainha	217
XLII — Galés d'El-Rei	225
XLIII — A moleira	233
XLIV — O livro d'ella	241
Despedida	245